

Rev. 1525. [V.] M

# SERÕES



REVISTA MENSAL  
ILLUSTRADA

## SUMMARIO

O MEZ DAS EIRAS — O INTERIOR  
DA TERRA. — SCAPHANDROS. — A  
ARCHITECTURA DA RENASCENÇA  
EM PORTUGAL. — UM DOMINGO NO  
CAMPO — DE LISBOA A MOÇAMBI-  
QUE — TELOPHOTOGRAPHIA — GAVOTA  
— O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ —  
MODAS — SCENA DE SALÃO — VARIEDADES

VOL. III

JULHO — 1902

NUM. 43

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis



# SUMMARIO

	Pag.
<b>O MEZ DAS EIRAS.</b> — <i>Com 9 illustrações</i> .....	3
<b>O INTERIOR DA TERRA.</b> —ENTREVISTA COM O SABIO MILNE. — <i>Com 6 illustrações</i> .....	11
<b>SCAPHANDROS.</b> — <i>Por</i> SOUZA VITERBO.....	16
<b>A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL.</b> — <i>Por</i> ALBRECHET HAUPT.— <i>Com 10 illustrações</i> .....	18
<b>UM DOMINGO NO CAMPO.</b> —HISTORIETA COMPLETA. — <i>Com 2 illustrações</i> ...	31
<b>DE LISBOA A MOÇAMBIQUE.</b> — <i>Por</i> ANTONIO ENNES. — 2. <sup>a</sup> PARTE — <i>Capitulo III.</i> —QUELIMANE. A CIDADE, OS RIOS, O CHINDRE. — <i>Com 4 gravuras, reproducções de photographias</i> .....	41
<b>TELOPHOTOGRAPHIA.</b> — <i>Com 5 illustrações</i> .....	45
<b>A Kermesse.</b> — <i>Quadro de</i> TENIERS.....	49
<b>LE BALLET DU ROY.</b> — <i>Gavota de</i> LULLY.....	50
<b>O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ.</b> —ROMANCE. — <i>Com 2 illustrações</i> .....	52
<b>MODAS.</b> — <i>Com 3 gravuras</i> .....	61
<b>Scena de salão.</b> — <i>Quadro de</i> GEORGES CAIN.....	64
<b>VARIEDADES.</b> —MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — LEIS DE NOBREZA EM PORTUGAL. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIA. — POBLEMAS. — XADREZ.....	1

## 43 GRAVURAS

**AVISO.**—N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao II volume da Revista. Pela encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	<b>3 numeros</b> .....	<b>600</b>
		<b>6 numeros</b> .....	<b>1\$200</b>
		<b>12 numeros</b> .....	<b>2\$200</b>

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por :

**Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3\$000**

*remettendo* á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.



Os **SERÕES** publicam

em o numero de agosto

# Batalha da Vida

POR BENTO MORENO

Conto expressamente escripto para esta Revista pelo eminente romancista **TEIXEIRA DE QUEIROZ**. autor de **Antonio Fogueira**, dos **Noivos** e da **Caridade em Lisboa**, e de muitos outros que compõem a sua vasta obra da **Comedia do Campo** e **Comedia Burgueza**.

---

## LOPES, LOURENÇO & C.<sup>TA</sup>

Proprietarios da **CASA AMIEIRO**

Confecções  
para  
homem  
e  
senhoras



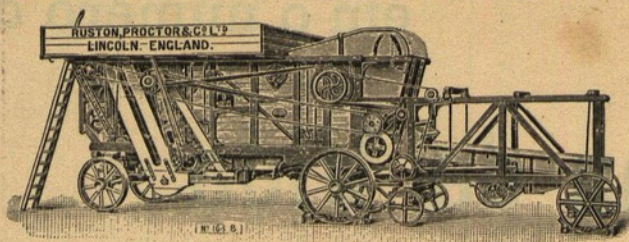
Sortimento  
completo  
de  
tecidos  
de  
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.º



# Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.<sup>o</sup>, L.<sup>TD</sup>



Agente geral em Portugal e colonias

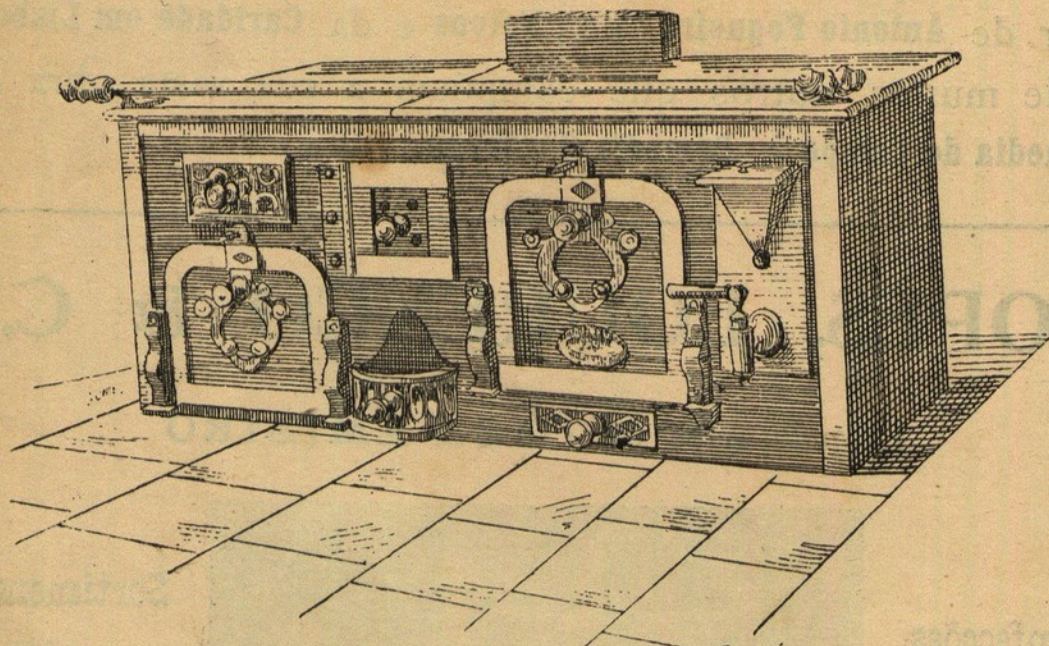
**CARLOS CORRÊA DA SILVA**

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

---

**MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE**

**MANUEL PATRONE**



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

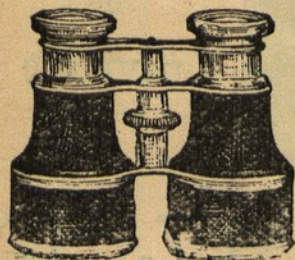
**RUA DE S. PAULO, 109**

---

**J. J. RIBEIRO & C.<sup>A</sup>**

**INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA  
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.**

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia  
**OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES**



222, RUA AUREA, 226

LISBOA









W. W. H. 1837

W. W. H. 1837

No ESTIO. — QUADRO DE LEADER





FLORES E FRUCTOS. — QUADRO DE P. P. RUBENS

## O MEZ DAS EIRAS

PARA a usual commemoração artistica do mez ou da estação, que vae passando, reproduzimos tres quadros que nos pareceram suggerir pela impressão d'arte as emoções que se recebem n'esta quadra do anno: — uma deliciosa paisagem que no correr tranquillo das aguas diminuidas, em mansa queda, na serena copa das arvores, na immobilidade geral, traduz a sensação quente, estival, enervante, dos campos onde um rio pôz ainda o refrigerio consolador; — um outro trecho de campina vasta, indefinido, a perder de vista, na hora em que o rebanho vem acolher-se á sombra escassa d'um grupo de eucalyptos, todo unido no seu caminhar pesquisador da pequena herva tenra, todo entregue á satisfação do appetite, todo indiferente á vida, que o rodea, na exclusiva preocupação de conservar a propria; — um gracioso grupo de amorsinhos, levando ajoujados uma grinalda de flores e fructos, como quem leva comsigo toda a graça e todo o perfume dos campos e dos pomares, toda a delicadeza saborosa e todo o colorido enebriente que entrelaça e confunde a corolla das flores á polpa dos fructos, mimoso e a um tempo exuberante quadro do pincel pagão do grande Rubens.

Se n'estas illustrações quizemos fazer o quinhão de arte imaginosa como registo do

momento do anno, damos, nas seguintes, reproducções de vida real, surprehendidas pela sensibilidade artistica de amadores photographos, a quem a visão do campo em pequenos trechos isolados não só dispertou o desejo de fixar o aspecto gracioso, como tambem avivou no espirito a significação social da imagem reproduzida. Photographar uma eira na sua rusticidade primitiva, sobre a qual avulta o monte dos bagos de trigo dourado, fixar na volta da estrada a feira de carros que em volumosa carga trazem as ceifadas espigas das herdades dispersas á grande eira central, desenhar n'um simples incidente os costumes da campina ribatejana, ou reproduzir o aspecto das opulentas medas de trigo, producto da grande lavoura, não é simplesmente colher em flagrante o trecho paizagista, é conjunctamente glorificar em religioso respeito a colheita, a abundancia do lar, o divino pão, o mais assombroso producto da actividade e da intelligencia humana que levou seculos a transformar a planta, a flexivel graminea, e que no gradual e evolutivo fabrico fixou o testemunho irrefragavel da intuição superior e da tenacidade invencivel.

Tem o mez de julho, o mez das eiras, este singular poder de suggestão, que dos aspectos campesinos leva a reflectir sobre as



mais complexas questões sociaes; e para que a nossa commemo.ação occasional se não limite á fórma artistica e se complete com sua significação economica, aproveitamos o conselho para recortar do primoroso livro de Anselmo d'Andrade, o *Portugal economico*, alguns trechos em que elle define, compara, revela e critica a situação do nosso paiz com relação á mais importante producção agricola, sem a qual não existe, não se alimenta, nem se renova a sociedade humana — a colheita e o consumo do pão. Transcrevendo com a devida venia as considerações e os dados estatísticos que o douto economista e prestigioso homem de estado enfeixou sobre o assumpto, fazemos vulgarisação de conhecimentos que encerram lição proveitosa e irradiam estímulos.»



«Pela sua importancia na alimentação e no valor das importações, têm o primeiro lugar, nas estatísticas commerciaes das substancias alimenticias importadas, os cereaes e os fariñaceos em quantidades medias de 150 milhões de kilogrammas, e em que o trigo entra sempre com 80 a 90 por cento. O *deficit* do trigo na Europa é, em numeros redondos, de 6:000 milhões de kilogrammas, e calculando-se o consumo annual medio de cada um dos seus habitantes em 180 kilogrammas, vê-se que ha nos paizes da velha Europa 33 milhões de individuos, que devem o seu pão quotidiano á importação americana e asiatica. D'esses 33 milhões, quasi um milhão é de portuguezes. Assim, em quanto o *deficit* geral do trigo na Europa é sómente para 8 e meio por cento da sua população total, é em Portugal para 16 a 18. Com as provadas aptidões da região transtagana, e de uma parte da Extremadura, para a producção de cereaes, e em duas provincias onde as terras incultas cotadas abaixo das altitudes improductivas são extensissimas, não é por certo uma utopia de economista esperar um augmento de producção nacional, equivalente pelo menos ao nosso *deficit* de cereaes.

Quando se lêem as estatísticas do nosso commercio, são profundamente melancolicas as impressões que a sua leitura nos deixa, ao vêr-se que n'um paiz de tão variadas aptidões culturaes como o nosso, e onde a industria fabril não constitue occupação predominante, é necessario pedir ás nações estrangeiras um supprimento de substancias alimenticias, no valor de 12 mil contos, para a subsistencia d'uma população sobria, pouco numerosa, e onde a capitação do territorio agricola, sendo de quasi dois hectares, é muito mais do que o necessario n'um systema de

cultura apenas regular, á sustentação de cada habitante. N'um bom regimen de cultura intensiva, suppõe Thaer que um hectare cultivado póde dar para a sustentação de 68 pessoas. Já acima fica dito que na Belgica 100 hectares dão para 168. Entre nós dão apenas para 44. Na Inglaterra, na Hollanda, na Allemanha e na Belgica, onde tambem é grande o *deficit* das substancias alimenticias, representa este capitulo, relativamente ao total das suas importações, percentagens que vão de 20 a 35 por cento. Em Portugal é quasi um terço. Sómente a Inglaterra nos excede, mas a Inglaterra tem apenas 80 ares de territorio por cada habitante, e paga as subsistencias, que compra ao resto do mundo, com productos manufacturados. Nós temos de pagar em ouro.

Nos outros paizes o *deficit* relativo das subsistencias é menor, e são mais os recursos de pagamento e os meios de saldo. Comtudo é cousa que preoccupa seriamente todos aquelles, que mais ou menos pensam nos destinos sociaes, estarem as mais ricas potencias da Europa vivendo dos excedentes da America e da Asia, em troca de productos industriaes que estes paizes cada vez procuram menos, pelo desenvolvimento que vão tomando as suas industrias locais. A propria Inglaterra, que pelas suas especiaes condições viveu durante muito tempo despreocupada d'estas difficuldades, já começou a assustar-se, ao vêr que as importações de cereaes da India se multiplicaram vinte vezes, e que esse mercado lhe vae ao mesmo tempo fugindo, batido pela industria indiana e pela depreciação da prata, que a protege contra a concorrência britannica.»



«Estes temores, um pouco malthusianos, têm a sua razão de ser em paizes de população densa e progressão rapida, de 193 habitantes por kilometro como na Inglaterra, de 224 na Belgica, de 152 na Hollanda, de 98 na Allemanha, e onde o quinhão de terra susceptível de dar productos naturaes, correspondente a cada habitante, é pouco, e ainda com tendencias para diminuir pelo crescimento rapido da população, cujo augmento medio annual é nos referidos paizes de 9 a 12 por milhar. Entre nós, porém, com uma densidade de 56, uma taxa de progressão de 8 por milhar e 2 hectares de terra por habitante, ao passo que em nenhuma das outras nações comparadas excede um hectare a quota de terra por individuo, não ha razões naturaes que justifiquem o enorme *deficit* de substancias alimenticias, que constantemente perturba a nossa economia.



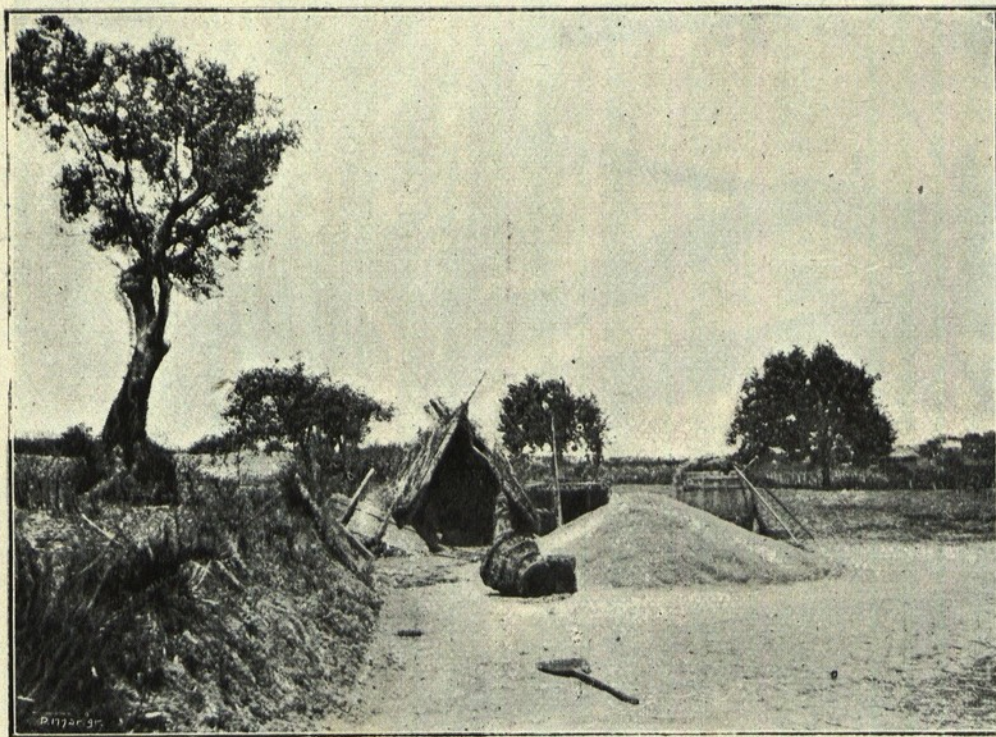


NA CAMPINA. — QUADRO DE LEROLLE



O rendimento nacional da produção agrícola foi avaliado ha alguns annos, n'um relatório que a esse respeito publicou a repartição do commercio, agricultura e industria, em 84 mil contos. E' verdade que os elementos, em que assentavam esses calculos, não offerciam as melhores garantias de segurança, mas considerando o rendimento collectavel da propriedade rustica, e avaliando no seu quintuplo o valor da produção como n'outros paizes, não deveria esse valor exceder 95 mil contos. Actualmente o rendimento bruto da produção agricola do reino não pode ser inferior a 110 mil contos. Esse rendimento é hoje avaliado na França em 14 mil milhões de francos, na Austria em 11 a 12 mil milhões, na Belgica em 2, e attribue-se-lhe na Inglaterra um valor approximado ao da França. Comparando estes rendimentos agricolas, vê-se que na França correspondem a 66 mil réis por habitante e 48 mil réis por

a um *deficit* individual de 2\$400 réis, ao passo que esse *deficit* é na Hespanha, na Italia e na Grecia, que são paizes comparaveis ao nosso pela sobriedade dos habitantes e deficiência das produções, de 9 pesetas, 7 libras e 10 drachmas respectivamente. Não é porque as não possam produzir, que as nossas terras não dão todas, ou quasi todas, as substancias alimenticias necessarias á subsistencia da população portugueza. E' simplesmente porque lhas não pedem pela cultura. A Belgica, por exemplo, que tem 224 habitantes por kilometro quadrado, e que não é mais favorecida do que nós pelas condições culturaes, importa do estrangeiro um quarto das suas alimentações. A sua agricultura sustenta pois 168 habitantes por kilometro quadrado. Na mesma proporção poderíamos sustentar 15 milhões. Não sustentamos quatro. Quasi todas as nações da Europa padecem d'este *deficit* de subsistencias. O capitalismo tem



UMA EIRA NO TERMO DE LISBOA

hectare, na Austria a 49 e 33 respectivamente, na Belgica a 60 e 118, e na Inglaterra a 60 e 74. Em Portugal apenas corresponde a 22 mil réis por habitante, e 12\$400 réis por hectare.

D'esta deficiência de produção agricola provém o enorme *deficit* das nossas subsistencias. Para supprir esse *deficit* importam-se annualmente substancias alimenticias n'um valor medio de 12 mil contos, correspondente

dado á civilização um feito, que a faz desviar do cultivo das terras e da produção alimentar para a industria e para o commercio, mas entre nós nem a agricultura nos sustenta, nem o capitalismo serve a industria ou o commercio de tal modo, que estes factores de riqueza dêem para pagar o que importamos.»

• • •

«Nem o arroteamento de uma parte da su-



perficie inculca, nem um rendimento maior tirado das terras já cultivadas á custa de melhores culturas, seriam cousas impossiveis, ou sequer difficeis, e não tardariam a eliminar da nossa balança economica a mais importante verba do seu passivo. E' isto o que se tem feito em todas as nações, que possuem excepçoes recursos d'outra ordem. A superficie cultivada de trigo em França era em 1830 de 47 mil kilometros quadrados. Em 1840 era já de 55 mil. Em 1850 foi de 60 mil. Em 1870 subia a 67 mil. Em 1880 era de 69 mil e em 1890 attingiu 71 mil. Por meio de progressivos arroteamentos trouxe-se á cultura do trigo, durante aquelle periodo, uma área de 24 mil kilometros quadrados. Os progressos no rendimento da producção por unidade de superficie foram ainda maiores. Em 1820 a producção media por kilometro quadrado calculava-se em 950 hectolitros, mas em 1830 foi já de 1:050, em 1840 de 1:160, em 1850 de 1:480, em 1860 de 1:510, em 1870 de 1:530, em 1880 de 1:460 e em 1890 de 1:540. Hoje é de 16 a 17 hectolitros por hectare. Mostram estes algarismos que a progressão no arroteamento das terras de trigo na França, durante aquelle espaço de tempo, foi de 51 por cento, e na producção, de 79. Tomando a média de dez colheitas nos diversos paizes do mundo, verificase que o rendimento em hectolitros. por hectare cultivado, é o seguinte :

Dinamarca .....	31
Inglaterra .....	28
Hollanda .....	27
Suecia .....	26
Belgica .....	24
Allemanha .....	18
França .....	17
Austria-Hungria .....	15
Hespanha .....	14
Grecia .....	11
Italia .....	11
Russia .....	9

No fim d'esta lista vem Portugal. Está em ultimo logar com 8 hectolitros, e parece estar ainda assim favorecido. E' mais do que se dizia no Relatorio dos lavradores de Beja, onde a producção media do trigo era calculada em 7 a 8 sementes, correspondentes a 5 ou 6 hectolitros por hectare, visto que a sementeira de cada hectare em todo o sul do reino é de 70 a 90 litros, conforme a quali-

dade das terras. Com muito terreno inculco e pouco rendimento no cultivado, a producção relativa ao numero dos consumidores é necessariamente deficiente. Assim se explica ser a producção de trigo, em quasi todas as nações, maior do que em Portugal, tanto em relação aos habitantes como á extensão dos



A CAMINHO DA EIRA

seus territorios. O numero de litros de trigo produzido nos diversos paizes da Europa, relativamente a cada habitante, é o seguinte:

Bulgaria .....	433
Romania .....	420
França .....	213
Servia .....	200
Hespanha .....	164
Austria-Hungria .....	155
Italia .....	146
Russia .....	119
Belgica .....	101
Dinamarca .....	88
Allemanha .....	70
Grecia .....	68
Portugal .....	62
Hollanda .....	45
Suissa .....	44
Suecia e Noruega .....	42

Exceptuadas a Hollanda, a Suissa e a Suecia, todas as outras nações da Europa, produzem mais trigo do que Portugal em relação ao numero dos seus habitantes. São, porém, excepcionalissimas as condições d'aquelles tres paizes. Na Hollanda é muito limitada a região do trigo. Metade do paiz é





MÉDAS NA HERDADE DO SR. MIGUEL FERNANDES, ARREDORES D'ÉVORA



um fôfo tapete de verdura, onde pastam centenas de milhares de vaccas descansadas e fartas. Sómente ao sul ha uma região cereal relativamente vasta, medindo ao todo 700 a 800 mil hectares, mas não é trigo nêo o centeio que ahi principalmente se cultiva. E' o espelta, que soffre menos com o inverno humido e frio, e que dá melhor pão do que o centeio. Além d'estas, e de muitas outras compensações de riqueza agricola, ha uma forte cultura de plantas industriaes, ha as ricas e lucrativas producções dos jardins do Harleem, e por cima de tudo ha ainda uma densissima população, que faz naturalmente baixar n'esse paiz a capitação do trigo. A relativa inferioridade da Suissa tem egualmente facil explicação. Mais de metade da sua superficie está tomada pelas cumiadas alpestres, pelas neves eternas, pelas encostas pedregosas das montanhas e pelos seus mares interiores. Da parte explorada, occupam os prados uma extensão cinco vezes maior do que em Portugal, e as florestas representam n'aquelle paiz um sexto da superficie total. São compensações agricolas, que fazem da pobreza helvetica em cereacs uma riqueza comparada á nossa. Na Suecia-Noruega mais de metade das terras estão incultas, e da outra metade está coberta de florestas uma superficie não inferior a 60 % da sua extensão. Assim ha apenas 20 % da superficie total do paiz repartidos por todas as culturas, o que explica melhor do que em Portugal a baixa da capitação.»



«D'este confronto do nosso paiz com as outras nações da Europa, conclue-se que, exceptuados aquelles tres paizes, onde as condições physicas determinam fatalmente outros modos de cultura, é em Portugal que a producção de trigo é menor por habitante. Se a esta comparação se dêr maior generalidade, tomando para seus termos a nossa producção media por um lado, e a de toda a Europa por outro lado, não resultarão para nós mais agradaveis impressões. A producção total do trigo na Europa está avaliada em 525 milhões de hectolitros, o que corresponde a 138 litros por cada um dos seus 380 milhões de habitantes, ao passo que a producção em Portugal dá apenas 62 litros de trigo por cada habitante. De qualquer maneira que nos comparemos aos outros paizes, resulta sempre da comparação uma assignalada inferioridade, que não se apresenta nem menos expressiva nem menos melancolica, se a estabelecermos em relação á superficie territorial de cada paiz. Nas diversas nações da Europa, produz-se o seguinte numero de hectoli-

tros de trigo por cada kilometro quadrado das suas superficies totaes :

Belgica.....	230
França.....	228
Bulgaria.....	222
Romania.....	213
Italia.....	167
Austria-Hungria.....	103
Servia.....	102
Hollanda.....	72
Allemanha.....	69
Hespanha.....	62
Dinamarca.....	49
Portugal.....	37
Suissa.....	34
Grecia.....	27
Russia.....	19
Suecia-Noruega.....	4

D'esta vez o nosso numero de ordem subiu um ponto. No tocante á comparação das producções com as superficies, ha quatro nações que nos estão inferiores. Da Suecia-Noruega e da Suissa já se disse porquê. A differença está em que a Grecia passou para baixo de nós, e a Hollanda cedeu o seu logar á Russia, mas a Russia estaria muito acima de Portugal, se na comparação da superficie fosse descontada a enorme extensão das florestas, que tomam mais de um terço do imperio. Da Grecia não se póde dizer que seja um termo de comparação sufficientemente consolador, tendo deixado reduzir a sua producção a pouco mais de metade do que era ha alguns annos. Não ha tambem muito tempo que a Turquia nos estava inferior, mas hoje, até mesmo fóra da Europa civilisada, n'aquelles restos ainda barbaros, se tem adiantado mais do que em Portugal a producção do trigo.»



«Actualmente falta para o consumo nacional milho e meio de hectolitros de trigo, mas de aqui a alguns annos, ainda que o accrescimento annual da população não passe, como tem sido até agora, de 85 habitantes por dez mil, as necessidades do consumo obrigarão a successivas importações, acompanhadas dos respectivos exodos de ouro parallelamente crescentes, se a nossa costumada lentidão não apressar mais o passo. Bastarão sem duvida cinco ou seis annos, para que a população do continente do reino se tenha elevado a 5 1/2 milhões de habitantes, e então, em vez de milho e meio de hectolitros, serão precisos dois milhões ou dois milhões e meio, caso a lavoura portugueza não tenha acudido em proveito publico, e no interesse seu, a provêr de remedio esse temeroso *deficit*.

Disse-se temeroso. Temeroso e inexplicavel. Antigamente arrotear terras para semear trigo podia ser uma arriscada aventura. Muitas vezes custava o trigo mais na eira do que



valia no mercado. Nem sempre recolher significava ganhar. Trabalhava-se sem se saber por que preço, e gastava-se sem a certeza do reembolso. Depois, na evolução dos direitos protectores, chegou-se á fixação dos preços, podendo-se dizer que se creou para os capitaes empregados na cultura do trigo uma verdadeira *garantia de juro*. Sabe-se que o capital é egoista e desconfiado, mas por mais desconfiado que elle seja, não póde deixar de acreditar n'uma garantia mais solida do que qualquer outra, porque é constituida n'um genero de primeira necessidade, e sobre um preço minimo fixado para além do do que já se pode chamar remunerador. Não falta terra, porque a terra sobeja. Não póde faltar o capital, porque ha para elle a mais firme de todas as garantias de juro. Não falta mercado, porque a producção não chega para o consumo. Comtudo, fóra do districto de Beja, onde parece ter-se entendido melhor o beneficio protector, continuam os agricultores a plantar vinhas sem limite, para fazerem vinho que se não vende, e pouco ou nada adiantam a cultura do trigo, que no seu actual regimen de excepção tem preço bom e venda certa.

Não o affrontam no mercado nem a especulação nem a concorrência. As leis da procura e da offerta tambem o não dominam. A importancia das colheitas internas, os saldos existentes, a producção estrangeira, o custo dos fretes e dos cambios, são elementos reguladores das vendas e dos preços em

todos os mercados, mas a tudo isso, que opprime os nossos vinhateiros, e traz em plena crise a viticultura portuguesa, escapa o trigo nacional, favorecido por um privilegio, que seria iniquo e gravemente perturbador abolir, mas de que se não poderá justificar a prolongada existencia, se tal regimen não tiver por fêcho e termo a completa extincção do nosso *deficit* de cereaes.»



Com effeito, n'este proposito e com a ajuda do bom Deus, nos ultimos dois annos, menor tem sido este *deficit* e alguns milhares de contos se tem distribuido no paiz, como irrigação opportuna que germina riquezas. Estas permittirão, sem duvida, fazer depender menos da fortuna varia das estações, e mais dos accrescimos de cultivo e de seus aperfeiçoamentos, o proveito social a recolher dos privilegios estabelecidos a favor de classe especial. Que a eira, junto da qual se cogulam as douradas espigas, não desperta tão sómente, mesmo quando a vemos reproduzida em quadro emotivo, a recordação dos folguedos da mocidade; aquelle terreiro abençoado lembra-nos logo a abundancia no lar, os annos felizes e prosperos da casa paterna, o necessario esforço a empregar pela vida para ter direito ao pão de cada dia, e a sua imagem, ampliada pela imaginação, reúne n'uma só méda gigante a colheita do paiz que deve ser o opulento celleiro de nós todos.





## O INTERIOR DA TERRA

*Publicando n'um dos ultimos numeros d'esta revista um artigo sobre os pontos fracos da terra, quer dizer, seguindo sobre as linhas de fractura da crusta terrestre uma rapida visita aos vulcões do mundo, acompanhando-a d'uma succinta e popular exposição das theorias que explicam o funcionamento d'aquellas collossaes chaminés, mal podiamos pensar que a publicação do nosso artigo precedesse apenas d'alguns dias a catastrophe da Martinica, dando áquella nossa descripção uma estranha actualidade. A proposito do muito que a imprensa tem publicado ácerca d'aquelle sinistro caso, damos no artigo, que segue, uma idéa geral da constituição do nosso planeta, o que nos parece curioso e complementar do que já aqui se esreveu.*



SUPPONHAMO-NOS transportados pelo pensamento ao observatorio de Shide, na ilha de Wight, ao gabinete de estudo do celebre professor Milne, junto da sua mesa de trabalho, toda recoberta de livros e de papeis espalhados. No tranquillo ambiente volatiliza-se subtil um perfume acre mas delicioso; talvez alguma estranha essencia do Japão. N'uma estante, ou resguardo de crystal, ao lado, um relógio electrico bate pacientemente os momentos, com o seu grande dedo indicador apontando a toda a hora os signaes de numerosos instrumentos, n'aquella impassibilidade fatidica perante a vida que foge, medidor infatigavel dos dias e dos prazeres, das noites e das desventuras, annos apoz annos, sempre.

Mais além está a automatica campainha de signal que annuncia qualquer tremor de terra na Islandia ou na America do Sul, ou nas torturadas costas da Terra-Nova. N'este momento imagine-mos silenciosa a medonha campainha em cujo inicial botão carrega a tremula terra. Nenhumas noticias chegam, através do globo, n'este dia, da crusta excavada das ilhas de Bornéo ou do fundo alteroso do Oceano Pacifico. Para outra vez nos demoraremos a escutar-lhe as vibrações sinistras. O velho assumpto da sismologia, sciencia que se occupa dos terremotos, não nos prende agora a attenção; mudemos de rumo; desçamos a outra região, áquella sobre que assenta todo o terreno firme—ao interior da terra.

Que poderá dizer-se d'elle? Que se poderá saber? Ouçamos o sabio professor que amavelmente nos sorri.

—Sabemos que é quente — disse elle — talvez tão quente como o sol. Sabemos que a terra, n'um momento, se perdeu do sol e desde então, errando no espaço em volta d'elle, tem estado a condensar-se e a esfriar.

— E quanto tempo tem levado a resfriar ?

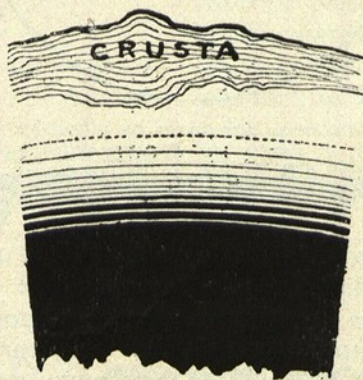
— Lord Kelvin, um dos mais eminentes cerebros da sciencia contemporanea, diz que vinte milhões de annos; porém ha geologos e paleontologos que pedem pelo menos cem milhões para tal effeito.

— E pensa que poderia ter conservado todos esses annos o seu primitivo calor ?

— Porque não ? Encontramos hoje lava fundida dentro de rochedos que tem estado cincoenta annos, e mais, a resfriar na espalda de um vulcão. E' o mesmo principio; quanto mais dura fôr a crusta, mais vagarosa é a perda de calor. Se suppozer muitas centenas de kilometros de espessura n'essa crusta poderá mesmo deixar de haver resfriamento.

— E aquella regra do augmento regular da temperatura para o interior ?

— Um grau Fahrenheit por cada cincoenta e um pés que descer ? Bem sei. Mas a regra applica-se só até certa distancia. Ora, calcule para si. Uma milha para baixo dá um augmento de 100 graus, dez milhas 1.000 graus, trinta milhas 3.000 graus — isto é, a mais elevada temperatura que conhecemos. E' a temperatura da chamma do oxy-hydrogenio no maçarico. A platina funde-se, o ferro trabalhado liquifaz se, o oiro evapora-se; todos os nossos rochedos da superficie se derreteriam alli. Vá quarenta



*Mostra a constituição da terra: a crusta exterior, a camada simi-fluida, o nucleo rígido*



milhas mais para baixo e terá a temperatura de 4.000 graus, vá cincoenta e terá 5.000 graus; e assim por diante até a profundidade de mil milhas e poderá cifrar a temperatura de 100.000 graus — que é absurda. A temperatura da terra augmenta mais e mais, vagarosamente, á medida que se desce, mas a partir d'uma certa profundidade o grau de augmento difficilmente se comprehende possível. Este é o ponto de vista geralmente aceito.

— Até que distancia se deve determinar essa certa profundidade ?

— Até 200 milhas.

— E além d'esse limite chega-se a um grande mar das mais estranhas materias dissolvidas ?

— Pelo contrario, chega-se a um pequeno mar de materias derretidas, ou antes, a uma camada semi-plastica, semi-fluida, por sobre a qual vaé boiando a crosta da terra e que para o centro se fórma e se consolida n'um grande nucleo de rigida materia.

Olhei espantado para elle. — N'um grande carôço de rigida materia ?

— Sim; as minhas experiencias e as de outros homens de sciencia, para demonstração da theoria dos tremores de terra, indicam que o nosso globo, exceptuando aquella pequena parte semi-fluida, é pelo menos duas vezes tão rigidô como o aço. Ora ouça e attenda bem. As vibrações d'um terremoto,

as ondas sismicas, partindo d'um dado ponto através da massa da terra, digamos para exemplo do Japão, chegam á ilha de Wight, onde estamos, em deseseis minutos, o que é quasi duas vezes mais depressa do que se tivessem percorrido á mesma distancia através do aço rigidô. Quanto maior é a rigidez, sabe, tanto mais rapida é a lei de velocidade na transmissão da onda.

— Estas ondas sismicas propagam-se através da terra em linha recta ou transmittem-se integralmente em todas as direcções, pelo interior e pela superficie, como as ondas sonoras ?

— Estou inclinado a julgar que na sua origem ellas irradiam para todas as direcções.

Hei de mostrar-lhe alguns sismogrammas, registos de vibrações da terra, assignaturas authenticas dos tremores de terra, que levam a esta conclusão, e os quaes tambem explicam o estado interior do planeta.

O professor foi buscar e abriu um livro onde estavam colladas as fitas de sismogrammas, cada uma contendo as linhas brancas e rectas, entrecortadas de pontos ou de ilhozes, e dentadas onde a agulha monstruosa registou os tremores de terra.

— Aqui tem — continuou o professor, — um sismogramma do Oceano Indico do Sul que mostra o que eu poderei chamar echos sismicos; mas antes de entrar n'este assumpto, deixe-me dizer-lhe que as ondulações transmitidas através da nossa terra chegam aqui, a Shide, dezoito minutos depois de terem partido de Bornéo, que não representa grande excesso de tempo sobre o necessario para que ondas similhantes façam similhante viagem desde as Indias occidentaes. Isto surprehende-o ?

— Com effeito, quer-me significar que Borneo está muito mais distante ?

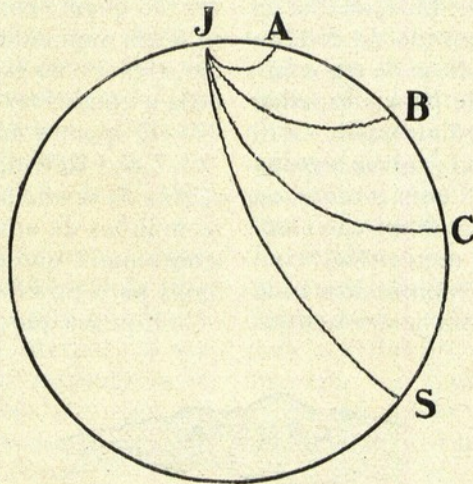
— Exactamente. Cêrca de 2.000 milhas.

— Então como podem as ondas vir de Borneo para Shide quasi tão depressa como das Indias occidentaes ?

— Porque, vindo em maior profundidade através da terra, propagam-se mais depressa, o que nos leva á conclusão de que a terra se torna mais elastica quanto mais proxima do centro. De algumas observações, que estão aqui á nossa disposição, o dr. Knott inferiu que a

elasticidade que permite a propagação de uma certa classe de vibrações, augmenta de 1,2 por cento por cada milha de descenso. E' difficil explicar-se por qualquer outra theoria esta maior velocidade de transmissão.

Assim reconhecemos sempre que dos pontos do globo, quasi oppostos a nós, as ondas sismicas viajam muito mais depressa do que d'outros quaesquer, simplesmente porque passam mais perto do centro da terra ou da região de maxima rigidez. Por outro lado, reconhecemos que de pontos do nosso hemispherio as ondas caminham para nós tanto mais vagarosamente, quanto menos profundos, são os segmentos através dos quaes venham, quer dizer, d'uma região menos rigida. Este phenomeno invariavelmente verificado em todos os nossos observatorios sismologos perturbou inteiramente a velha theoria de que o interior da terra fosse liquido, livremente movediço, e demonstra evidentemente que a



*Mostra o curso das ondas ou vibrações sismicas, a partir de J, chegando mais depressa a S do que aos outros pontos.*



terra, comparada a uma laranja, tem por baixo da pelle ou crusta superficial, sobre a qual vivemos, uma massa muito mais rigida do que aquella propria crusta.

— Todavia extremamente quente ?

— Por certo.

— Tão quente que tudo derrete ?

— E' verdadeiro dentro d'uma região limitada, a qual fórma a pequena camada viscosa de que lhe falei, massa molle na parte inferior da crusta.

— Porque não ha de ser igualmente liquifeita em toda a extensão ?

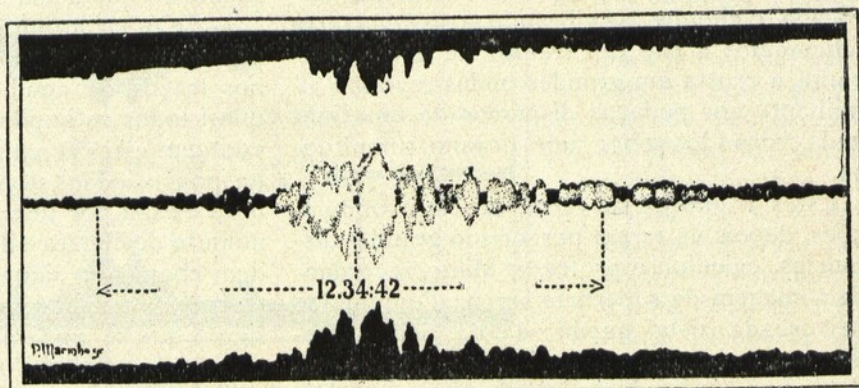
— Por causa da pressão exercida pela parte superior. N'uma profundidade de 200 milhas, aquella deve attingir 600 toneladas por pollegada quadrada, bastante provavelmente para comprimir reduzindo novamente a estado solido o rochedo ou o metal derretido. Em todo o caso deve alcançar-se depressa uma profundidade em que a pressão seja grande bastante para produzir aquelle resultado. Sabe a lei geral, que o calor dilata e o frio contrahe ?

— Sim.

— Pois bem, ha razões fortes para estabelecer que a maior parte dos metaes e rochedos

terior da terra—o interior da laranja por baixo da pelle—com quanto potencialmente liquido, é realmente solido, e extremamente espesso.

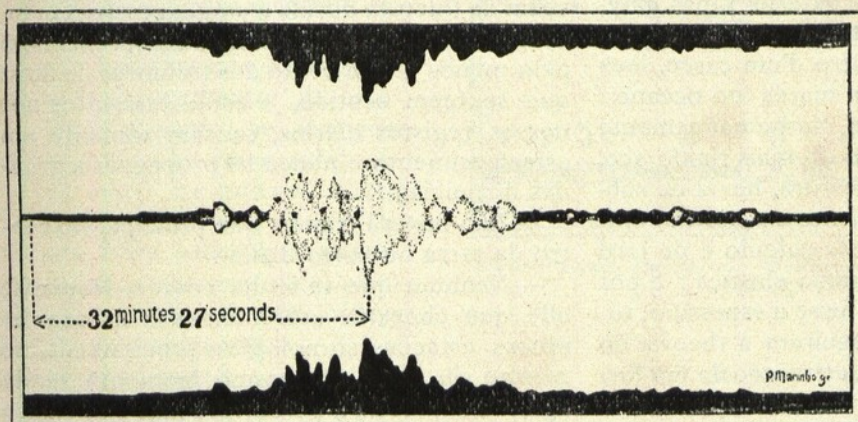
— O que quer significar por potencialmente liquido ?



Sismogramma do mesmo tremor de terra do Mexico, registado na ilha de Wight

— Quero dizer que se transformaria immediatamente em liquido, se a pressão fosse suprimida. E' bastante quente para estar liquida, fundida, mas pelas leis da materia não póde estar sem se dilatar, e não póde dilatar-se em quanto estiver comprimida com o grande peso que tem sobre si. Deve entender-se portanto, que a terra originariamente liquida, tornou-se solida sob duas influencias, uma do exterior para o centro por pressão, outra do interior para a superficie por esfriamento, e estas duas influencias foram actuando simultaneamente até que se compensaram, produzindo uma casca solida exterior e uma materia solida interior, pelo que se póde chamar á região critica, simi-fluida da terra, uma região que alimenta a lava dos vulcões.

O professor Milne continuou em considerações sobre o que succede n'este subterraneo campo de batalha, todo coberto de rochedos que se abatem intermitentemente, e onde a



Sismogramma d'um tremor de terra no Mexico, em janeiro de 1899, registado em Swarthmore

deixariam de se derreter com o calor, se os impedissem de se dilatar. Ora, se tiver uma porção de metal fundido que já se tenha dilatado durante a fusão, pode reduzir-o assim mesmo ao estado solido se lhe applicar uma grande pressão, assim como pode solidificar o ar liquido, pondo-o sob grande pressão. O in-

pressão e o calor estão sempre em rija lucta, fazendo com fortuna varia, como a dos combates humanos, do solido, liquido, e do liquido, solido. Como a crosta superficial esfria, contrahe-se em innumeras rugas, exactamente como a casca de uma laranja que vae seccando ; sendo essas rugas montanhas alterosas e



valles profundos, por contracção espherica devem comprimir e ajustar-se ao mesmo tempo em sua disposição superficial; e quando uma area insufficientemente escorada se excava, ou quando uma das vigas do pavimento continental se quebra, cahindo em baixo na camada viscosa, simifluida, n'uma medonha derrocada, o choque vae vibrando através da terra (chamamos a isto um tremor de terra), e levanta a crusta em grandes ondas revoltas, semelhante aos pedaços dispersos de uma jangada vogando sobre um oceano tumultuoso.

Estes tremores de terra, ou estas ondulações, depois de terem percorrido grandes distancias, calculou o professor Milne, recordando a imagem da superficie serena d'um tanque perturbada pela queda d'uma pedra, medem entre as cristas de vinte a quarenta milhas; e as corôas da ondulação elevam-se dois ou tres pés acima do nivel normal, de forma que toda uma cadeia de montanhas, ou uma planicie inteira, ou uma cidade, erguem-se dois ou tres pés, depois afundam-se da mesma quantidade, mas tudo a um tempo e tão egualmente que só os instrumentos sismographos lhes são sensiveis. Londres, Lisboa, Nova-York e todas as cidades do mundo são levantadas e deprimidas por esta forma muitas vezes durante um anno. Apoz um choque mais violento estas grandes intumescencias da terra persistem por muitas horas, dispendendo-se na elevação dez ou vinte segundos e outro tanto para se afundar.

— Então é perfeitamente elastica a superficie da nossa terra ?

— Certamente, na parte exterior; mas a hypothese de um liquido interior contido n'uma esphera solida, como dentro d'um casco, leva ao absurdo de que não ha marés no oceano: por quanto demonstra-se mathematicamente que mesmo um envolvero do mais rigido aço, de 500 kilometros de espessura, havia de submeter-se flexivel e obediente ao enorme empuxão do sol e da lua (este calculo é de lord Kelvin) como se fosse gomma elastica: e por esta forma qualquer que fosse a espessura, tomada por aquelles que seguirem a theoria do casco contendo liquido, a attracção da lua formaria uma grande onda de terra que acompanharia o movimento do satellite, exercendo-se oscillação, sem duvida, sobre as aguas, mas em conjuncto, de forma a conservar-se apparentemente tranquillã. Teriamos marés de terra, não teriamos marés de agua.

— Porém não se empola a terra sob o empuxão da lua ?

— Os nossos instrumentos ainda até agora não revelaram tal effeito com exactidão. Todavia é possivel que instrumentos mais deli-

cados possam vir mostrar a existencia da onda na terra provocada pela attracção da lua.

Voltando novamente ao livro de sismographias o professor Milne continuou á sua demonstração de que o interior da terra é mais rigido do que a sua superficie.

— Se olhar attentamente para estas fitas de papel, notará a repetição da mesma figura nos traços da agulha. Os sismogrammas de quasi todos os importantes tremores de terra contem estas repetições, ou como as defini ha pouco, echos sismicos. A agulha enregistadora oscilla por minutos, descreve um certo numero de ilhozes e de zigue zagues, que se podem chamar os signaes, as características do tremor de terra (e muitos d'elles trazem consigo o que se poderá denominar a marca do correio da origem d'onde provêm) e immediatamente depois repetem-se as mesmas ilhozes e zigue-zagues em menor escala como se fôra uma copia em miniatura. Por vezes seguem-se mais uma ou duas repetições e o echo vae desaparecendo finalmente, esbatendo-se como ao longe vae diminuindo um som, de sorte que, mesmo á lente, não se reconhece com facilidade a similhança entre o ultimo autographo mais pequeno e o primeiro original.

— Todas as perturbações sismicas provêm, do que se chama a região critica da terra ?

— De módo algum. Os tremores de terra são de duas formas distinctas. Ha-os devidos a collapso na região critica que faz com que a superficie da nossa terra arfeje similhante ao respirar de immenso monstro, e ha os que provêm de fractura devida a uma excessiva curvatura da crusta. Estes ultimos que comprehendem pelo menos 95 por cento dos tremores de terra que se teem sentido, e estão inscriptos nos nossos registos diarios, causam sómente um estremecimento e nunca se propagam a grandes distancias.

— Não haverá tremor que principie no centro da terra ou perto d'elle ?

— Nenhum que se tenha notado. Houvesse elle que chegaria evidentemente a todas as nossas estações sismologicas precisamente no mesmo ou quasi no mesmo momento, tendo eguaes distancias a percorrer; mas isso nunca succedeu. Ha sempre differenças de tempo no registo de sismogrammas, correspondentes ás variadas distancias do ponto de vibração.

E' da comparação d'estes differentes sismogrammas que se obtem a localisação precisa de qualquer tremor de terra.

— Deve portanto concluir-se que o interior abaixo da região critica, está em tranquillidade ?

— Sim; tranquillã e inerte.

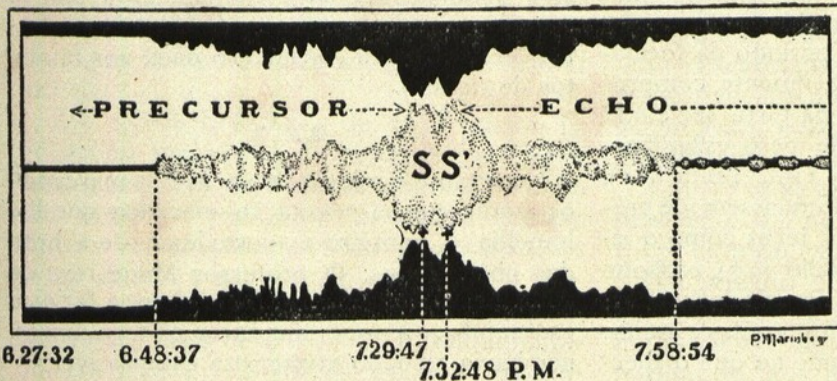


— Uma silenciosa e rigida bola, intensamente quente ?

— Sim.

— Brillhante, luminosa, como o ferro fundido, se a laranja fosse descascada ?

não repetir o que dissemos em outro artigo, nota ainda o professor Milne o augmento de condensação do nucleo interior. As conclusões deduzidas dos registos dos sismogrammas são confirmadas pelos calculos e deducções dos geologos e dos astronomicos, sendo opinião geral que toda a massa da terra tem um peso especifico de pouco mais ou menos 5,5, sendo o peso especifico da crusta de 2.5; em outras palavras, que a terra é semelhante a uma bala de artilharia recoberta de madeira ou de couro.



Sismogramma mostrando os precursores e os eccos do temor de terra de junho de 1898 no oceano indico, ao sul, registado na ilha de Wight

— Indubitavelmente; mas n'esse caso deixava de ser uma tranquilla e rigida bola.

— O que seria então ?

— Um grande spheroido coberto de um oceano em fogo. Porque se a crusta fosse eliminada a pressão que conserva solido o nucleo interior desaparecia e o que era apenas potencialmente liquido ficaria por sua vez realmente liquido.

— Liquido até o centro ?

— Não, só até uma profundidade tal que o peso do oceano liquido de lavas exercesse sufficiente pressão para manter o estado solido. Então principiaria de novo o resfriamento da superficie e o enrugamento da crusta. Gradualmente se formaria uma outra terra como esta, sómente mais pequena, tanto quanto a espessura da casca eliminada. Deve saber que os nossos vulcões existem pelo combate da crusta exterior contra as camadas subjacentes.

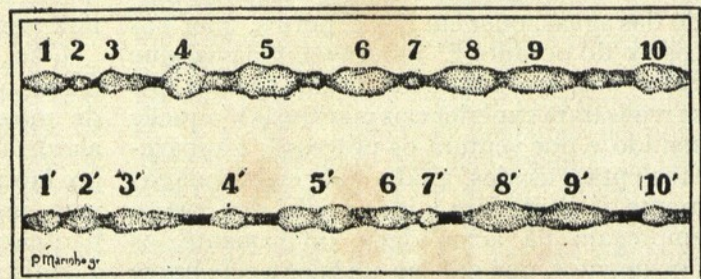
— Como assim ?

— Pela contracção da superficie da terra que arrefece, ha uma tendencia em se crear espaços cavernosos na crusta sobre qualquer região critica que pôde conservar-se quieta por seculos, mas quando as aguas se forem infiltrando n'elles, ou fôrem penetrando pela acção capillar, ou alli se engolpharem por fenda ou factura, determinam-se os phenomenos das erupções.

Depois de diversas considerações que omitimos sobre vulcões e sobre a sua theoria para

de pelo menos 10 para que a media se possa elevar a 5,5.

— Ha dois meios—continuou elle—de procurar explicação para a grande condensação e peso da materia central da terra. Se a supôzermos composta dos mesmos elementos da superficie e nas mesmas proporções, devemos concluir que estes elementos estão condensados no centro, de forma que um dado volume de terra exterior se reduz a um quarto em



Sismogramma, amplificado, mostrando a continuação das vibrações da fig. anterior

volume de terra central, e portanto este ganharia o quadruplo em peso. Isto equivale a dizer que dois pés cubicos do nosso granito, ferro ou pedra de cal se comprimiam n'um pé cubico, se fossem levados para o centro da terra.

Ou, invertendo a hypothese, que um pé cubico da materia central da terra se avultasse n'um volume de quatro pés cubicos quando trazido para a superficie, exactamente como o algodão avulta quando se rasga o envolucro d'um fardo em que está fortemente



empacotado. Esta supposição, porem, é phantastica, porquanto os solidos que vemos e conhecemos são ligeiramente compressiveis. A pressão faz algum effeito no augmento de peso dos solidos, mas é insignificante.

Outra hypothese mais rasoavel é attribuir o maior peso especifico da terra central á disposição sobreposta dos elementos mais espessos e pesados no primitivo periodo da formação dos planetas. E' mais facilmente comprehensivel que no momento da terra ser ainda liquida, metaes com grande peso especifico, como a platina (21), oiro (19), prata (10), chumbo (11), ferro (7), se afundassem de preferencia aos elementos mais leves como o silicio (2.4), aluminio (2.5), sodio (9.7), carbone (3.3), e outros que formam os principaes corpos constituintes dos rochedos, argilas e areias.

Esta hypothese corresponde ao que o spec-

troscopio mostra existir em outros corpos celestes, — camadas mais pesadas para o centro — e corresponde ao que os geologos actualmente teem averiguado na nossa terra, tão fundo quanto teem chegado as suas investigações. D'onde se pode dizer que a raridade do oiro e da platina na superficie da terra, se transforma em abundancia desmedida no centro d'ella, ironica consolação dada aos famintos de riqueza.



Entretanto o relógio implacavel ia marcando os momentos na palpitação electrica que lhe impellia o ponteiro e aproximava-se a hora das observações. O professor Milne teve de concluir a entrevista, e felizmente a fatidica campanha, a que annuncia os terremotos, não havia resoadado mysteriosa e impassivel.

## Scaphandros

ESTOU convencido que não foram os portuguezes que inventaram osapparelhos denominados *scaphandros*, de que se servem os mergulhadores para descer ao fundo das aguas, quer em rios e portos, quer nas costas do oceano. E' innegavel, todavia, que entre nós, vae para mais de tres seculos que se realisaram experiencias maritimas n'aquelle sentido e por ventura os processos e apparelhos então usados, ainda que embryonariamente, já conteriam a idéa inicial dos que se empregam na actualidade. Infelizmente, os documentos, que servem de base a este breve estudo, não fornecem pormenores ácêrca da fórma e funcionamento d'esses apparelhos, nem tampouco nos indicam o resultado das experiencias.

Dos documentos, o que reputo mais antigo, não tem data, mas creio poder attribuir-se, senão com absoluta certeza, pelo menos com a maxima probabilidade, ao segundo quartel do seculo XVI. E' um memorial dirigido a el-rei, sem duvida D. João III, por um João Rodrigues, homem muito habilidoso e que offerencia o seu prestimo em muitos serviços de utilidade publica.

Assim se promptificava elle a aperfeiçoar o processo inventado por Simão Fernandes para estancar a agua dos navios por meio

de bombas. Este Simão Fernandes, astrologo e cosmographo real, recebera diversas mercês de D. João III e uma d'ellas, em 1537, destinada a recompensar o serviço que elle prestára com o invento das ditas bombas.

João Rodrigues propunha-se tambem applicar o systema das bombas aos engenhos de moer. Outra especialidade em que elle alardeia os seus conhecimentos e pratica é no fabrico das peças de artilharia e da polvora, promettendo adestrar os nossos bombardeiros e tornal-os os mais habeis de toda a christandade. Pelo que respeita ao modo de extrahir objectos do fundo das aguas diz elle que *dará ordem como vá hum homem abaixo até estar lá espaço que possa fazer o que fôr necessario.*

Imaginando que o não acredite sua alteza e lhe ponha objecções, pondera João Rodrigues que não é este o caso do homem de Alcoxete, que affiançara vir a Lisboa por baixo d'agua. D'esta curiosa referencia a uma anecdota da época se conclue que o homem que havia de atravessar o Tejo com botas de cortiça já tivera um predecessor no seculo XVI. João Rodrigues porém abonava a sua proposta com exemplos estranhos, allegando que o seu engenho era superior ao que tinha visto exercitar lá fóra.



Talvez este João Rodrigues seja o mesmo, que inclui nos meus *Trabalhos Nauticos*, e de quem se fala largamente com grandes elogios, como bom mareante e cartographo, n'uma carta de Francisco Dias. Em nota, no sobrescripto d'esta carta, se lhe dá o epitheto *o dos engenhos*. Com appellido identico, o *engenheiro*, existia, por 1560, um João Gonçalves, que inventou uma machina de cunhar moeda.

Em 15 de dezembro de 1573 passou D. Sebastião um alvará de privilegio, por vinte annos, em favor de Francisco Soller, para um seu engenho para *tirar artilharia debaixo dagoa e outras cousas perdidas e usar delle nos portos de mar e nos rios dagoa doce*.

Com data de 23 de agosto de 1631, encontra-se, mais desenvolvido e fundamentado, um alvará de privilegio em favor de Antonio Pessoa Campo para um artificio, por elle inventado, para *tirar debaixo dagoa nas costas, barras e rios dos meus reinos da Corôa de Portugal, artilharia, anchoras, pedraria, ouro, prata, ambar, cobre e tudo o mais que se achar de qualquer qualidade que seja, asim nacido nagoa como perdido nella por naufragios ou por outra qualquer via*.

Vejamos agora as condições, em que foi concedido o alvará :

1.<sup>a</sup> — Que o referido Campo faria toda a despeza com embarcações, utensilios e pessoal para o effeito desejado ;

2.<sup>a</sup> — Que o prazo para a sacca da artilharia e outros objectos fosse duravel sómente por dez annos ;

3.<sup>a</sup> — Seria pago á custa do privilegiado o salario determinado por el-rei á pessoa que, em seu nome, estivesse dirigindo a empreza ;

4.<sup>a</sup> — Que a el-rei caberiam 42 por cento de tudo o que se extrahisse, ficando o restante ao interessado para satisfazer todas as despezas com cousas e pessoas, inclusive o individuo que em nome de el-rei superintendesse n'isto ;

5.<sup>a</sup> — Que este mesmo individuo teria alçada e poder de el-rei para julgar e sentenciar todas as questões, tanto civeis como criminaes, que por este motivo se viessem a suscitar ;

6.<sup>a</sup> — Que a este mesmo superintendente seria entregue tudo o que se fosse tirando até se vender, passando de tudo as necessarias declarações e recibos ;

7.<sup>a</sup> — Que Antonio de Campo não poderia apartar nenhum dos objectos extrahidos,

e que tudo se venderia em almoeda, sob a direcção e vigilancia do commissario régio, como diriamos hoje ;

8.<sup>a</sup> — Que el-rei poderia escolher a parte que lhe conviesse da artilharia, ancoras e amarras, pagando a Antonio Campo o preço que se ajustasse.

Algunas d'estas condições, que eu dou aqui resumidamente, são acompanhadas, no respectivo documento original, de outras subalternas e inclusas que as esclarecem e amplificam.

Em 1736 concedeu D. João v carta de privilegio, da natureza das antecedentes, a Jorge Gordon, subdito britannico.

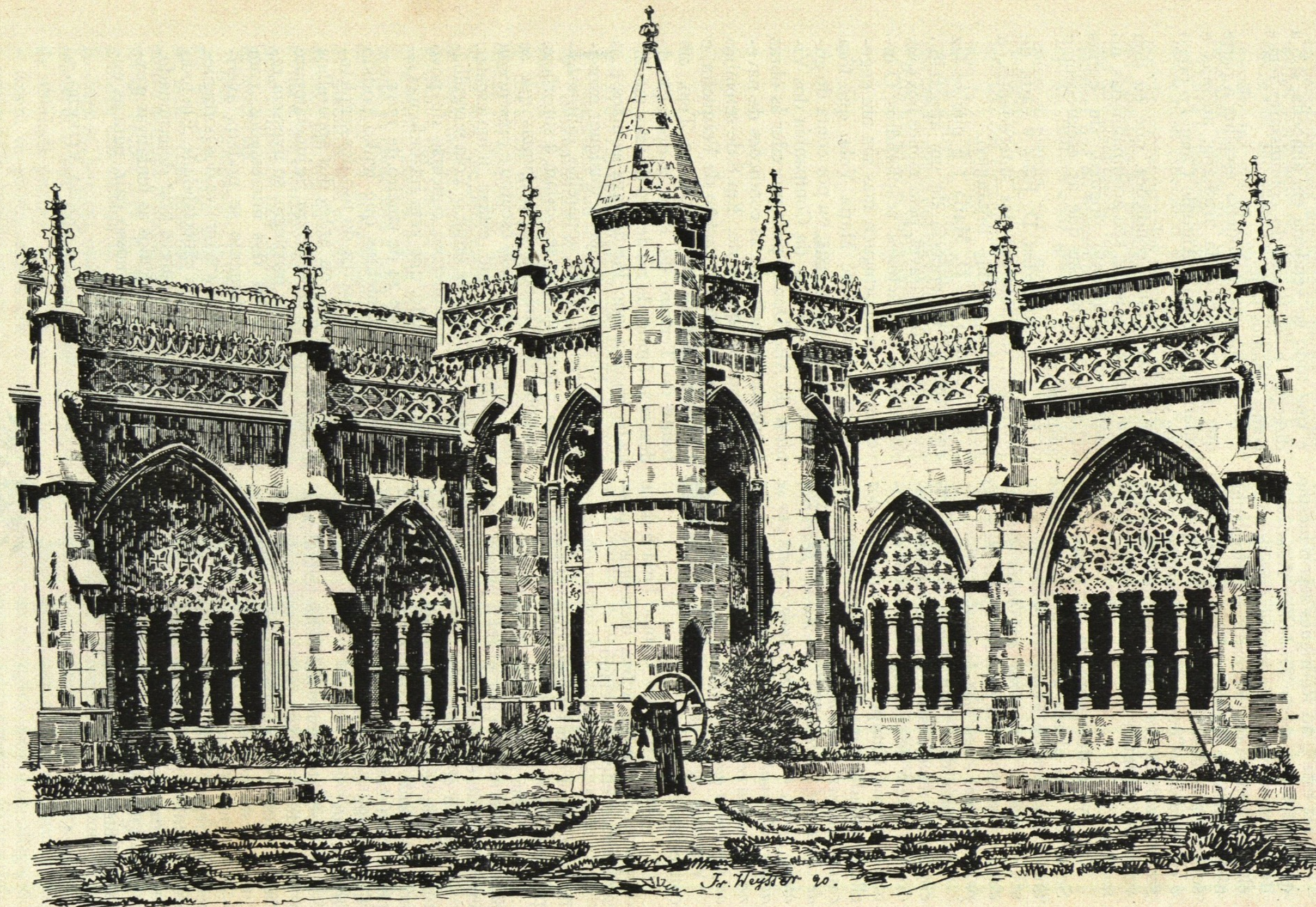
No reinado de D. Maria I é que se fez em Portugal experiencia de um apparelho hydraulico, comparavel, pelo menos nos seus resultados, aos actuaes scaphandros. O inventor não era portuguez, mas sim um engenheiro italiano, José Maria Yola, que fôra chamado ao nosso paiz, ou por conta do governo ou por conta da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, para proceder ás obras tendentes a melhorar as condições de navegabilidade d'aquelle rio. Em 8 de setembro de 1786 quebrára o cachão da Pesqueira, e executára depois em Lisboa, no Tejo, em frente do Terreiro do Paço, a operação de descer ao fundo, do rio dentro de uma machina hydraulica, que lhe deixava as mãos e os pés em liberdade de fazer qualquer exercicio. Encerrado n'este apparelho, cantou hymnos e psalmos, que se ouviam á superficie, respondendo tambem ás perguntas que se lhe fizeram, o que tudo escutou e presenciou o Principe Real, que estava n'um escaler, no sitio exactamente onde o Yola mergulhára. A côrte e numeroso concurso de povo assistiu a este acto, que vem relatado na Gazeta de Lisboa de 24 de janeiro de 1795.

Eis os apontamentos que tenho podido colher até agora ácerca do uso dos scaphandros em Portugal, ou antes dos apparelhos similares, que os precederam. Se junctamente com os alvarás de privilegio, se tivessem registado as petições dos interessados, com mais algum fundamento se poderia averiguar até que ponto a inventiva dos portuguezes collaborou n'esta especialidade. Em todo o caso, o que me parece ficar determinado, é que já datam de seculos as tentativas e experiencias, feitas no nosso paiz, para as explorações submarinas.

Sousa Viterbo.







BATALHA. — Claustro Real e Capella do Poço



# A Architectura

## da Renascença

### em Portugal POR ALBRECHET HAUPT

SUMMARIO — *Introdução historica. A dynastia de Borgonha. A dynastia d'Aviz. Artifices mouros. Andrea Sansovino. Garcia de Rezende. Bellas-artes no tempo de D. João II. Festas regias. El-rei D. Manuel. Character do seu governo. Humanidades. Descobertas. A Ordem de Christo. Construcções em Portugal e Colonias no tempo de D. Manuel. Influencias orientaes. A Biblia de D. Manuel.*

**R**EPOUSADO n'um valle, cingido de vinhedos e de collinas cobertas de pinheiros, está situado o convento de Nossa Senhora da Victoria, geralmente chamado da Batalha, o grande monumento da independencia portugueza immortalizando a batalha de Aljubarrota, e ao mesmo tempo o mausoléu da dynastia de Aviz, emquanto os restos mortaes dos reis d'ella não foram sepultados, como mais tarde, em Belem. Alli jáz o fundador da dynastia, D. João I (morto em 1433) ao lado de sua mulher D. Filippa, cultora da arte, os seus filhos D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando, o seu neto D. Affonso v, o seu bisneto D. João II; e aqui se projectava que fosse a ultima morada do mais brilhante dos reis portuguezes D. Manuel, o *Affortunado*, bem como de seus successores. Quando o sepultaram (1521) sob a abóbada do seu mais esplendido monumento, o convento de Belem, declinava já no horisonte a estrella do reino de Portugal, que apenas meio seculo depois desapparecia do numero dos estados independentes.

Sob a fria sombra da abóbada da capella do fundador na Batalha, descança a familia de D. João I: elle com sua mulher debaixo da cupula esvelta e, ao longo das paredes, seus filhos, com excepção de seu successor D. Duarte, o qual tem sepultura fóra em frente do altar mór. O viajante culto sente-se penetrado de devoção e de veneração perante os tumulos d'estes quatro principes. Uma raça

de heroes. Plena de grandeza e nobreza de pensamento, de energia e de amor da patria espartano, dotada dos mais esplendidos dons intellectuaes, essa familia quasi não encontra par que a eguale na historia. D. Pedro, o mais velho, de infeliz sorte, apresenta exemplo magnifico de inabalavel fidelidade ao seu dever como regente do reino e tutor de seu mal avisado sobrinho, o rei D. Affonso v; descança de uma vida cheia de luctas com a inveja e a calumnia; mal apreciada a pureza de sua vontade e de seus intuitos, acaba tristemente, mas acaba uma vida cheia de grandeza e de dedicação pela patria; a sua divisa *Désir* deixa adivinhar no indizível mysterio da palavra o seu elevado pensamento. D. Fernando, o mais querido da familia, dorme alli o ultimo somno, victima da patria pela qual elle morreu, da morte lenta de martyr n'uma prisão africana, porque a sua vida não podia ser remida do captivo pela restituição de uma cidade arrancada ao poder dos mouros; *Le bien me plait*, era a sua divisa predilecta. D. João, o quarto filho, segue em sua vida o exemplo de seus irmãos; a sua firmeza de convicções está indicada na sua divisa: *J'ai bien reson.*

D. Henrique, citado por ultimo mas como o mais glorioso (morto em 1460) dorme aqui tambem depois de uma longa vida, desinteressada, fecunda em acções e que elle dedicou desde sua mais tenra mocidade á lucta e ao trabalho pela patria, fiel á sua divisa: *Talent*

*Publicando as illustrações e traducção do texto do notavel livro do douto escriptor e architecto allemão, os Serões procuram por este meio efflicaz despertar o gosto e curiosidade pela Arte portugueza que mesmo a estranhos inerece, bem evidenciados, tanto estudo e apreço. Os Serões tentam tão somente, convem dizel-o, fazer obr.a de vulgarisação e não de critica erudita sobre o assumpto.*



*de bien faire*; e ainda sonha talvez com o seu Portugal dilecto, vendo-o primeiro entre as nações de navegantes e descobridores.

Quando cerrou os olhos para sempre, estavam quasi cumpridos os seus desejos; cahiram as muralhas que cercavam o mundo até então, e mares e mundos infinitamente longinquos, sem fim, immensos, fazendo medo, abriram-se deante da Europa assombrada. Trinta e dois annos depois Colombo, seguindo na sua esteira, abordava á America; alguns annos depois, Vasco da Gama e Alvares Cabral, successores e patricios de D. Henrique, chegavam á India e ao Brazil. Estes são os factos que á humanidade abriram as portas da prisão antiga, os feitos de uma nova raça, joven e poderosa, em prol do renascimento do velho mundo, dos quaes D. Henrique, o infante navegador, deve ser considerado o verdadeiro e manancioso propulsor. De sua actividade não só nasce a grandeza de sua patria, mas tambem a força elementar do movimento contemporaneo e dos que se seguiram — o Humanismo, a Renascença e a Reforma.

Sem duvida a época da Renascença em Portugal deve ser em seus primeiros vestigios retrotrahida a D. Henrique e á sua activa influencia, tanto mais que elle reunia em sua escola, simultaneamente, todos os conhecimentos scientificos mathematicos como todas as acquisições e invenções mechanicotechnicas que n'aquelle periodo se entrelaçavam intimamente nos dominios da arte. Assim respeitamos n'elle a pedra angular e o marco do tempo moderno.



**A** HISTORIA mais antiga do reino de Portugal é comparativamente curta e simples, especialmente com respeito á arte. Só a antiguidade classica, sobretudo a romana, tinha creado nos lugares de sua existencia e actividade em Portugal, como por toda a parte, alguns importantes e indestructiveis testemunhos de sua grandeza, entre os quaes o esplendido templo de Diana em Evora póde ser apontado como a mais bella ruina romana em terreno ibero, se não se quizer dar o primeiro lugar ao amphitheatro de Tarragona. Da mesma sorte póde observar-se vestigios da cultura grega, ao longo da costa meridional do Algarve, em restos de notaveis colonias.

Mas em ulterior seguimento, pelos meados do seculo XII, quando o paiz foi definitivamente conquistado aos mouros, nada se havia creado ainda de importante no dominio da arte; nem os godos nem os seus successores, os mouros, deixaram aqui monumento importante de sua existencia ou mesmo de sua arte. Este facto encontra explicação

na sorte da Peninsula que se dividia n'um segundo estadio ao sul e a leste, n'estas esplendidas regiões que ainda apresentam hoje riqueza magestosa em incomparaveis monumentos artisticos.

A primeira dynastia dos reis portuguezes, a de Borgonha, occupou-se quasi exclusivamente da conquista e da defeza do paiz apenas nascido, de sorte que só castellos poderosos e cidades bem fortificadas dão testemunho d'ella. As suas Sés são modestas e pequenas; os seus palacios, pobres mas soberbos. Só os seus lugares de sepultura tiveram forma cuidada; a maior igreja do paiz, dentro do gigantesco mosteiro de Alcobaça, encerra os restos mortaes da maior parte dos representantes d'aquelle dynastia. Mas n'estes monumentos não se descobre estylo ricamente ornamentado, nem a phantasia meridional; uma singela e primitiva architectura gothica, meio franceza, meio hespanhola, de pesados botaréos e abóbadas, fortificada de seteiras, severa, quasi triste, devolve-nos o reflexo de aquelles tempos guerreiros.

Devia nascer uma nova dynastia, subir ao throno uma raça mais nova e mais delicada, para abrir no paiz ensejo a uma arte mais rica. Na dynastia de Aviz, a qual por seu fundador D. João I, para assegurar a existencia da paiz e a propria, realizou em 1385 na batalha de Aljubarrota o seu primeiro e mais memoravel feito, foi tambem o monumento de sua cultura aquelle que formou a expressão mais completa e mais consideravel d'esse novo esforço artistico.

Um outro espirito penetrou nos reis guerreiros de Portugal. D. Filippa de Lancastre, mulher de D. João I, propagou no paiz, com o pensamento e civilização ingleza, a arte tambem ingleza. O grande monumento nacional da familia de Aviz, jazigo de quasi todos os membros d'ella, e a um tempo monumento d'essa batalha terrivel, é sem duvida, antes de tudo, uma obra de artistas inglezes em terreno portuguez. Porem está alli justamente o principio d'uma nova evolução. Nas numerosas riquezas de formas gothicas septentrionaes, alli divulgadas sob a influencia impulsiva de um esplendor até então desconhecido, a arte portugueza encontrou estimulo para trabalho proprio, independente; e, tres gerações depois, formava-se do estylo esplendido da Batalha uma architectura especial que, em acção reflexa sobre a phantasia meridional, dava expressão commum ás acquisições da cultura septentrional e ao esforço proprio, ainda hesitante ou indeterminado.

Se o principe D. Henrique e seus irmãos, entre os quaes D. Pedro parece ter a importancia culminante com respeito ao estudo das



humanidades, já tinham trazido para o paiz desenvolvimento scientifico em bellas letras, estas eram apenas precursoras da Renascença; não podia por emquanto ver-se uma immediata e apparente influencia na arte. O governo do rei D. Affonso v limitou-se tambem a offerecer alimento á corrente de conquistas e descobertas da nação, de mistura com, sem duvida, bem pouco proveitosas campanhas em Africa e em Hespanha.



**E**M D. JOÃO II (1481-1495), nasceu finalmente um rei, amigo devotado não só da cultura italiana e dos estudos da antiguidade, mas tambem da arte italiana, um energico promotor da Renascença em terras portuguezas.

Com excepção d'um certo estylo gothico, derivado em parte da Hespanha em parte da Batalha, floresceu no paiz até o fim do seculo xv uma escola unica no seu genero que póde ser francamente denominada gothica e ainda pelos annos de 1480 produziu em Portugal exemplos classicos d'essa anachronica orientação. (Leiria, castello e igreja; Santarem, S. Francisco)

Além d'isto, exerceram os mouros ao sul e no interior de Portugal uma influencia decisiva nos promenores de construcção. Provinha isto de que, tanto em Hespanha como no interior de Portugal, especialmente ao sul do Algarve e nos arredores de Evora, antiga capital, certos mesteres de architectura, alem de outras industrias, eram cultivados pelos mouros. Entre aquelles parece ter-lhes pertencido a arte de canteiro, não obstante dedicarem sua actividade a trabalhos de barro em todas as especies, como os documentos confirmam. Assim encontra-se, entre outras provas, durante todo o seculo xv, na arte da architectura profana, em toda a peninsula iberica, os mesmos capiteis do estylo mourisco postos sobre fustes extraordinariamente delgados, em geral divididos symetricamente como estribos de arcos dentados ou em fórma de ferradura. Encontram-se estes particularmente em Evora e no palacio real de Cintra. Juntamente com a influencia mourisca nos promenores, uma outra se radicou na ulterior configuraçao das casas, principalmente edificios em fórma de castello, e das fortificações. Na verdade o aspecto de um palacio real portuguez como o de Cintra, que no essencial pertence ao seculo xv, tem alguma cousa de mourisco, não só na extraordinaria fórma arabe das ameias e interiormente na ornamentação total das paredes com ladrilhos, mas tambem na maneira caprichosa, apparentemente sem plano e arbitraria, de

agrupar toda aquella massa de edificios que o assemelha mais a um alcaçar do que a um castello christão.

Está claro que da ligação de uma tal especie de architectura com as formas de estylo analogas, provenientes do norte e do oriente, correspondendo bem ao gosto do tempo, devia produzir-se uma mescla extranha que se apartava dos principios do gothico contemporaneo em outros paizes, e que realmente nenhuma relação tem com a arte hespanhola. Este era o fundo sobre o qual ia recahir a primeira acção da Renascença.



**N**O ANNO de 1491, D. João II que nos ultimos annos de seu reinado se applicára em aperfeiçoar a organização interna do reino, consolidado por elle á custa de luctas bem severas, mandou vir de Florença para Lisboa o moço professor Andrea Contucci, chamado o Sansovino <sup>1</sup> já mui celebre n'essa época. Pelo que nos diz Vasari, <sup>2</sup> elle ficou em Portugal até o anno de 1499, occupando-se aqui de trabalhos de esculptura e de architectura, primeiro para D. João II e, desde 1495, para seu successor D. Manuel.

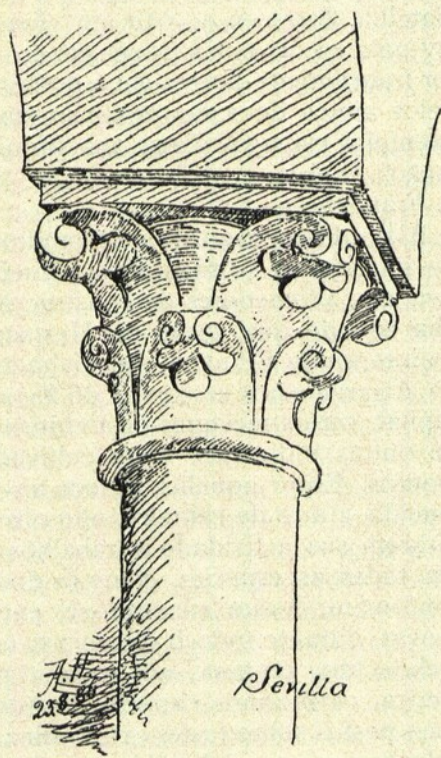
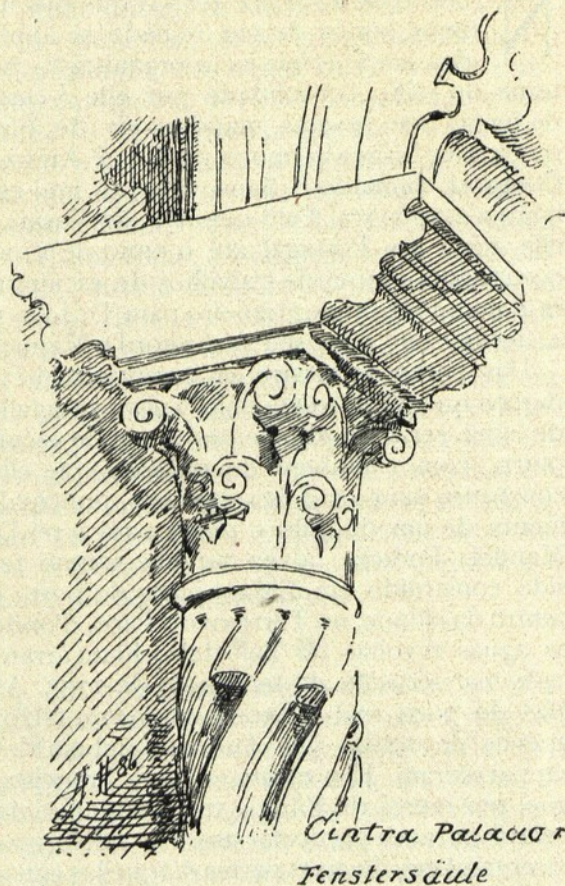
Das obras do mestre em terra portugueza parece que nada existe hoje. Vasari bem falla de uma serie de excellentes obras de esculptura, como tambem de palacios que elle construiu para os dois soberanos, principalmente de um de quatro torres para o rei D. Manuel. Poderia talvez aquelle ultimo ter sido construido em Lisboa junto do porto e centro da cidade, no Terreiro do Paço, d'onde as aguas revoltas do Tejo tel-o-hiam arrancado na occasião do terremoto de 1755. As alas do paço real d'Evora, unidas ou talvez apenas decoradas por Andrea, tambem desapareceram. Já o mosteiro de S. Francisco que, por mercê de Philippe II se apoderára do palacio para seu particular uso, fizera desaparecer tambem diversas partes d'aquellas construcções. Por occasião de uma excavação realizada alli ha seculos, encontraram-se ainda, segundo se conta, alguns quartos subterraneos cuja decoraçao se diz representava uma magnifica pintura grotesca no genero italiano. Os ultimos vestigios d'ella foram destruidos n'aquella época. <sup>3</sup> Seja como fôr, a verdadeira influencia de Sansovino no desenvolvimento da Renascença em terra portugueza não deve ser exageradamente apreciada; pelo contrario o artista era constrangido a sujeitar-se ás fórmas já existentes, tanto que Vasari poude dizer que tinha executado para o rei numerosos esboços com idéas architectonicas «segundo os usos do paiz.» Quer dizer que foi obrigado a subordi-



nar muitas vezes os seus trabalhos ás fórmulas predominantes, meio gothicas, meio mouriscas. Comtudo o periodo da sua acção em Portugal indica o momento critico da historia da arte do paiz, o qual sem duvida só trinta annos mais tarde progride no sentido da verdadeira Renascença; mas em compensação aquelle curto intervallo, fundindo os elementos já mencionados, fez brotar esta extranha Renascença d'um character phantastico que se deve considerar sobre tudo como a orientação mais curiosa da historia da arte portugueza.

Alem de Sansovino, D. João II utilizou outros artistas cujos nomes foram conserva-

lemanha, o qual era notavel como desenhador. Talvez possamos assim conjecturar pela esplendida torre de Belem a filiação dos desenhos de Rezende. A execução d'este edificio classico resultou provavelmente d'esta base fundamental, assim como devemos recompor no character da architectura de Rezende os esboços de Sansovino. Garcia foi em tempo de D. Manuel (1516), secretario da legação junto do papa Leão X, e sem duvida era homem versado em muitas sciencias. Era El-rei D. João amador, por excellencia, do esplendor artistico. Quando em 14 de novembro de 1481 abriu as côrtes em Evora e recebeu na sala grande do regio paço a ho-



*Capiteis mouriscos d'uma columna de janella no palacio real de Cintra  
e d'um pateo de Sevilla*

dos. Entre outros, Garcia de Rezende, tambem celebre como escriptor, o qual na sua Chronica dos valerosos feitos d'El-rei D. João II eregiu um monumento ao seu soberano; um parente de André de Rezende<sup>4</sup> tambem mais tarde celebre como escriptor. Garcia conta-nos o muito interesse que o rei tomava em seu trabalho de artista. Elle era um excelente desenhador e o rei gostava de o observar em seu lavor, dizendo que era uma arte tão bôa e util que elle proprio desejaria professal-a, como seu tio Max, imperador da Al-

menagem dos estados, os deputados que assistiram tiveram tambem muito de louvar o esplendor dos adornos, as tapeçarias tecidas representando episodios da vida de Trajano e da sua justiça, e toda a riqueza da solemnidade dos festejos á maneira da Renascença italiana. O rei dava muito valor á pompa externa, e gostava de sahir pelas ruas com musica e cortejo. Os moradores recebiam alegremente aquella ostentação e enfeitavam as janellas com ricos pannos e colchas. Em suas festas havia bailes e jogos executados

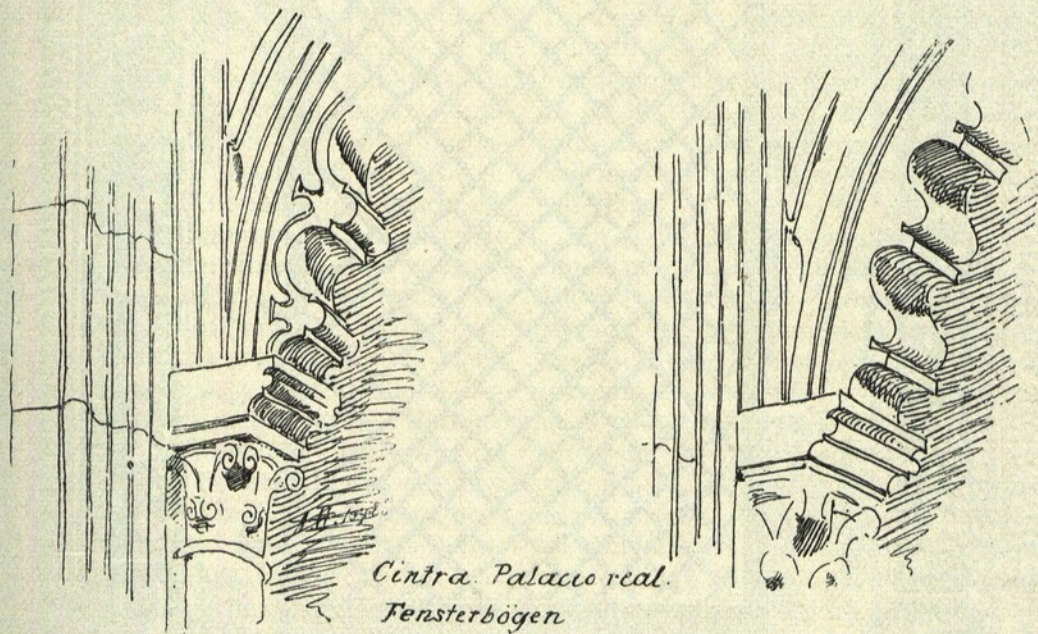


por donairosas theorias de mouros, que para este fim tinha na sua côrte. A sua meza, para a qual usava convidar sabios e artistas, era animada de espirito culto. Elle organisou pouco depois da sua ascensão ao throno uma sociedade scientifica para estudo e propagação das sciencias mathematicas e geographicas, com o fim de simplificar os processos da navegação. Foi esta a celebre sociedade a que elle deu encargo de julgar a idéa de Colombo e que infelizmente não estava, ao tempo, á altura da sua tarefa. O commercio com o oriente já então desenvolvido exercia influencia decisiva sobre o gosto artistico.

Os contemporaneos contam-nos maravilhas dos preparativos para o casamento de seu filho o infante D. Affonso em Evora a 27 de novembro de 1490. Uma caravela partira para a India em busca de joias e fazendas de seda, de oiro e prata. Outras partiram para a Italia com identico fim, e a compra

POIS que em 1491 fallçera D. Affonso, filho de D. João II, de cujo casamento acabamos de fallar, e por que em 1495 seu pae o seguiu na morte, subiu ao throno D. Manuel, o mais glorioso descendente da familia de Aviz. Fôra seu pae o eminente infante D. Fernando que de 1460 a 1470 tinha sido mestre da Ordem de Christo. Sua mãe D. Beatriz devêra ter sido senhora illustrada, que educou com o maior primor seu filho. A irmã d'ella D. Leonor, senhora de uma intelligencia rara e culta, notavel promotora da arte a julgar pelas instituções que creou, era, como mulher de D. João II, rainha de Portugal. Teve D. Manuel dois irmãos mais velhos que foram mestres da Ordem de Christo e quando D. Diogo, o mais novo dos dois, por traição á patria, morreu ás proprias mãos do rei, D. Manuel foi então investido nas dignidades e bens do mestrado.

Desde muito novo o príncipe D. Manuel



*Cintra. Palacio real.  
Fensterbögen*

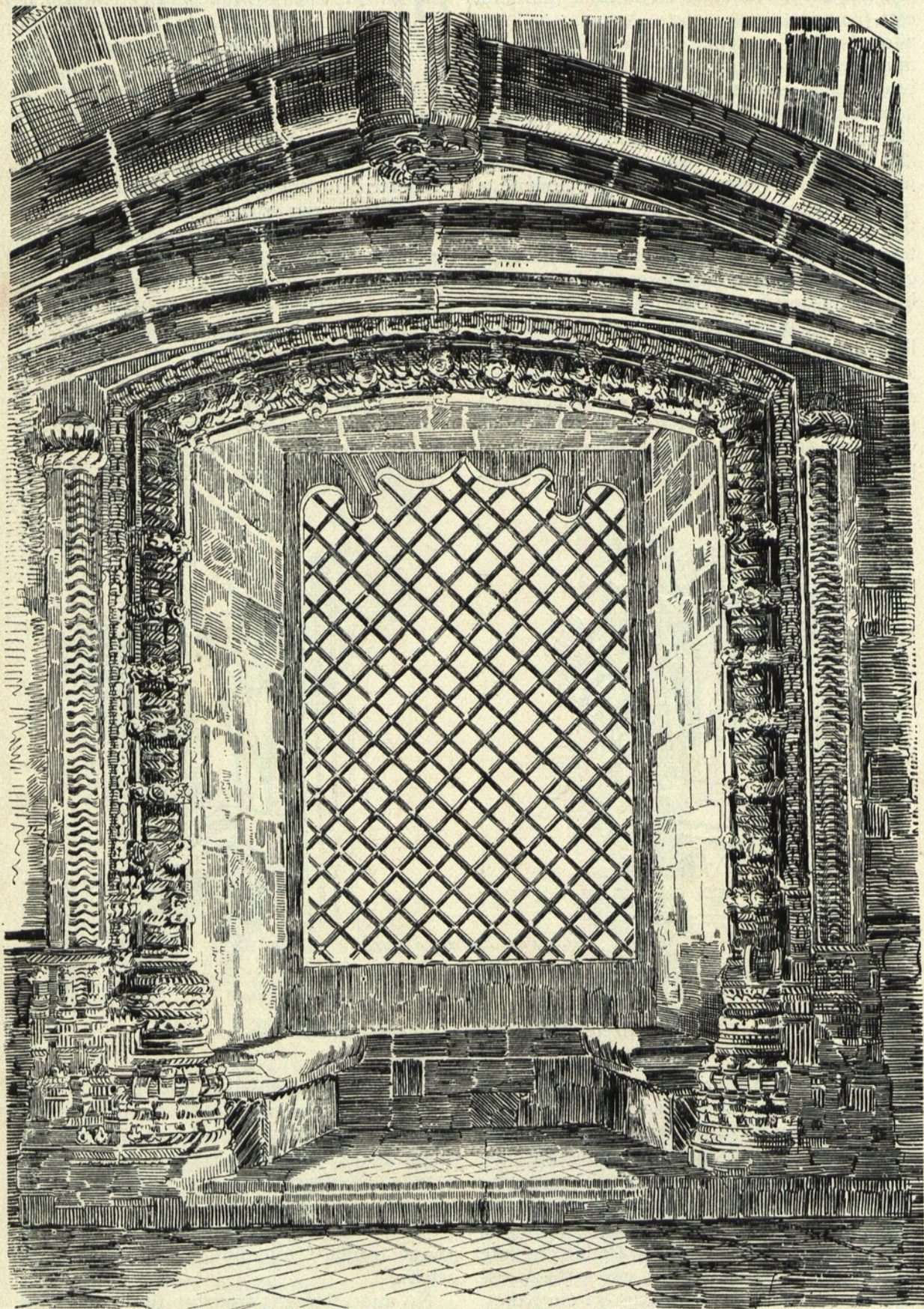
*Arcos da janella do Paço de Cintra*

aqui foi tão consideravel que se esgotaram os fornecimentos de brocados e de seda em Florença, Genova e Veneza, e houve de vir mais tarde o resto das encommendas. De Castella vieram artistas e operarios, e muitos tecidos de arte; tapetes, pannos e pelles, principalmente pelles de marta e de arminho, da Flandres, da Allemanha e de Inglaterra; até viveres se encommendaram em parte ao estrangeiro. Os festejos dividiram-se em bailes, batalhas navaes, jogos de lança e torneios. E' no tempo d'este monarcha que temos de procurar os principios da Renascença portugueza.

soffrera penosos enfados. De 1480 a 1483 esteve retido como refen na Terçaria<sup>5</sup> em Castella onde D. João II lhe arranjára uma pequena côrte. Fôra seu aio o excellente Diogo da Silva Menezes, mais tarde conde de Portalegre. Já n'aquelle tempo o rei conferira a D. Manuel como divisa em seu brasão a esphera armilar<sup>6</sup> que por elle devia ficar tão celebre.

No anno de 1493 trocou o titulo de duque de Vizeu que sua familia antigamente usava pelo de duque de Beja. Mais dedicado ao rei do que se fôra seu filho, por amor e por fidelidade, tivera talvez de renunciar ao





*Vista interior d'uma janella da sala do Capitulo no Convento de Christo, em Thomar*



throno em favor de D. Jorge, filho natural d'aquelle, se a rainha D. Leonor não tivesse feito mallograr pela sua opposição aquelle agravo. A 25 de outubro de 1495 morreu D. João II e D. Manuel viu-se investido de uma dignidade que antes não se atrevêra a esperar. Este facto explica muitas das excellentes qualidades que o distinguem.

Não podemos deixar de fazer uma rápida descripção do character d'este notavel monarcha, cujo governo constitue a época mais gloriosa da historia de Portugal. Possuia D. Manuel uma educação primorosa, amante de tudo quanto era bello, principalmente da litteratura, versado no latim e no grego e sabedor da antiga historia portugueza. Dedicou-se tambem á astronomia e á astrologia, e gostava de amenisar com bôa musica as doudas conversas de sua mesa. A musica da sua real camara, composta de executantes mouros, como era costume, gosava da fama de ser a melhor do seu tempo. Considera-se este reinado como uma das grandes épocas da poesia dramatica. Gil Vicente, poeta da côrte, creou então a comedia moderna. As annotações que se leem em suas obras: — representado perante el-rei D. Manuel no palacio da Ribeira em Lisboa em 1505, ou — perante a rainha D. Leonor em Almada em 1519 — etc, e onde figuram como lugares de representação de arte dramatica os palacios de Lisboa, de Coimbra, de Almeirim, de Thomar e outros, revelam bem claramente a jovialidade artistica e o esplendor d'aquella côrte. Não se esquecia, porém, dos altos deveres da sua suprema magistratura, e durante as diversões acompanhavam-o, trabalhando com elle, os juizes, os thesoureiros e outros dignitarios do reino. Era piedoso e justo, profundamente entendido nos differentes ramos da administração. Dava audiencias publicas e mostrou-se sempre humano e clemente sem deixar de ser severo, até para comsigo proprio se fôra necessario; pessoalmente casto, e d'uma grande modestia. Assim a sua côrte fez-se escola de decoro, de bons costumes e de mutua benevolencia, para honra das mulheres e da intelligencia dos homens. Osorio, seu chronista, descreve a vida jovial da sua côrte onde não havia lugar para tristezas, onde de nenhuma parte chegavam queixas e onde sómente resoavam cantos e côros. Confirmou a sua ascensão ao throno por um acto de indulgencia, concedendo aos judeus e aos mouros as liberdades que lhes restringira D. João II. Infelizmente porém, mais tarde, sob o influxo de fataes influencias, este decreto de clemencia a favor dos que não eram christãos foi revogado, constringendo-os a uma conversão geral,

sendo n'este proceder homem do seu tempo, seguindo o ruim exemplo e a oppressão exercida pelos reis de Hespanha.

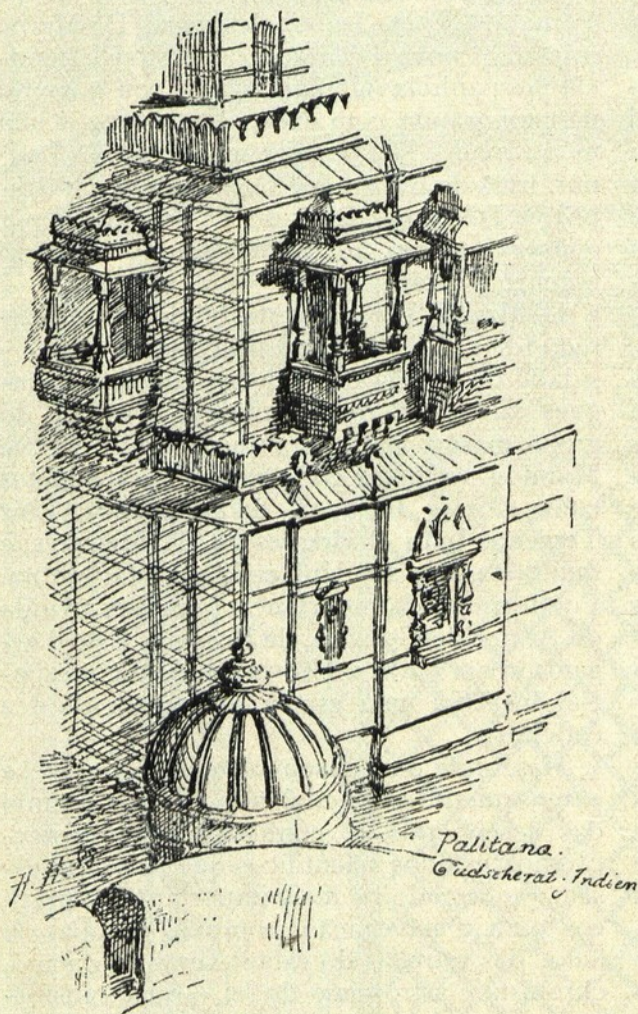
Foi casado trez vezes, e sempre com infantas hespanholas. Tendo morrido em 1500 sua primeira mulher D. Isabel, filha de D. Fernando e D. Isabel, desposou D. Maria, irmã mais nova d'ella. Apesar d'isto a influencia hespanhola no paiz sob o seu governo não foi grande com excepção do acto acima mencionado. Sua terceira mulher foi D. Leonor, irmã do imperador Carlos V, o qual desposou D. Isabel, filha de D. Manuel e por conseguinte era ao mesmo tempo cunhado e genro d'este.

D. Manuel era cultor devotado das humanidades e fez um curso trilingue na Universidade de Alcalá de Henares; amava as linguas antigas, e recommendava o estudo do grego mesmo para os principes e princezas. Mandou vir á sua côrte sabios tão distinctos como Ayres Barbosa, de Salamanca, Luiz Teixeira, João Rodrigues de Sá Menezes, e muito fez pela sua Universidade de Coimbra. Foi de uma alta importancia para esta a vinda de André de Gouveia, de Bordeos. Este reorganizou em parte a Universidade e em especial instituiu uma escola humanista de dez cadeiras.

Mas, onde o rei desenvolveu mais notavel e extensamente sua actividade, foi no dominio das descobertas. E' conhecida a sua protecção aos estudos scientificos que as preparassem; sobretudo os mais importantes e praticos para a navegação, como os mappas da lua e das estrellas do rabbi Abrahão Zacuto, chronista e astrónomo do rei, o qual transformou o astrolabio inventado pelo mestre Rodrigo e José Vizino, em collaboração com Martim Behaim, n'um instrumento verdadeiramente util. No dominio da mathematica Francisco de Mello, protegido a todos os respeitos por D. Manuel, realizou cousas importantes, e o seu successor no cargo de aio dos principes foi Pedro Nunes, mathematico professor e cosmographo, sendo mesmo o mais notavel mathematico da peninsula iberica. Se D. João II, sem pensar no futuro, indeferiu o requerimento de Colombo, de tal sorte que este teve de procurar em Hespanha a consideração e o auxilio devido, D. Manuel realizou pelos seus almirantes Vasco da Gama, e Alvares Cabral as idéas que concebera seu avô D. Henrique. Quando Vasco da Gama, tendo partido em 1497, voltou em 1499 com a enorme aquisição do caminho maritimo para as Indias Orientaes, quando no anno de 1500 Cabral descobriu o Brazil, os portuguezes viram finalmente realizados os seus ideaes, proseguídos calorosamente durante um seculo.



Este successo, e maior feito dos portuguezes, abriu caracteristico ensejo de realizar-se a obra artistica mais importante do venturoso rei—a fundação do mosteiro de Belem, monumento nacional e symbolo de gloria pa-



*D'um templo indio para comparar  
com a Torre de Belem*

tria, jazigo dos ultimos soberanos da dynastia de Aviz. Assim tambem o poema classico nacional os *Lusiadas* de Camões se dedica á consagração d'aquelles mesmos altos feitos.

A dilatada importancia d'aquellas conquistas está indicada no titulo que para si tomou D. Manuel, appellidando-se senhor da Guiné, da conquista, da navegação, e do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.

A toda esta pompa de titulos deve juntarse tambem a não menos valiosa e mais effectiva de mestre da Ordem de Christo, cargo honorifico que D. João III seu filho no anno de 1551 ligou indissolivelmente á dignidade regia. Esta Ordem de cavallaria merece pela sua importancia que lhe esboçemos a historia. No anno de 1319 D. Diniz transformou a Ordem dos Templarios portuguezes na dos cavalleiros de Christo, no momento em que

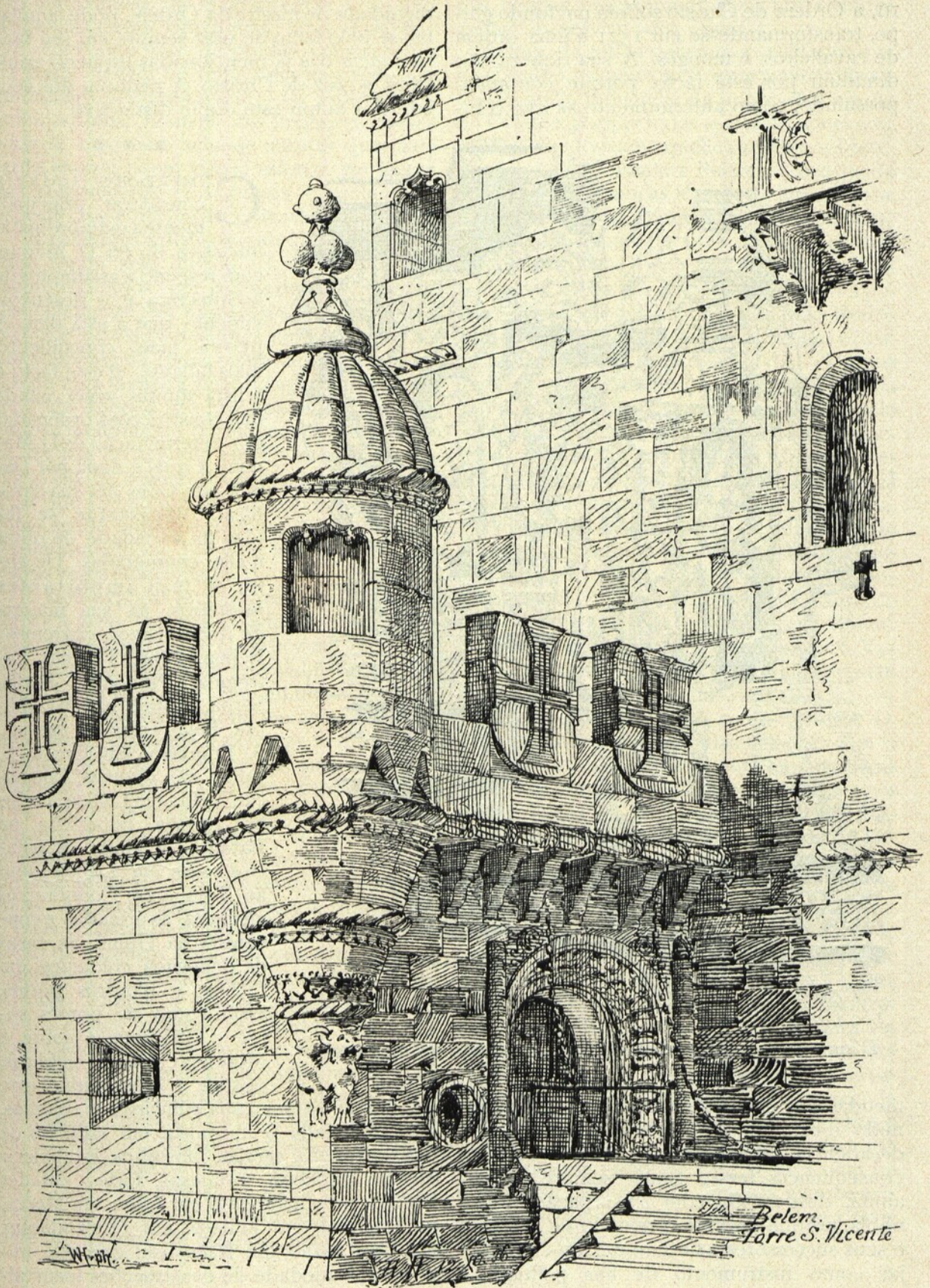
aquella decahia por toda a parte n'uma extincção definitiva. Em compensação dos extraordinarios serviços e auxilios que os templarios haviam prestado durante dois seculos na conquista do paiz e no engrandecimento da patria, o rei D. Diniz por aquella sua determinação atalhou-lhes a decadencia e salvou-os da sua completa ruina. Para evitar difficuldades a Ordem de Thomar mudou ao mesmo tempo a sua residencia para o castello de Castro Marim no baixo Guadiana. No anno de 1334, que outros dizem 1356, em melhor oportunidade, aquella séde foi outra vez transferida para seu primeiro lugar, o castello e mosteiro de Thomar; e foi d'alli que irradiou a sua activa influencia cuja extensão chegou a ser quasi indefinivel e que sómente veio a terminar em 1833 com a suppressão das ordens religiosas em Portugal.

O mais distincto dos mestres da Ordem tinha sido o principe D. Henrique, o navegador, que exercera aquella dignidade de 1418 a 1460. Se até elle a mais intensa e effectiva actividade dos cavalleiros de Christo se restringira ás guerras contra os infieis e ás luctas em defesa das fronteiras da patria, o infante D. Henrique deu-lhes tarefa bem mais importante no dominio das colonias.

Seu irmão o rei D. Duarte concedeu-lhes por intercessão do infante jurisdicção em todos os paizes conquistados e ainda por conquistar, como se mesmo fôra em Thomar. O que significava esta concessão pode imaginar-se olhando para as novas e numerosas conquistas que n'este tempo augmentaram immensamente.

Todavia foi só com o infante D. Manuel como mestre que se iniciou a época mais gloriosa da historia da Ordem de Christo. Quando D. Manuel subiu ao throno não deixou a sua cadeira de mestre; ao contrario parece que elle em toda a sua vida deu o maior valor a esta qualidade. Durante os trinta e tres annos que teve em mão o sceptro do mestrado foi morar muitas vezes em Thomar, realizando alli nos annos de 1482 e de 1503 festivos capitulos por occasião dos quaes fez profundas reformas na organização da ordem. Para ella fez construir edificios magestosos e artisticos, e creou com assentimento do papa Leão X novas e numerosas commendas ecclesiasticas, com a administração das quaes elle recompensava os vassallos que no serviço das colonias mais se houvessem distinguido. Emfim elle fundou para a ordem innumeraes egrejas e conventos em todos os paizes de além-mar. Quando subiu ao throno encontrou a ordem





*Entrada e guarita da Torre de S. Vicente, em Belem*

na posse de setenta commendas e, quando morreu, deixou-a na de quatrocentas e cinquenta e quatro, dizimos nas colonias e ou-

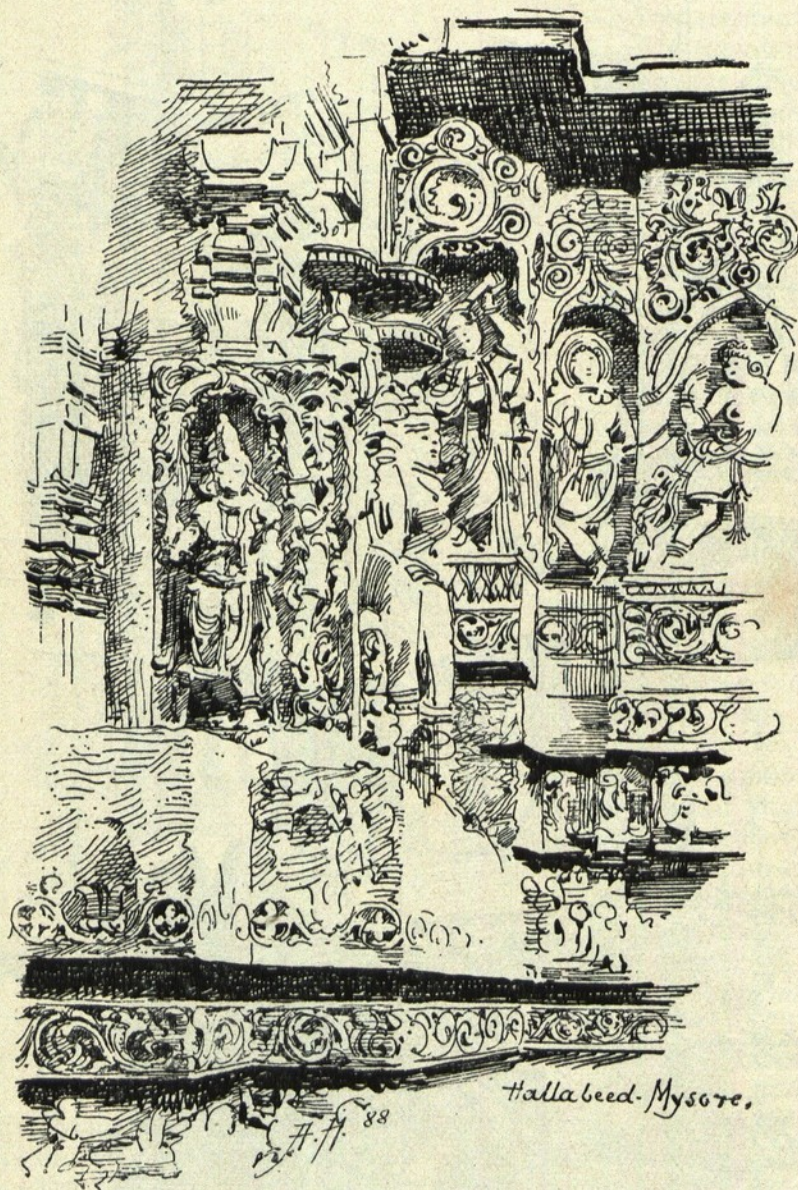
tras effectivas immuniidades, sendo a ordem mais rica de toda a christandade.

Depois, sob o governo de seu filho D. João



III, a Ordem de Christo soffreu um fundo golpe, transformando-se em 1521 n'uma ordem de cavalleiros e monges. A sua riqueza não diminuiu por este facto. porque continuou possuindo, como anteriormente, as 454 com-

dignidade de mestre da Ordem, pôde aquilatar-se pelo facto de usar sempre em seu braço, além das já mencionadas esferas armilares, a cruz de Christo. A nenhum dos seus edificios faltou este duplo distinctivo.



*D'um templo indio para comparar com trabalhos na Batalha*

mendas e 21 cidades e villas, mas tendo assumido o caracter de ordem monastica a sua decadencia progressiva era inilludivel. Esta consequencia fez-se sentir sempre, e mais ainda, desde 1580, com a usurpação hespanhola, porque durante o reinado de Filippe I e seus successores a Ordem deixou-se manejar como instrumento de fins politicos, e assim de seculo para seculo ella foi perdendo não sómente importancia, mas valor e dignidade. Extinguiu-se-lhe a influencia, porém, o seu nome ficou indissolvelmente ligado aos maiores feitos e successos da historia do seu paiz. Quanto apreço D. Manuel dava á sua

de Belem e numerosos edificios nas colonias. Para estas falla o chronista em edificios de todo o genero, egrejas, mosteiros, estabelecimentos publicos, fortalezas, fortes, cidades inteiras, principalmente em Aden, em Mecca, na Ethiopia, em Malaca, em Moçambique, etc. Com razão diz Raczynski que este numero e variedade de construcções teem alguma cousa de assombroso.

Cabe aqui fazer registo opportuno do inevitavel effeito reflexo das influencias do Oriente sobre os portuguezes e sua arte. Os ousados navegadores já haviam apprehendido as suas primeiras descobertas com a concep-

● ● ●  
**C**UMPRE-NOS todavia considerar principalmente a extraordinaria iniciativa do rei D. Manuel com respeito a assumptos de architectura e o desenvolvimento que a esta deu. A prova mais concludente, mais fallante, d'este facto é a lista muitas vezes citada das construcções ordenadas por determinação de D. Manuel, a qual é dada por Damião de Góes em sua chronica. Difficilmente se faz idéa da variedade de obras n'ella enumeradas. De entre os mais importantes mosteiros, na sua maioria de dominicanos, citaremos: Belem, Pena, Thomar, Estremoz, Pinheiro, Tavila, Serpa, Santa Cruz em Coimbra, Beja; entre as egrejas: S. Francisco em Evora, S. Julião em Thomar, Conceição Velha em Lisboa, a celebre capella imperfeita na Batalha; e ainda os palacios reaes em Lisboa junto ao Tejo e em Coimbra; os arsenaes, as armarias e conventos na Guiné; as casas de depositos coloniaes em Lisboa e n'outros portos, assim como as pontes sobre o Guadiana e sobre o Mondego, fontes publicas, prisões, a esplendida Torre



ção maravilhosa da magnificencia e do luxo d'aquellas terras longinquoas; mas o esplendor enervante das decoradas construcções da India devera ter feito uma impressão de verdadeiro deslumbramento no espirito dos colonisadores, homens das melhores classes sociaes; e por isso acha-se natural que mais tarde empregassem visivel esforço em imitar nas construcções portuguezas o esplendido aspecto dos edificios do Oriente.

Os cabedaes artisticos com que isto se realizou foram sem duvida os mais proximoamente recebidos; por isso se deixam vêr bem distinctamente em numerosos e importantes edificios certos promenores imitados, não só precisamente da India, como tambem indicados de uma maneira geral do apaitado Oriente. Póde dizer-se isto principalmente do mais curioso monumento portuguez d'aquella época, da sala do capitulo em Thomar. No interior d'ella ha numerosos promenores decorativos que facilmente pódem ser reconhecidos como sendo imitados de monumentos indios. Assim tambem na Torre de Belem já por diversas vezes mencionada.

E' facil explicar esta particularidade caracteristica pela extensa actividade architectonica, acima citada, que el-rei poz em execução em terras de além-mar, especialmente na India. Deduz-se d'aqui que numerosos architectos e canteiros partiram nas armadas, para estas terras distantes, a executar as obras planeadas pelo rei, algumas das quas eram de importancia capital; e não será estranho imaginar que estas colonias de artifices, residindo durante annos no Oriente, allí recebessem impressões perduraveis dos singulares monumentos antigos, e d'elles fizessem directo estudo. Algumas datas indicam a actividade d'estas colonias de artifices. Já de 1473 ha relação de extensos trabalhos em Africa, principalmente no genero fortificações, em Ceuta, Alcacer, Tanger e Arzilla, para as quaes foi Pedro Annes o mestre escolhido; em 1513 João Caceres, mestre canteiro, foi enviado ao Funchal para execução de obras regias; em 1506 Thomaz Fernandes foi chamado á India como architecto e fortificador; no reinado de D. João III, Miguel d'Arruda é empregado como architecto em Moçambique, Alcacer, Ceuta, etc.; artistas de todos os mesteres foram contractados como tambem um consideravel numero de pintores para o fabrico

das egrejas nas colonias, mais tarde empregadas ao serviço dos jesuitas.

Acima de todos devemos considerar João de Castilho, primeiro mestre portuguez affectado d'aquella influencia de impressões vindas do Oriente, porque todas as obras cuja execução dirigiu mostram aquelle character, sobretudo: Alcobaça, Thomar e Belem. Parece que só mais tarde adoptou as fórmulas da Renascença, mas ainda d'uma maneira hespanhola, como na Batalha depois de 1528. Podem ser citados como artistas d'este genero: Martim Lourenço em Evora e Ayres do Quental em Thomar; os Fernandes na Batalha; João Rodrigues em Cintra, onde seguia a mesma orientação. Só pelos fins do reinado de D. Manuel parece ter diminuido, sob o influxo da moda universal na Europa, aquella preferencia pelo phantastico, de sorte que mesmo as construcções principiadas com aquelle espirito, tiveram execução ou soffreram acabamentos já no sentido de uma Renascença mais avançada.

Teve ainda outra origem a influencia do estrangeiro, visto que artistas nacionaes fizeram estudos fóra do paiz, como nos resta informação de ter el-rei D. Manuel mandado com aquelle fim quatro pintores a Roma: Fernan Gomes, Gaspar Dias, Francisco Vanezas, e Manuel Campello, cujos nomes estão mencionados nos trabalhos de Belem.

Que D. Manuel, como seu antecessor D. João II, entretinha seguidas relações com a Italia, prova-o bem claramente uma das mais preciosas obras de pintura miniaturista — os sete volumes da biblia chamada de D. Manuel que elle offertou ao seu convento de Belem. Diz-se que do papa Julião II houvera recebido esta maravilhosa obra como presente ou paga do oiro da India que mandára a Roma.

O texto de Nicolau de Lyra está escripto pela habil mão de um certo Sigismundo de de Sigismundis e um certo Alexandre Vezano, ambos de Florença e illustrado de frontespicios, vinhetas, florões e letras iniciaes em luminura, cuja belleza de execução não tem rival. As figuras, o desenho decorativo, os ornatos e o colorido attestam a culminancia da arte na Renascença italiana. Foi acabado o primeiro volume a 11 de dezembro de 1495 e o ultimo em julho de 1497. Que a obra foi trabalhada para o rei D. Mauuel, parece evidenciar-se pelo braxão repetido sobre a margem do livro.

*Notas do auctor.* — <sup>1</sup> P. Schön Feld, Andrea Sansovino e a sua escola. Stuttgart 1881.

<sup>2</sup> Traduzimos litteralmente o que diz Vasari: «Andrea, mandado por Lorenzo, o Magnifico, a D. João II, fez para este monarcha muitos trabalhos de escultura e de archite-

ctura, principalmente um bellissimo palacio com quatro torres e muitos outros edificios. Uma parte do palacio era pintado segundo os desenhos e os cartões de Andrea, o qual sabia desenhar muito bem como se póde vêr no nosso livro onde elle desenhou algumas pagi-



nas acabadas a carvão, e n'outras desenhos de uma architectura perfeitamente caracteristica. Elle fez tambem para esse rei um altar em talha com figuras de prophetas. Uma bella batalha em barro, para ser executada ulteriormente em marmore, representando a lucta que aquelle rei tivera contra os mouros, por elle derrotados; umas das mais rudes e terribes obras de mão de Andrea, pelo movimento e posições diversas dos cavallos, pela confusão e frenetica sanha dos soldados expressa nos gestos de suas mãos. Fez ainda uma figura de S. Marcos que era algo de extraordinario. Andrea, durante o tempo, que esteve ao serviço d'este rei, applicou-se para lhe ser agradavel a trabalhos de architectura extranha e difficil, como era uso n'aquelle paiz, e dos quaes eu vi ainda em casa de seus herdeiros, no monte S. Sovino um livro, o qual dizem existir hoje nas mãos do mestre Girolomo Lombardo que elle tomára para seu discipulo e que tinha de acabar algumas obras principiaes por Andrea. Depois de ter passado nove annos em Portugal, achando enfadonho o emprego, querendo revêr seus parentes e amigos da Toscana, e depois de ter junto um consideravel cabedal, volta para a sua patria com o reconhecimento do rei.» O motivo pelo qual traduzi litteralmente pôde ser comprehendido por aquelles que tenham seguido as controversias de historia de arte n'este ultimo decennio.

A traducção litteral exclue qualquer interpretação falsa e extravagante.

<sup>3</sup> Ha engano no que Raczynski nos diz ácerca d'um baixo relevo de altar, ainda existentes em S. Marcos, perto de Coimbra, com referencia á esculptura da batalha contra os mouros mencionada por Vasari. O altar em questão pertence a época mais recente, tal-

vez cincoenta annos, e não tem semelhante relevo não obstante representar algumas figuras de cavalleiros. A unica obra conhecida que indica a actividade de Sansovino em Portugal é uma portada em marmore que se acha no castello de Cintra em cima do terraço á esquerda da entrada principal, e a qual tem uma graciosa moldura com ornatos no estylo da renascença italiana.

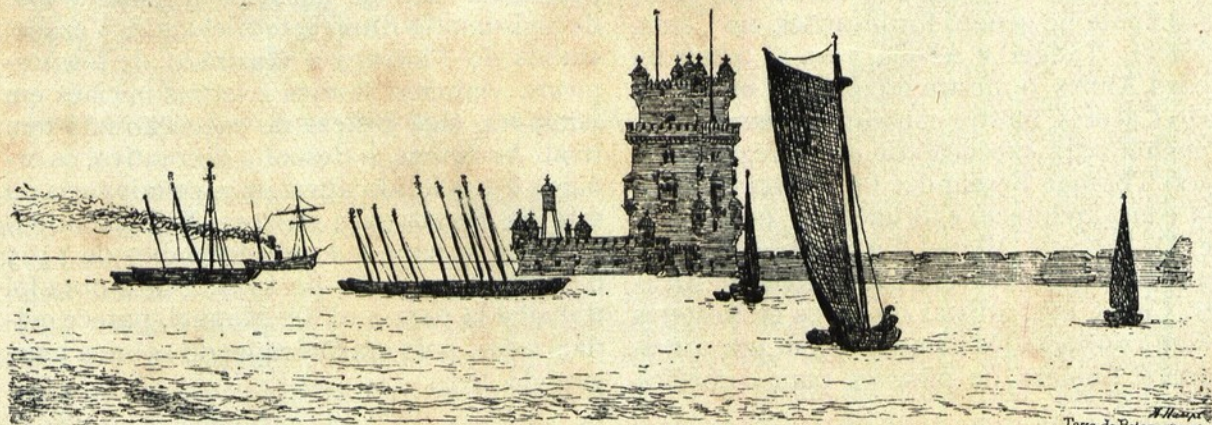
<sup>4</sup> Esse André era dominicano, mas ao mesmo tempo celebre antiquario e humanista (nasceu em 1498 morreu em 1575 em Evora). Os seus escriptos, principalmente *De Antiquitatibus Lusitaniae*, *As antiguidades de Evora*, as suas traducções da *Architectura* de L. B. Alberti, dois livros sobre aqueductos romanos, a sua correspondencia com numerosos sabios, fazem-o um dos mais notaveis representantes do humanismo em Portugal.

<sup>5</sup> Um semi-cativeiro. (Deposito em mão de terceiro.

<sup>6</sup> A imagem do globo cingido dos tropicos e da eclíptica, symbolo das tendencias geograficas e astronomicas da época.

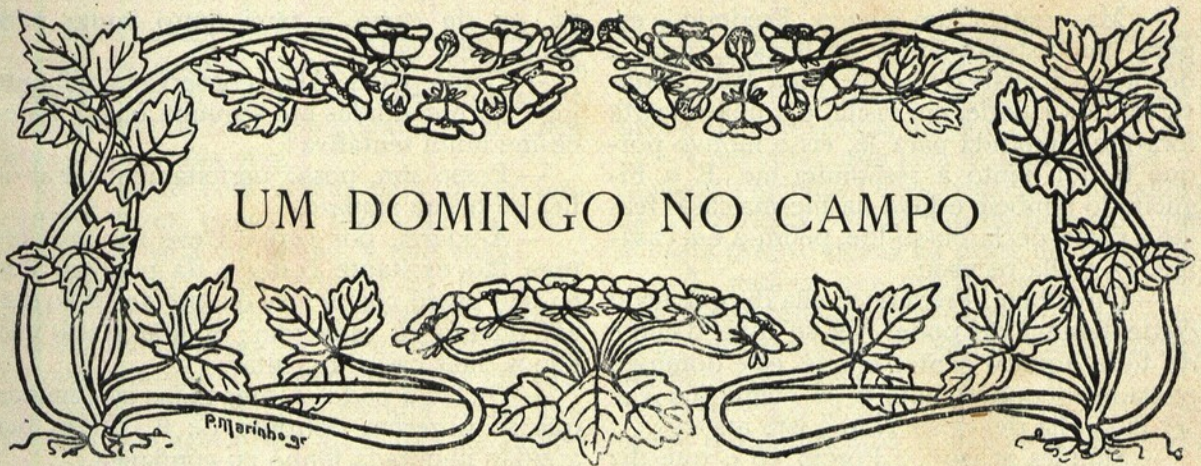
<sup>7</sup> Nas pinturas pôdem distinguir-se duas mãos das quaes a mais notavel é a do primeiro e ultimo volume. O artista designava-se no volume vii: Floren. Man. pinx. hoc opus florentie A. D. MCCCCLXXXVII. M. Julio. O seu collaborador deixou n'uma folha o seu monogramma S. C. Temos assim uma obra de dois pintores florentinos cujos nomes não podem ser facilmente verificados; a sua maneira faz lembrar a de Sandro Boticelli. Deixo aos investigadores especialistas a identificação das pessoas; e seja-me permitido expressar o desejo instante de que esta obra classica possa tornar-se accessivel ao mundo artistico por uma exacta reproducção. Seria sem duvida um facto de inestimavel valor.

(Continua).



Torre de Belem. 1886.





## UM DOMINGO NO CAMPO

**O**UVE cá, Frederico, parece que temos o domingo da semana proxima livre de visitas. As Coutinhos não podem vir, não quero convidar os Brancos antes de agosto, e portanto creio que poderia ter cá a Mimi. E' preciso arranjar-lhe companhia. Devemos ser pelo menos quatro.

— Muito bem, minha mulhersinha. E se convidares o Figueiredo? Vi-o, ha talvez duas semanas, e disse-lhe que vinhamos para a nossa casa de campo passar o verão e que haviamos de o convidar.

— Quem? O Francisco Figueiredo?

— Esse mesmo.

— Sabes, eu penso que elle admira immenso Mimi. Realmente seria um esplendido partido para ella. E reunil-os aqui, n'este adoravel sitio, entre estes vinhedos . . .

— E ao luar, não te esqueças minha romantica.

— Pois sim; tudo ajudaria admiravelmente. Seria conveniente não haver ninguem mais. Antes de se retirarem, fica certo que estará ajustado o casamento.

— Por Deus! Alice, que inveterado vicio de casamenteira, esse o teu! O Figueiredo é um bom rapaz, Mimi uma encantadora rapariga, mas não me persuado que tenhas direito de os atirar assim á cara um do outro.

— Ora! Eu não os exponho a nenhum perigo grave. Convido-os, sómente ambos . . .

— E dás-lhes campo favoravel para florestarem amores, e se elles acaso se ferirem no assalto tu dizes que não estava na tua mão evitar o accidente, não é assim?

— Desapprovas?

— Ao contrario. O teu plano convem-me. Dá-me ao menos a probabilidade de me reservar um pouco da tua attenção, para mim, o que nem sempre succede.

— Muito gentil, na verdade.

— Geralmente as tuas hospedes são absorventes.

Alice Mendes sorria-se ao comprimento

galanteador do marido, mas no olhar vago e amortecido revelava-se a elaboração intima de qualquer combinação complementar.

— Escuta, Frederico, disse pausadamente. Se os dois sabem que são convidados para se encontrarem propositalmente tudo ficará escangalhado. Portanto eu vou escrever a Mimi e tu ao Figueiredo, e ambos diremos a cada um d'elles, quero dizer, cada um de nós dirá a ambos que cada um d'elles é o unico convidado.

— Pois muito bem; mas teremos de lhes dizer isso mais grammaticalmente, aliás poderão julgar que é partida que lhes queremos fazer.

— Oh! que tolice, sabes o que eu quero dizer. E depois quando se avistarem, cada um poderá pensar do outro que veio inesperadamente. Que divertido váe ser isto! Divertido e romantico. Verás como elles nos hão-de agradecer este encontro toda a vida.

— Talvez — replicou o marido — porém tu bem sabes como é sujeita á mais vil ingratição a raça humana, mesmo em troca dos serviços mais bem intencionados.

Fizeram-se os convites; mas não vieram respostas até a noite de sexta feira, e foi com um amplo suspiro de allivio que a senhora Mendes, na manhã de sabbado, descobriu entre a sua correspondencia, chegada do correio, um sobrescripto com a intelligente, mas illegivel calligraphia de Mimi.

— Está tudo arranjado, Frederico. Ella vem — ia dizendo emquanto corria com a vista apressadamente até o fim da pagina, — subito commentou a leitura com uma invocação meio afflictiva.

— Oh! Deus meu! Attende a isto — commetemos sem querer uma enorme *gaffe*, difficil de remediar. E' muito tarde agora.

— O que queres dizer com isso, Alice? O que é demasiado tarde? Estará já a Mimi, casada com o Figueiredo? Olha, aqui está tambem uma carta do Francisco.



— Mas espera um pouco, Frederico, espera um instante antes de leres a carta, e deixa-me dizer-te o que me conta Mimi. Estava fora da cidade, em visita, e a minha carta fôra-lhe remetida para lá, eis o motivo porque tardou tanto a responder-me. E o Figueiredo também estava na mesma casa; fez-lhe a côrte, declarou-se-lhe, pediu-a em casamento, e ella recusou.

— Ouve bem, Frederico; ella diz que ficou contentissima de poder ver-se livre d'elle e de toda aquella gente, e que este domingo passado socegradamente e só comnosco vae ser para ella delicioso. Não é isto atróz?

— Simples acaso. Porém vê o que diz o Figueiredo. Deixa-me lêr contigo: — . . . «O teu convite foi uma providencia. Estava justamente, agora, ancioso de me ir embora d'esta casa e não tinha desculpa alguma plausivel. Partirei d'aqui no comboio das cinco e antegózo já o socego d'este fim de semana, passado só contigo e tua mulher. »

— Oh, Frederico, não podemos ter os dois aqui, n'estas circumstancias; e não ha tempo de desavisar qualquer dos dois. A estas horas vêem em viagem. Mimi chega ás quatro.

— Ainda é uma felicidade não virem no mesmo comboio. Comprehende-se mesmo que teriam escolhido de proposito. Tu váes esperar a Mimi na *charrette* ás quatro e trazel-a para casa; eu vou encontrar-me com o Figueiredo ás cinco, explico-lhe tudo e mandando-o embora.

— Mas repara, meu Frederico; não podes mandal-o assim embora. O ultimo comboio em que poderia voltar era o das 3,45; antes de qualquer dos dois terem chegado.

— Que abominavel e ordinario serviço de caminhos de ferro! Terá de ficar até amanhã de tarde pelo menos, forçosamente, e o mesmo terá de succeder a ella.

— Mas elles não devem encontrar-se. Que grande embaraço este! Julgas acaso possivel ter os dois aqui, sem que um saiba logo que o outro também está?

— Penso que teremos de fazer alguma cousa depois de receber estas duas cartas. E' nosso dever não torturar as visitas.

— Sem duvida. Mas como havemos de arranjar tão complicáo caso? Ora ouve. E n'uma volubilidade anciosa, Alice Mendes ia desenvolvendo os seus planos.

— Irei buscar primeiro a Mimi, e viremos para casa jantar; não isto não me serve. Podias entrar com o Figueiredo, de volta da estação emquanto estivessemos á meza. Nada. Trago para casa a Mimi e a pretexto da jornada faço-a recolher ao quarto, em quanto damos jantar mais cedo ao Figueiredo; depois tens de o levar a passear, seja para onde fôr, a

pé ou de carro, e terei outro jantar para Mimi. Será assim.

— Como podes, Alice conservar semelhante jogo de escondidas até segunda feira? Parece-me inutil tentativa!

— Posso sim, posso perfeitamente. Fal-o hei, se tu me ajudares.

— Ajudarei, por certo. Deve ser uma intriga tão excitante como a da politica. Mas eu não posso comer seis ou oito vezes ao dia, em quanto cá estiverem; e além d'isso não temos duas casas de jantar.

— Oh! Tu podes comer todas as comidas que se pozerem defronte de ti. N'esta tua aptidão illimitada tenho eu confiança. . .

— Muito obrigado

— Havemos pois de ter — continuou a senhora Mendes, meditando — gallinha, lombo assado, Perú ou qualquer cousa semelhante, para que possa apresentar um prato frio no segundo jantar. Lá isso! Determinei fazer isto e hei-de fazel-o; sou muito amiga da Mimi, para obrigar a pobre rapariga a estar contrariada um domingo inteiro com um homem a quem ha tão pouco recusou casamento. Ella sem duvida teve as suas razões.

— Devia ser também estúpido para o Francisco. Pois bem, experimentemos; e se a tentativa nos falhar, não haverá mal irreparavel. Explicaremos depois que o fizemos com as melhores intenções.

Depois de muitos planos e de muitas e minuciosas explicações aos criados, a quem foi recommendada a maior discrição e tacto no serviço dos hospedes, Alice partiu no *phaeton* para a estação a encontrar-se com a sua amiga.

— Oh! Mimi, que grande prazer tenho em te vêr, dizia ella, ao mesmo tempo que tomava as redeas e fazia sentar ao seu lado a sua formosa visitante.

— Não tanto como o que eu sinto — retorqui Maria Telles, a quem na sociedade se dava o nome familiar de Mimi — nem sei, Alice, o que seria de mim se não tivesses a feliz idéa de me convidares para tua casa. Tive ultimamente um tempo muito agitado — e espero não tornar mais a vêr o sr. Figueiredo. Contar-te hei tudo, depois, mas não fалlemos agora d'elle. Eu desejava nem sequer viver na mesma terra onde elle vivesse, quanto mais hospedados na mesma casa. Imagina tu, minha Alice, que supplicio, que sécca intoleravel!

— Pois bem, querida, não fallaremos então d'elle agora, — e n'um expressivo *allez!* accelerava o trote do seu cavallo que de orelhas fitas e cabeça recurvada arregaçava todo elegante, orgulhoso de se saber conduzido pela sua dona.



—Mais uma volta da estrada e logo se vê o portão da quinta. Deves estar fatigada da viagem e dos dissabores. Vaes descansar. Tens tempo de sobejo; o jantar é muito tarde nunca antes das oito.

—E' tarde com effeito para quem tencionava fazer, como tu dizias na tua carta, verdadeira vida de campo, n'este verão.

—Bem sei; mas convém ao Frederico. Elle — elle gosta de se entreter pelo jardim, e pela quinta, sabes. — N'este momentô entravam o portão e o bater secco das ferraduras sobre o mac-dam da estrada desapareceu abafado agora pela areia fofa da alameda copada. Ouvia-se apenas o rodar cicioso do *phaeton*.

—E' aquella a tua casa? Oh! que encantadora. E que bella varanda vejo já d'aqui. Como deve ser agradável estar alli sentada n'esta hora do cahir do dia.

— Não é feio, mas agora precisas descansar. Sentar-nos-hemos, uma meia hora, pouco mais ou menos.

— Que idéa! Olha que não estou cansada. Mas não faças caso de mim. Se tens algumas ordens de dona de casa a dar, vae, não te prendas por mim. Estou perfeitamente satisfeita aqui sósinha, — affirmava com verdade Mimi, na varanda, a querer metter pelos olhos dentro o dilatado horizonte que se descobria. Onde está teu marido?

— Elle deve andar por ahi em redor, me parece. Ah, eil-o ahi, — e chamando em voz alta — Frederico, vem cumprimentar Mimi.

— Como está, minha senhora, disse cordialmente. Muito me alegre vel-a e depois de trocar algumas palavras acrescentou:

— Perdôe-me a minha subita sahida á sua chegada, mas tenho de ir á estação para — para — para telegraphar.

— Não peça desculpas, — respondeu-lhe com um sorriso gracioso. Sentar-nos heinos aqui, Alice e eu, á espera que volte. Estou gozando d'este delicioso aspecto do campo e d'este ar fresco e fino.

Porém meia hora mais tarde a sua hospedeira disse terminantemente:

— Agora é preciso que vás para o teu quarto descansar. Pódes tambem vêr a vista bonita das tuas janellas — e insisto que vás. O descanso é indispensavel á tua compleição debil.

Mimi obedeceu, levantou-se e seguiu sua amiga, surprehendida um pouco por esta especie de tyrannia a que estava sendo sujeita, mas bastante delicada para fazer qualquer objecção.

— Agora — dizia a sr.<sup>a</sup> Mendes emquanto se entretinha no quarto da sua hospede, aqui tens um penteador, deves pôr-te á vontade,

e vê se consegues descansar bem, para que possas estar fresca e com appetite para jantar. Eu virei chamar-te a tempo para te vestires e não appareças antes d'isso.

— Convenho que faça o que tu dizes, — replicou a menina Telles, com um ligeiro amuo de contrariada, — mas não sei bem para que me seja preciso deitar na cama em pleno dia.

— E' melhor que descanses, minha querida. Estás cansada, sem duvida, — e nervosa, vê-se; um somninho reparador deve fazer-te um bem admiravel.

Alice beijou a amiga e retirou-se, segurando por momentos a maçaneta da porta depois de a ter fechado, como se receiasse que lhe fugisse a prisioneira. Depois, com o coração a bater dirigiu-se para o alpendre da entrada. Justamente acabavam de chegar seu marido e o Figueiredo.

Ella recebeu-os com um ar muito prazenteiro e depois sem nenhum signal de pressa no seu modo ou attitude, disse:

— Frederico, desejava que levasses o sr. Figueiredo ao seu quarto, faze favor, porque o jantar está quasi prompto. Espero, acrescentou, voltando-se para o seu novo hospede, que se não importará de jantar ás seis horas, porque, como sabe, no campo tudo é mais cedo, de outra forma reproduziríamos a vida fatigante da cidade.

— Sim, além d'isso — corroborou Frederico, estou com uma certa pressa, esta tarde, Alice, tenho de ir ao Casal da Pedra tratar d'aquelle negocio de feno, sabes.

— E' verdade: é preciso attenderes ao feno. Demais faz agora um luar encantador. E' um bello passeio; supponho que levarás contigo o sr. Figueiredo, não é assim?

— Então havemos de a deixar só? objectou este delicadamente.

— Oh! que importa isso. Tenho tambem alguns negocios domesticos a attender.

— A vida de campo é muito activa, Francisco, — explicou o sr. Mendes; — como vês, temos de substituir os habitos fatigantes da cidade, — sem se lembrar que na repetição da phrase de sua mulher contradizia o seu proceder.

Jantou-se mui agradavelmente. A visita e os donos da casa estavam alegres e affaveis, e aparentemente sem um unico pensamento que não fosse o entretenimento do seu hospede. Mas quando o Figueiredo começou de se enthusiasmar na apreciação de uma historia curiosa, que lhe contava o seu amigo, a sr.<sup>a</sup> Mendes apossou-se do pavoroso susto de que o som das suas resonantes gargalhadas podesse penetrar no quarto fechado de Mimi.

Portanto, apesar da tarde estar quente,



ella estremeceu ligeiramente, expressando o receio das correntes d'ar, e disse ao criado que fechasse todas as portas da casa de jantar e que puchasse os reposteiros.

Todavia, como as janellas ficavam abertas, não havia verdadeiro perigo de suffocação, e Frederico contou, para reforçar o caso que sua mulher se tornara muito susceptivel ás constipações. Depois do jantar os dois partiram para aquelle enganoso negocio.

— Não te vaes demorar muito, não é assim Frederico? perguntou meigamente Alice, que estava desempenhando o seu papel perfeitamente.

— Receio que tenha de me demorar, querida, respondeu o marido que tambem porfiava no disfarce. Bem sabes que é bastante distante o Casal da Pedra. Mas estaremos de volta pelas dez horas. Espera por nós.

Tão depressa se foram embora, a sr.<sup>a</sup> Mendes correu á cosinha a ordenar que se servisse o segundo jantar em meia hora. Como tinha cuidadosamente combinado os *menus*, a execução era realmente bastante simples.

Depois foi ao quarto de Mimi e reconheceu satisfeita que a sua hospede acabara apenas de acordar.

— Tinhas razão, Alice, disse ella, arqueando os braços acima da cabeça, n'um infantil espreguiçar. Estava cançada, e o somninho fêz-me um bem admiravel. Vou já apromptar-me para o jantar.

— Pois sim, aprompta-te. Eu vou ajudar-te. E estou immensamente contrariada, minha bella, porque o Frederico foi chamado inesperadamente. Teve de sair e de ir ao campo tratar de uma compra . . . de uma compra de feno. Portanto temos de nos resignar a jantar as duas sósinhas. — Tu desculpa-l'ó sim? Elle volta mais tarde e vaes vê-lo á noite.

— Por certo que o desculpo, aproveitaremos o ensejo para conversarmos intimamente. Tenho de contar-te por miudo o caso sensacional.

O segundo jantar correu agradável como o primeiro, e porque a sr.<sup>a</sup> Mendes comêra muito pouco n'aquelle, teve ensejo de provar agora á sua hospede, que ella gosava, pelo menos, d'um appetite normal.

Depois do jantar a menina Telles manifestou o desejo de se sentar na varanda, mas Alice objectou, dizendo que tinha muito medo do ar da noite, um ar finamente humido.

— Como assim, Alice! disse-lhe a amiga — nunca te conheci pensando tanto na tua saude. O que é que te transtornou? Estarás acaso a envelhecer? A noite está quente e balsamica, e tu podes embrulhar-te n'um chaile.

— Não Mimi, não posso fazel-o, nem te

deixo fazel-o igualmente. Está cahindo orvalho. Não quero tomar a responsabilidade de cahires doente. O ar do campo é traiçoeiro, minha querida.

Fazendo-se desentendida do evidente desapontamento de sua hospede, a sr.<sup>a</sup> Mendes conduziu-a para a sala brilhantemente illuminada, onde aguardaram a volta de Frederico.

E quando elle chegou proximo de casa soltou um prolongado assobio, que denunciava a sua vinda.

— Ahi vem o Frederico; dás-me licença um instante, Mimi? Ainda conservo o habito de ir esperar meu marido.

Emquanto a menina Telles se sentava n'uma cadeira de palha, junto da meza redonda, onde ardia o candieiro e sobre a qual se amontoavam os jornaes e revistas, serenamente esperando a volta de sua amiga, uma manobra intelligente se estava dando na escada da frente, no lado opposto da casa.

— Olha cá! disse o sr. Mendes, quando lhe appareceu a mulher — faze favor de entreter um pouco o Francisco, em quanto eu vou de roda ao celleiro, e prevenir o José caseiro com respeito ao feno.

— Entreter-nos-hemos aqui os dois na varanda até que voltes, disse Figueiredo cahindo docemente na armadilha.

— Sim — concordou Frederico — ou vão para a sala de bilhar que eu lá irei ter.

Sem parecer propositado manejo a senhora Mendes encaminhou o seu hospede, pelo jardim em redor da casa por entre uma rua de roseiras em flor, até a porta que dava ingresso á sala de bilhar. D'ahi a pouco o infeliz namorado confiava os seus desgostos e o desastrado desfecho do seu amor á sua linda e sympathica hospedeira.

Entretanto Frederico Mendes tinha hido ter com Mimi á sala do outro lado.

— Senti immenso, minha senhora, de não poder jantar comsigo, mas realmente era um negocio um tanto importante e inadiavel.

— Ora, não esteja com desculpas — interrompeu ella; — Alice e eu estavamos tão satisfeitas de nos encontrarmos outra vez e fallamos tão seguida e simultaneamente até, que duvido que o sr. podesse pôr uma palavra sua no intervallo das nossas.

Mas eu estou admirada da Alice, sr. Mendes. Ella tem apparencia de excellente saude, no entanto tem um medo, um pavor de se constipar! E' extraordinario n'ella, que sempre a conheci indifferente a estas cousas, ás vezes até imprudente.

— Sim, agora está mais sensivel do que d'antes, e uma corrente d'ar fal-a logo espirrar. Foi por isso que ella teve de fechar to-



das as portas ao jantar esta tarde—quero dizer—ao lunch, hontem, ou por outra ao meio dia de hoje. Perdôe-me, minha senhora, mas a vida do campo faz aproximar tanto as horas das comidas, que as vezes confundo tudo.

—Oh! talvez jantem ao meio dia quando estão sós?

—Sim, algumas vezes jantamos a essa hora.

—Belleza da vida de campo que nos permite o prazer d'estas extravagancias como se deseja. Esta sua vivenda e este sitio são encantadores. Hei-de exploral-o todo. Gosto muito de celleiros, do perfume acre dos fenos e de todas estas cousas campezinias.

—Ha-de ver tudo. Acompanhal-a-hei amanhã. E' um bocadinho muito bonito, com quanto precise ainda de grandes melhoramentos. Espero poder, até ao anno que vem, fazer d'isto o meu Paraizo.

Com variada conversação, o sr. Mendes entreteve a sua hospede por uma hora ou mais, e depois disse, casualmente:

—Alice parece que nos abandonou. Estou em apostar que ella está na cosinha compondo o *menu* para amanhã. Não temos tantos criados como desejamos; é muito difficil obtel-os que queiram vir para aqui, e ainda mais conserval-os. Começo a comprehender o motivo das troças dos jornaes de caricatura sobre a autocracia dos cosinheiros. Se me permite vou buscar e trazer para aqui captiva a fugitiva Alice.

Um momento depois, entrava Frederico, todo affectadamente despreoccupado, pela casa do bilhar.

—E assim bem vê, minha senhora—estava dizendo o Figueiredo,—com franqueza não podiamos estar debaixo dos mesmos tectos. Seria horriavelmente estúpido.

—Sim, realmente—confirmou Alice com voz suave e acariciadora, e pouco depois, com algumas palavras de breve despedida, deixou aos dois as bôas noites e desapareceu.

Encontrou ainda a Mimi Telles na sala.

—Onde está Frederico? perguntou ingenuamente quando chegou á porta. Então deixou-te sosinha?! . . .

—Foi agora mesmo procurar-te—replicou Mimi. Entreteve-me aqui deliciosamente, e disse-me que perdias demasiado tempo com os teus deveres domesticos.

—Não, não; apenas o tempo indispensavel, mas esta minha nova criada é um tanto incompetente, e eu tenho de olhar por tudo. Na cidade é outra cousa. Mas aqui no campo. . . As criadas não gostam d'esta solidão. Se te parece, vamos-nos recolher. Estou estafada, não imaginas. Julgo que Frederico terá hido escrever o seu correio que deve ficar feito á noite. O criado leva-o de madru-

gada á estação; portanto não precisas esperar para lhe dar as boas noites.

—Então, os dois estão positivamente bucolicos. Nunca poderia imaginar cousa assim.

—Oh! chama antes a isto pastoral. Sôa muito melhor, e lembra os carneirinhos brancos sobre a relva verde, com pastores vestidos de seda e bordões de crystal. Não temos nenhuns, mas creio que no proximo verão haverá numeroso rebanho.

Com persistencia subtil, e cauteloso disfarce, a senhora Mendes encaminhou a sua hospede para o quarto e mais uma vez lhe fechou com satisfação a porta; porem subito abriu-a de novo para lhe recommendar—Não desças amanhã para o almoço, Mimi, mandar-t'ô-hei ao quarto. E' nosso costume aos domingos, por causa da missa dos criados, que é distante.

—Pois sim, Alice, não tem duvida. Não te molestes comigo. Se me levantar cedo, irei investigar a tua linda casa e jardim, o campo os celleiros, os gallinheiros e tudo. Acredita que me sinto já toda pastoril.

—Ora! Tens muito tempo para tudo. Além d'isso não poderás sahir. As portas não se des-trancam antes. . . antes das dez horas.

—Oh! é tarde debes confessar, para quem deseja passar vida campezina, minha Alice!

—E' sim; tambem o julgo assim mas é costume e o Frederico incommoda-se terrivelmente se alguma cousase altera na rotina estabelecida. Portanto fica na cama até que a Clara te leve a bandeja com o almoço, sim?

—Por certo,—respondeu bondosamente Mimi, para responder alguma cousa. Provavelmente não acordarei até essa hora.

Na manhã seguinte continuou ainda alegremente este jogo dos quatro cantinhos.

Os donos da casa e o Figueiredo encontraram-se no almoço das nove e depois passearam uma hora pela varanda e pelo jardim, pela rua das rosas, tendo cuidado de evitar bem a salvo as janellas do quarto de Maria Telles.

Em seguida o Mendes propoz um passeio a uma herdade proxima, famosa, com um delicioso ponto de vista. Sua mulher dispensouse de ir, mas instou com o Figueiredo para que acompanhasse seu marido,—que era uma bella idéa, um sitio esplendido.

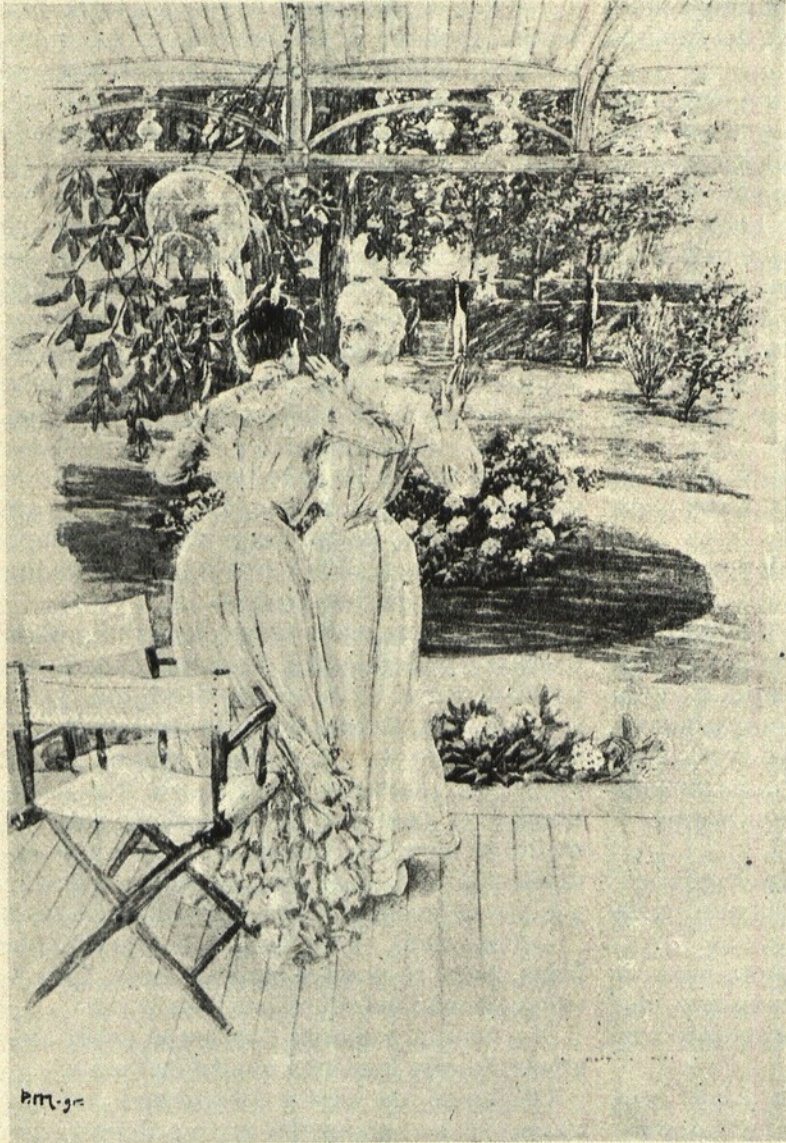
Os dois partiram; pouco depois Alice com o seu roupão de manhã e com aspecto manifestamente dissimulado de quem acabara de se levantar, appareceu perto da cama de Mimi, desejando-lhe os bons dias.

—Levanta-te, minha querida, minha preguiçosa. Está uma linda manhã, os passaros cantam, as flores desabotoam e a natureza toda está chamando por ti.



A menina Telles correspondeu amavelmente ao cumprimento, e as duas amigas passaram juntas uma deliciosa manhã per-

—Como é isto? Olha alli vem teu marido e mais alguém com elle. Quem será? De longe parece-se com...



correndo a quinta, os jardins, as dependências, um recanto da matta, tagarellando e admirando a belleza do dia. O Frederico — afirmou mentirosamente sua mulher, tinha ido á missa na freguezia proxima, para visitar o abbade, um velho encantador que já viera fazer-lhes companhia uma tarde e que voltara á noite para o passal, a pé com os seus cães e um nodoso cajado de lavrador. Um typo, emfim. Porém Frederico voltaria para casa muito a tempo para o jantar, que no domingo era ás trez horas.

Os planos de uma mulher intelligente, similhantemente aos dos homens, tambem fallam; e assim succedeu. Estavam a senhora Mendes e a menina Telles sentadas na varanda, gozando da serenidade do dia de verão. Subito a Mimi exclama admirada, surpresa:

molhada.

—Não importa nada, Alice, minha querida, não te amofines, de toda a forma tinha de mudar o vestido para o jantar, e o cabello enxuga rapido. Vês, a minha saia quasi não está molhada.

—Ainda bem. Perdôa-me. Aproveita o tempo, Mimi faz a tua *toilette*, e vem ter conosco quando te aprouver. O jantar, tu sabes. é ás trez.

—Está segura por uma hora pelo menos— dizia a senhora Mendes consigo, em quanto descia as escadas apressadamente — mas como foi que o Frederico desnor-teou assim, o desastrado?! E voltou uma hora antes da hora combinada.

Encontrou os homens sorridentes, serenos, a conversarem na varanda. O senhor

Porem não poudes continuar, porque logo ás primeiras palavras Alice percebeu a collisão imminente, sensação similhante á do machinista que vê subito deante de si, na mesma via, avançar para elle acelerado, fatal, enorme um comboio em direcção opposta.

Deu um salto, e n'um movimento apressado, sem intenção na apparencia, entornou um globo cheio d'agua contendo peixes dourados, pendente como enfeite do travejamento do alpendre, de forma que cahiu um diluvio de agua fria e um peixe viscoso e escorregadio sobre o lindo vestido pompadour da menina Telles.

—Oh! exclamou Alice com funda solicitude— que desastrada imperdoavel que sou! Oh! querida, vem já para casa. A Clara enxugarte-ha o cabello. Ora não ha cousa assim. Como fiz similhante desastre? Dei um pulo tão precipitadamente, sabes, porque extranhei que fallasses como se conhecesses a pessoa que vinha com o Frederico. Afinal é o nosso visinho da herdade pegada com a nossa, o senhor Teixeira. E tu n'esse estado! Tenho pena que estejas tão



Mendes vira a distancia o episodio do globo de peixes dourados, e recebeu a principio que o Figueiredo tivesse reconhecido a menina Telles; mas ou por distracção ou por myopia não deu signal de que a tivesse reconhecido, e os conspiradores ainda d'esta vez levaram a melhor.

Bem depressa deram azas á conversação, e finalmente Frederico disse—Olha lá Francisco, tu deves estar estafado com este grande passeio a que não estás habituado. De mais está a aquecer um pouco o dia. Vae descansar. Se não queres dormir, ou se quizeres chamar o somno está, sobre a tua meza do quarto, o ultimo romance de sensação, do Julio, nosso condiscipulo, lembras-te, d'aquelle rapaz que não conseguiu seguir o curso. Porcorre-o ligeiramente. Merece ler-se, verás.

O senhor Figueiredo affirmou muito decididamente que não estava fatigado, defendeu a sua robustez citadina, mas as suas objecções foram delicadamente rebatidas e foi levado em triumpho para o seu quarto.

— Aqui tens o livro, meu caro, — dizia-lhe o Frederico — entrega-te a ti proprio por um par de horas. Vou fazer o mesmo. Encontrar-nos-hemos na sala de jantar, ás cinco. Estarás prompto.

O Figueiredo pensou de si para si de que o havia de estar, porque lhe parecia já longo tempo desde o almoço das nove horas. E Frederico por seu lado apreciara este facto, mas não quiz lembrar um *lunch* mais succulento, duvidando da possibilidade da sua realisação, sem encontro intempestivo. Decidiu mandar-lhe qualquer cousa ao quarto e desceu as escadas atrapalhado mas victorioso e os machiavelicos hospedeiros breve estavam presidindo a um jantar ao qual assistia uma só das suas visitas.

De novo, a senhora Mendes com os seus habituaes receios das correspondencias d'ar obrigou a ter as portas cuidadosamente fechadas, com quanto as janellas estivessem abertas de par em par.

Eram acertadas as precauções que ella tomára; porque, quando o jantar ia ainda em meio, os seus ouvidos finos perceberam o som de passos de homem nas escadas.

— Frederico — disse ella precipitadamente — parece-me que temos gente na sala fronteira; fazes favor vaes vêr?

O sr. Mendes levantou-se da meza bruscamente, fechando atraz d'elle a porta sem deixar passar o criado que por seu lado se lembrava bem das recommendações de seu amo e já se interessava pelo caso.

— Sou uma perfeita idiota com medo dos ladrões,— explicava Alice a Mimi— não ima-

ginas. Desde que succedeu . . . logo te contarei. Aqui fóra no campo rouba-se mais facilmente de dia do que de noute. Depois estamos muito isolados.

— Oh, minha querida, socega. Nunca ouvi dizer que houvesse bandidos por estes lugares.

— Estás troçando de mim. Supponho bem que não era de facto um ladrão, todavia não posso deixar de ter este medo. Vou contar-te o motivo.

Entretanto o sr. Mendes, como presumira, encontrava o seu amigo Figueiredo, descendo as escadas.

— Então fizeste uma bôa soneca?

— Não; tenho estado a lêr aquelle livro de que me fallaste e realmente é interessante. Porém o meu quarto é demasiado quente e vou para a casa de bilhar acabar de lêr. Não te preocupes comigo. Onde está tua mulher, a sr.<sup>a</sup> Mendes?

— Ella está. . . ella está na sala de visitas. Queres, vem por aqui de roda, para a casa de bilhar. Faz de conta que estás em tua casa — irei ter contigo logo.

— Não te apresses; entretenho-me com o romance, acredita. Quando me entrego á leitura de um conto levo-o até ao fim. E este é magnifico. O Julio tem talento. Quem havia de dizer?

Abençoado Julio, pensou Frederico, e enquanto o amigo seguia cuidadosamente para a sala de bilhar, elle voltava para a casa de jantar.

— O teu ladrão, sabes, era o Vicente que subia a escada para ir regar as plantas das janellas — disse para a mulher com sorriso satisfeito, emanado da consciencia de quem estava pregando uma grande mentira, muito bem dita.

— São na verdade bem absurdos estes meus sustos de ladrões — disse a sr.<sup>a</sup> Mendes serenando-se, respirando longamente e depois continuou-se o jantar até ao fim sem mais nenhuma eventualidade.

Todavia, depois do jantar, recommçaram as atrapalhações. Alice mais uma vez quiz mandar para a cama a sua amiga, mas era demasiado cedo, não havia a justificação da jornada e Mimi revoltou-se abertamente.

— Então pensas que sou uma criança? que tenha de passar a metade da vida a dormir! Não, de certo — vamos para a sala fazer musica. Vou cantar-te qualquer cousa.

Aqui estava realmente um caso imprevisto. Ella havia de cantar provavelmente — *Non posso vivere senza di te* ou então qualquer ballada igualmente sentimental, e o Figueiredo ouvil-a-hia, e pensaria que ella tinha o coração dorido por causa d'elle, e rir-



se-hia no seu íntimo. Seria o peor desfecho e além d'isso o que pensaria da duplicidade dos donos da casa?

Não, o jogo ia já tão avançado, a partida estava quasi ganha, que deveria seguir-se com exito. Se acaso podesse fechar-se o piano? Feliz pensamento! Em quanto Frederico e Mimi se encaminhavam vagarosamente pelo terraço exterior para a sala a senhora Mendes correu a fechar o piano.

— Canta-nos alguma cousa, sim, dizia Alice afoutamente, enquanto seu marido, prevendo o desastre inevitavel, preparava já a explicação a dar ao Figueiredo. Emfim elle era amigo. A franqueza tudo justificaria.

— Faze favor, abres o piano, Frederico — e este adiantou-se pressuroso para o fazer apenas admirado de que Alice tivesse resolvido pôr fim á brincadeira.

— Está fechado! — exclamou elle com sincera surpresa.

— Está? — disse a mulher perplexa apparentemente. E' verdade que está; fechei-o no dia em que vieram cá os filhos do Teixeira porque batiam n'elle desalmadamente. Não me lembro onde puz a chave. Parece-me que n'esta jarra... Não, não está cá. Ora esta!

As mais diligentes buscas não deram, é claro, o resultado desejado; portanto o canto em projecto ficou á força abandonado.

Mas faltava um quarto para as cinco e era preciso occultar de alguma fórma a menina Telles.

A sr.<sup>a</sup> Mendes afastou-se um momento para conferenciar com o marido.

— Nada podemos fazer — respondeu elle ao seu urgente appello de auxilio. — E' insustentavel a situação, minha querida e além d'isso eu não posso comer outro jantar hoje.

— Oh! Frederico, mas precisamos continuar a tel-os separados. A Mimi morreria de ridiculo se soubesse o que nós temos feito, e o Figueiredo com justa razão poderia zangar-se tambem. E olhava com apparente distracção pela janella para a alameda da estrada, n'aquella investigação do espaço que acompanha naturalmente o desejo de sahir d'um momento apertado.

— Oh! aqui vem o Teixeira! Vou convidal-o a ir passear com a Mimi.

— O diabo favorece o seu semelhante — segredou maldosamente Frederico Mendes.

Sua mulher induzida a novo esforço por este opportuno auxilio, estava animada e alegre. Apresentou a visita a Mimi Telles, e com graça subtil, com arte excepcional, apenas um pouco apressadamente, arranjou que elle se encarregasse de a entreter.

O sr. Mendes declarou depois que sua mu-

lher hypnotisara positivamente o Teixeira, porém em todo o caso o plano correu admiravelmente. Mimi sahiu d'ahi a pouco sorrindo toda alegre do passeio projectado, curiosa, acompanhada do seu novo conhecido. O visinho Teixeira tinha uma filha que era uma eximia amazona; elle era creador e possuia magnificos cavallos. Mimi era doida por andar a cavallo. O Teixeira levava-a a casa, a dois passos; nos seus bellos cavallos, iriam os tres passear. Alice não podia montar, Frederico ficava a acompanhal-a; tudo bem planeado.

— Viu o repentino diluvio que cahiu sobre mim esta manhã, quando entrava o portão com o sr. Mendes, pois não viu? — perguntava Mimi ao sr. Teixeira em quanto desciam a alameda.

— Hoje ainda cá não vim, — respondeu surprehendido.

A sr.<sup>a</sup> Mendes ouviu o principio da conversação, mas não se atreveu a demoral-os para dar uma qualquer explicação plausivel. Esperava ouvir a todo o momento o som dos passos do Figueiredo.

Portanto deixou os recémconhecidos explicarem o caso como melhor podessem, e deu um profundo suspiro de allivio quando viu Mimi entretida por horas, e isso era sufficiente.

O segundo jantar correu alegre. O par Mendes estavam exaltados pelo exito e divertidissimos com as difficuldades sempre crescentes, e o Figueiredo grato por tão amavel hospitalidade empenhava-se em lhes responder.

Frederico trinchou o segundo Perú tão seria e cuidadosamente como trinchára duas horas antes a fêmea d'elle, e sua mulher não poudede deixar de desenhar na sua imaginação em esboço fugitivo a perspectiva de um inevitavel prato de Perú frio em dias successivos.

Chegou afinal a hora do café; depois todos tres procuraram a frescura do entardecer na varanda e os homens principiaram a fumar.

Cahiu a tarde, e quando, já noute, Mendes percebeu trazido pela viração o tropel de cavallos que se aproximavam rapidamente, expedita e amavelmente convidou Francisco Figueiredo a ir jogar uma partida de bilhar.

A sr.<sup>a</sup> Mendes saudou os recémchegados, acolhendo com amizade a volta de Mimi e convidando o sr. Teixeira e sua filha a demorarem-se, com a intima e anciosa esperança de que os visinhos não aceitassem. Conhecia-lhe os habitos e contava com a recusa. Effectivamente foram-se embora deixando a



sr.<sup>a</sup> Mendes perfeitamente serena, antevendo que o seu jogo arriscado estava quasi no fim, e que a victoria em breve faria fluctuar uns vistosos galhardetes e flammulas.

— A que horas se ceia? perguntou a menina Telles—o passeio fez-me ter fome como a caçador.

— Não costumamos ceiar em noites de domingo, explicou a hospedeira. — Vem comigo á casa de jantar. Sem cerimonia, arranjaremos sem duvida com que satisfazer esse bello appetite. Vê tu como este ar é fino e saudavel.

E Mimi foi seguindo a sua amiga até á copa. A vista dos dois perús assados rodeados de pratos gemeos de varias qualidades despertou natural surpresa na menina Telles, e com a liberdade de amiga intima extranhou o caso.

— Parece que tens dois jantares, disse.

Mas Alice disfarçou o caso, desviando a conversa para assumpto muito differente.

— Agora — disse a reflexiva e pouco economica dona da casa, depois que acabaram de ceiar, — sei que estás cançada do passeio e portanto melhor é recolhemo-nos. Tu vaes para o teu quarto e ainda te farei companhia por algum tempo.

D'esta vez Mimi concordou com facilidade. O passeio de cavallo, em cima do jantar, extranho e apenas justificavel por extravagancia campezina, fatigara-a em bõa verdade. A senhora Mendes sentia-se como Napoleão em Austerlitz.

Tudo ia correndo muito bem quando Frederico e o sr. Figueiredo vieram casualmente para a sala de baixo, onde se ouvia distinctamente a voz do Figueiredo.

— Que voz tão parecida, Deus meu! dir-se-hia a do Francisco. Quem estará com teu marido?

A senhora Mendes teve de inventar nova historia: que era o doutor, que tinha sido chamado para vêr o cosinheiro, e entrára naturalmente para lhe fazer a receita, e pretextando que a sua presença seria necessaria, despediu-se, desejando-lhe uma bõa noite.

— E não desças para o almoço antes das nove — disse ella, recordando-se com inexprimivel satisfação de que o Figueiredo partiria no comboio das nove.

— Muito bem — disse a menina Telles.

Depois a sr.<sup>a</sup> Mendes ingenuamente radiante de alegria pelo exito obtido, desceu as escadas, e presidiu á ceia dos dois amigos que chamara para a casa de jantar.

O almoço havia de ser ás oito em ponto para o Figueiredo na manhã seguinte, portanto cinco minutos antes das oito a sr.<sup>a</sup> Mendes, ainda envolta no seu fresco e mimoso roupão de verão, todo pleno de rendas, desceu apressada a escada do seu quarto.

— Onde está o sr. Figueiredo? — perguntou ella ao marido que se achava já



na sala do rez do chão. — Ainda não desceu?

— Não sei onde está — replicou o sr. Mendes — bati á porta do quarto, mas não tendo resposta alguma, olhei para dentro, e lá não



estava. Corri a casa toda a procura d'elle, porém não o encontrei.

— O que? como assim? — oh, Frederico olha para alli! Alli! fóra, defronte do portão! Que caso tão extraordinario! — E surpresa, n'um movimento de assombro apontava pela janella aberta.

Frederico olhou estupefacto; o sr. Figueiredo e a menina Telles caminhavam pela alameda das rosas em direcção á casa!

— Olá Frederico — com o mais radiante sorriso, — está prompto o almoço? Temos andado aqui fóra ha mais de uma hora e estamos quasi a morrer de fome. Ah! muito bons dias, minha senhora! — continuava alegre, fallador.

— O que quer isto dizer Mimi? — disse a senhora Mendes, parecendo admirada e encantada ao mesmo tempo.

— Ora, quer dizer — respondeu Mimi vivamente. — Estavamos n'um erro, e agora aqui desfizemos o engano.

— Sabe, minha senhora, — explicou o Figueiredo com incomparavel ar de satisfação esta manhã muito cedo ouvi a voz da Mimi cantando debaixo da janella do meu quarto.

— E' onde geralmente se cantam as serenadas, accscentou Frederico.

— Não foi assim — disse com desembaraço a menina Telles. Faça favor, deixe-me contar a historia. Tu sabes, Alice, que hontem quiz levantar-me cedo e ir gozar da bella manhã do campo, e não m'o consentiste, portanto esta manhã que estava tão linda não pude resistir, desci as escadas subtilmente, abri a porta da frente sem fazer o menor ruido, sabendo quanto tu como Frederico desesperam de que se altere a ordem estabelecida . . . — apoiando o dito com um sorriso malicioso.

E depois — continuou a menina Telles — errava pelo jardim colhendo rosas, estava tudo tão lindo, tão fresco e tão luminoso que não pude deixar de trautear uma canção e insensivelmente puz-me a cantar. O teu hospede então todo curioso pôz a cabeça fóra da janella, pensando, creio, que era a criada.

— Agora, acabo eu de contar a historia para lhe poupar o rubor da confissão — interrompeu o Figueiredo. Reconheci a voz suave que tantas vezes me encantou o ouvido, e, não obstante pensasse que estava sonhando, resolvi que havia de passear no meu sonho, e desci ao jardim.

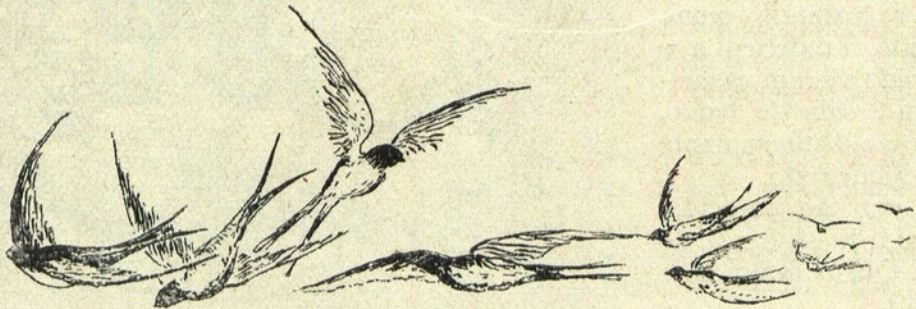
— E todo o nosso trabalho para nada serviu — disse a sr.<sup>a</sup> Mendes — sentando-se n'uma cadeira. — Tanto fazia então tel-os deixado encontrar-se no sabbado á noite.

— Não sentenciou a menina Telles — Foi o pensar todo o dia de domingo no que nos houvera succedido que nos levou ao bom senso. Se nos tivéssemos encontrado no sabbado á noite, ficar-nos-hiamos detestando um ao outro mais do que nunca.

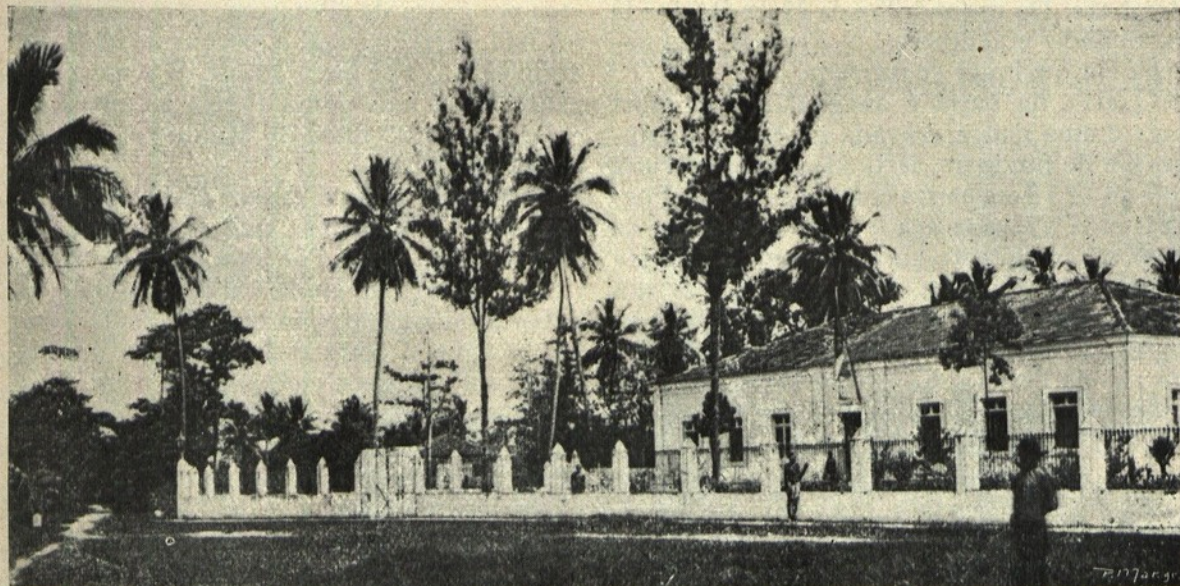
— Então, muito bem, Alice — accrescentou o sr. Mendes com gesto consolador — venceste no teu plano de casamenteira, porque a tua primeira idéa fora convidar este bello par na expectativa de que por meio d'este encontro casual se resolvessem a passar juntos o resto da sua vida.

— Como esperamos fazer — confirmou o Figueiredo com um radiante olhar de enamorado sentimental para a menina Telles toda ruborisada, como as rosas que em braçado trazia colhidas na frescura da manhã.

Em seguida foram finalmente almoçar juntos todos quatro. O que tem de ser, tem muita força, diz o próloquio popular.







QUELIMANE — RESIDENCIA DO GOVERNADOR (CONTIGUA Á SECRETARIA)

# De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

## SEGUNDA PARTE

### CAPITULO III

#### Quelimane — A cidade — Os rios — O Chinde

**A** BARRA do Chinde abre-se cêrca de quarenta milhas a sudoeste da barra de Quelimane. D'uma a outra navega-se n'uma enorme mancha de agua barrenta, vada por elles e pelo Linde, pelo Mahindo, pelo Inhamhona, e que os fluxos e refluxos das marés, na sua rapida alternativa, nunca chegam a absorver de todo no azul profundo do oceano. Foge-se da costa dando resguardo ao banco de Linde; depois vae-se procurar com a vista, na barra do arvoredo que fecha o horizonte, uma terra baixa e verde, de menos d'uma milha de prolongamento, limitada de ambas as partes por largas saidas d'aguas, que se denunciam de longe espumando nos baixos. Quando se descortina, ao sul d'essa terra, um mastro de bandeira a surdir por detraz do alteroso mangue, está-se á vista do Chinde. Mas não é facil entrar. Navios que precisem 11 ou 12 pés de agua têm de esperar marés de aguas vivas para, na sua préa-mar tentarem a empreza; em todos os estados de marés só passam a barra pangaios e escaleres.

Mais de oito dias esperei eu em Inhambane que a pequenina *Liberal*, podesse levar-me ao Chinde. *O Wissemen* ainda mais modesto, unico vapor de carreira que frequentava o porto em 1891-1892, combinava o serviço de maneira que aproveitasse os syzigios para o visitar, e fóra d'essas épocas passava de largo por deante d'elle. No primeiro semestre de 1892, uma barca ingleza abarrotada de carga para os inglezes do Nyassa esteve fundeada fóra da barra mais de oito dias aguardando que crescessem as aguas; quando as julgou bastantes, metteu-se á barra á hora da préamar, bateu rijamente no fundo porque havia ondulação, o capitão sobresaltado fez umas manobras erradas e foi cravar-se nos bancos do nordeste, onde o navio se fez pedaços. A companhia *Union*, para fazer com segurança as carreiras entre Quelimane e o Chire, encarregou-as a uma lancha a vapor, uma especie de rebocador, que anda aos trambulhões no mar da costa; não quiz arriscar navio de mais porte na famigerada bocca do

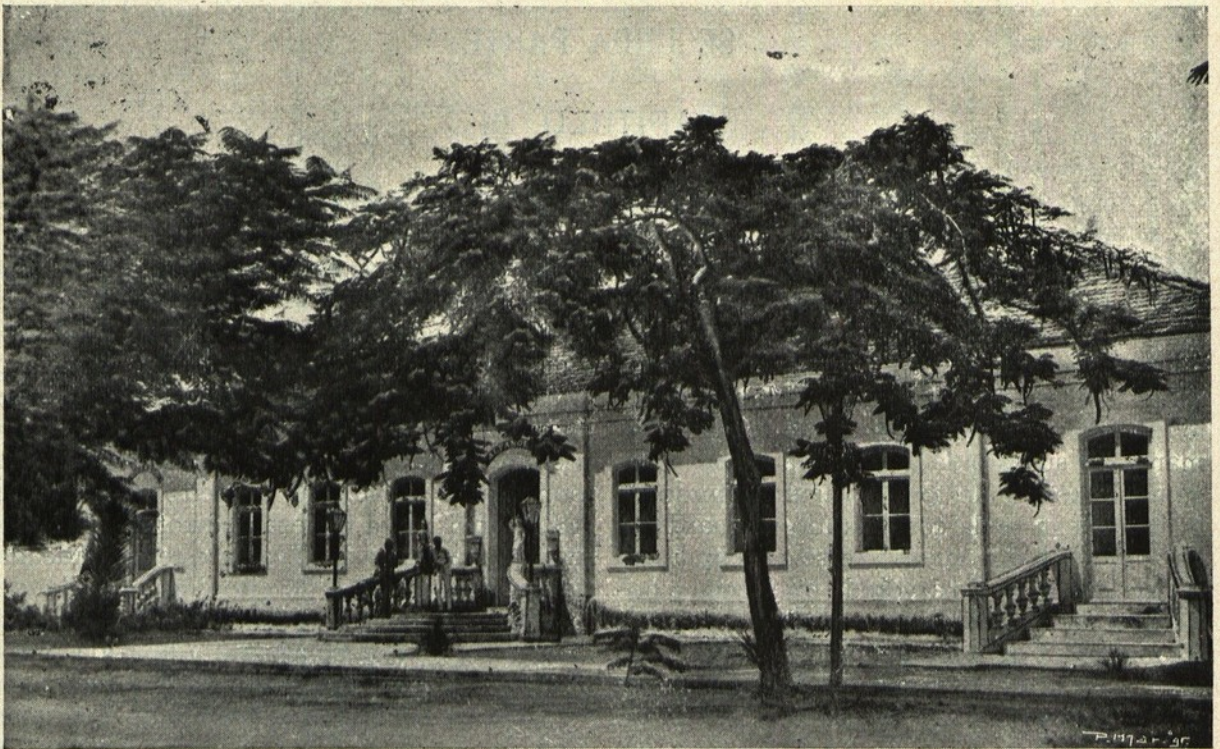


Zambeze. Da esquadilha da Mala-Real só lá ia, quando era preciso, o *Rovuma*, que navega em qualquer enxurrada.

O eixo da barra é assignalado por uma boia e uma marca cravada em terra; servindo-lhe de fundo um arvoredor denso e escuro, que só se vê em certas condições de luz. Põe-se a prôa n'essa marca e lá se vae, sonda na mão, olhar vigilante, coração confrangido, por entre dois enormes areaes, por cima dos quaes parece que andam enormes vassouras invisíveis a arremessar deante de si montes de algodão em rama, sujo de rastejar, que se levantam e tufam com o arremesso e logo se abatem e espalham. Por bombordo, o lençol crespo das rebentações estende-se até uma praia amarella, em talude, sobre a qual se dispersam mangues. Bate, não bate, arrasta, não arrasta, o navio transpõe o banco, agora aparcelado tambem por despejos negros de naufragio, e quando já vê perto a marca de Mitahone apparece-lhe um piloto preto, andrajoso, n'um catraio tripulado por outros negros ainda menos vestidos, que se fingem esbaforidos pela pressa de chegarem. Pois só agora chega, piloto? O que ha de elle fazer! Não dispõe de embarcação que affronte o mar, não tem signaes que lhe annunciem de longe

ctos por causa de pilotagem; os commandantes não queriam pagal-a, porque de nada lhes aproveitava. Por fim muda-se de rumo, e, vogando entre uma ponta d'areia, a ponta *Liberal* e a costa do ilheu de Mitahone, surge-se no fundeadouro.

Triste panorama e misero porto! Agua tem elle, uma agua lodosa que se corta á fâca, mas não tem terra. Por uma parte, a de nordeste prolonga-se ainda a ilha do Metahone, coberta de mangal, que ninguem tentará cortar, porque o corte descobrirá um lameiro, que o sol endurece emquanto as marés grandes não tornem a ensopal-o; é chão que só serve para aquillo, para dar mangal. Uma das suas margens é, pois, inutil. A outra é, descripta da ponta *Liberal* para dentro do porto, primeiro um areal, que desce em rampa para o rio, mosqueado por arvoredor ralo e tufos de matto, que não terá dois kilometros de extensão marginal; depois mangal fechado, como na outra banda, forrando chão alagadiço. O areal é, pois, a unica parte solida aproveitavel. Forma, entre o mar e o Chinde, um triangulo de que é vertice a ponta *Liberal*, e que chega a ter cêrca de dois kilometros de base, na linha onde, do lado do rio, começa a floresta de manguê. Mas as corren-



QUELIMANE — VISTA DA ALFANDEGA (LADO DA VILLA — A PARTE DIREITA É DESTINADA Á REPARTIÇÃO DO CORREIO)

a aproximação de navios, nem oculo para os descobrir; eu é que lhe mandei dar um binoculo que levava comigo. Houve confi-

tes raspam n'elle de continuo, e com as suas rasuras vão engrossar os bancos da barra, cujo açorramento, dizem os praticos, se torna sen-

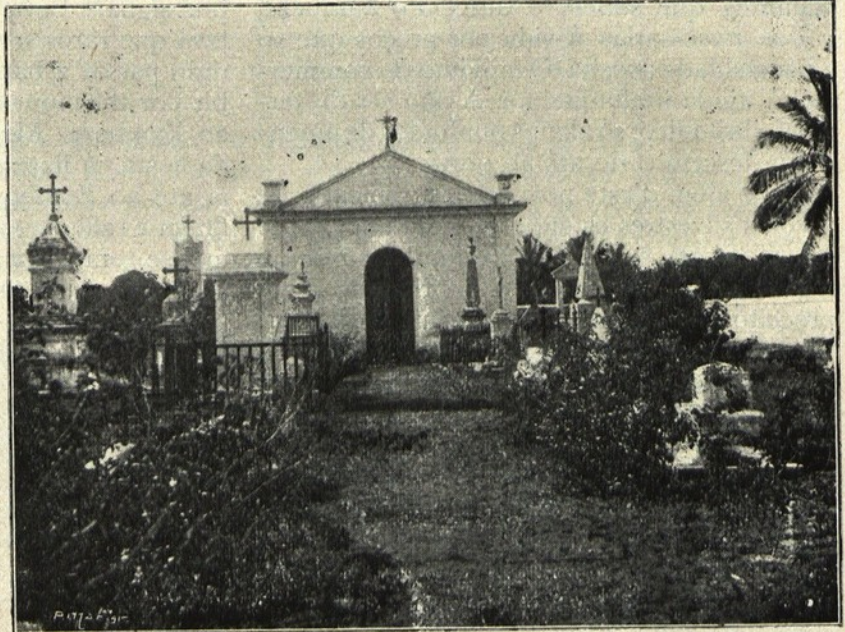


sível de anno para anno, pelo menos no canal agora navegavel. Barracões armados ainda hontem, onde nem os temporaes atiravam es-pumas, já hoje estão a es-corregar para o rio, e na orla dos mangaes estão tombadas na agua arvo-res, que ainda ha pouco tinham chão em que se firmavam de pé.

O areal principia a estar cheio como um ovo, na sua facha contigua ao rio. Onde deixa de ser submersível e só prestadio para n'elle vararem embarcações, installaram-se o commando militar e a delegação da alfandega, que para ali se mudaram do Inhamissengo como as aguas do Zambeze. Mas que installações vergonhosas! Grandes barracões de palha, dos mais toscos no seu genero, e em frente d'elles um mastro torto, em que se ar-vora uma bandeira para notificar aos estrangeiros que aquillo não é senzalla de negros selvagens nem armazem de amendoim, não senhores, é alcaçar de soberania portugueza! Para ali vivem um official subalterno, incumbido de impôr respeito aos inglezes com o auxilio de dez ou doze soldados negros, que elle já tem pedido que sejam retirados por amor ao decoro, e um empregado da alfandega, que tem a seu cargo evitar o contra-bando com a vigilancia de tres ou quatro guardas tambem indigenas, que, principalmente, dão testemunho do seu zelo fiscal provando a agua-ardente importada. Para serviço das duas auctoridades ha um escaler. Na repartição aduaneira têm faltado ás vezes até aparos para escrever, e já se deixou de sellar mercadorias em transitio por não haver lacre nem sinetes; o seu chefe passa afficções por que não entende os inglezes nem os inglezes o entendem a elle. Em 1892, esse chefe era um negro, bom sujeito, coitado, e sabedor do seu officio, mas que com a diligencia e a experiencia não conseguiu desviar de si os desdens dos estrangeiros. Tudo uma lastima!

Tem-se tractado, porém, de melhorar esta representação humilhante de auctoridade de Portugal. A estas horas deve de estar quasi prompto um edificio decente para as repartições publicas. E' uma grande casa de ferro, que custou na Europa cêrca de 8 contos de

réis e que, tendo sido encommendada para quartel do destacamento em Antonio Ennes, ficou demorada em Moçambique á espera de



QUELIMANE — CEMITERIO

se enferrujar. Ora, Antonio Ennes merece certamente todos os melhoramentos, mas parece-me demasiado negrophilismo dar comodo alojamento a uma soldadesca que nunca elevou a ambição de bem-estar acima do tecto d'uma palhota, e deixar viver funcionarios europeus dentro de feixes de palha podre; depois, em Angoche estamos em familia com os monhés, e no Chinde observamos a Europa. Pedi, pois, que se mudasse o destino e a applicação do edificio, e elle lá está, acabando de se montar na ponta *Liberal*, para receber as auctoridades administrativas, militares e fiscaes. Mais difficil tem sido e ha de ser, a organização dos serviços por falta de pessoal. Andou-se por toda a provincia com lanterna accesa n'uma das mãos e bolsa aberta na outra á procura d'um aduaneiro que arranhasse inglez, e não appareceu esse phenix.

Ao lado do commando militar, para dentro do rio, assentava a incipiente povoação do Chinde, n'um terreno com bastante fundo mas pouca frente sobre o rio, que se está aforando a 15 réis por metro quadrado. Compõe-n'õ exclusivamente estabelecimentos commerciaes de europeus e asiaticos, de que as habitações são méras dependencias e accessorios, formando um grupo modestissimo de casas de madeira e zinco e de barracas de palha, que tem custado a fazer entrar em alinhamento, porque nenhum regulamento municipal presidiu á sua primeira montagem.



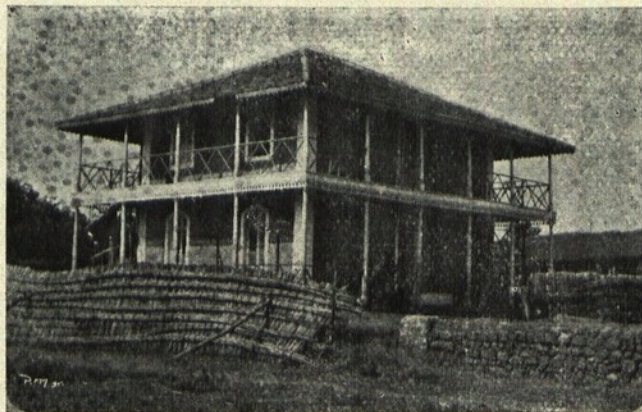
Essa povoação espera pelo negocio, mais do que faz negocio; enquanto esperam, os negociantes vão-se entretendo a vender uns aos outros, aos poucos negros dos arredores e aos viajantes que sobem e descem o Zambeze, coisas necessarias á vida por preços que só a necessidade acceta. O movimento commercial é ainda limitadissimo. A não ser do territorio britanico, só alguns punhados de amendoim descem o rio até ao porto.

Para além d'este povoado entremeado de arvores silvestres estende-se, com uma frente de 400 metros por 250 de fundo, a feitoria ingleza, estabelecida em cumprimento d'um preceito do convenio de 11 de junho de 1891. A sua area é marcada, excepto do lado do rio, por uma estacaria, *polos-polos* lhe chamam os indigenas, de mais de altura de homem. Por detraz d'essa divisoria, para a parte do mar, corre uma larga avenida, separando a feitoria, fiscalmente privilegiada, d'um terreno da mesma largura que sr. H. H. Johnston tomou de aforamento particular, ao governo portuguez, nas condições e nos termos do direito commum, para n'ella construir alojamentos para os empregados da referida feitoria, a quem não é defezo por estipulação expressa residirem n'elle. Esse chão estava ainda desoccupado em 1892; nos de *British concession*, como lhe chamam os inglezes, ha uma casa de madeira e zinco, armazens de palhota, cabanas de serviçaes indigenas, e, sobre a praia, umas passadeiras assentes em estacas para facilidade do embarque e desembarque, tudo modesto e mesmo pobre, sem apparencias de grande actividade e movimento, e até sem o aspecto de ordem e methodo que costuma caracterisar os estabelecimentos inglezes. Pelo menos ao tempo das minhas visitas, a feitoria estrangeira não nos apoucava e deprimia com a ostentação das suas grandezas e fortunas.

O fundo do porto do Chinde é uma praia coberta de mangal em que se abrem boccas

de rios e canaes, que o ligam a toda a rêde fluvial do delta do Zambeze; a que primeiro se encontra por bombordo, dando passagem para o oeste é a do rio Chinde. Bem feio rio, por signal! Leva sempre muita agua e tanta leva que raros serão os navios que tendo podido passar a barra, não possam tambem subir por elle muitas milhas, e ás vezes até quasi ao Zambeze. Alguns navios inglezes, navios da costa, já fizeram essa viagem, e o *Rovuma* ia até ao Zombo na enchente. Essas aguas fluem e refluem em correntes impetuosas, que mal se rompem a remos; é preciso andar com as marés para navegar com desaofgo, e os proprios barcos a vapor não desdenham o seu auxilio. Varia muito a sua largura, mas nunca chega a dar ares de valla, mas precisamente onde mais se dilata mais está açoriado, deixando apenas entre os bancos estreitos canaes navegaveis. Tão sinuoso é o seu curso que as margens unem-se a cada passo em prespectiva, e nas saliencias e nas reentrancias ajuntam entulhos de areia e lodo, que em muitos lanços tufam para fóra de agua cobertos d'um relvado verde esmeralda. As bordas são muradas por mangue, e quando a maré está baixa, descobrem parapeitos e taludes de lôdo cinzento-escuro, viscoso, fetido, d'onde parece que se vê exhalarem-se miasmas. N'esses lodaçoes vão os corcodilos tomar sol, com a bocca escancarada rollando os olhos luzentes, inquietos, á vigia da presa ou do inimigo. Onde a margem sobe em rampa e ha perto matos de bambu, é certo haver nas lamas duas fileiras de covas espaçadas symetricamente; são as pegadas dos hypopotamos, que por ali saíram em bando para irem forragear. É vulgar descobrir-se focinheiras d'esses monstros surdindo da agua a — mera curiosidade — espreitarem os barcos que passam longe, ou as suas lombadas negras fugirem do canal onde batem as pás d'um helice são medrosos e espantadiços, os alarves.

(*Continua*).



QUELIMANE — CASA DO SR. ROMÃO DE JESUS MARIA (PRASO MARRAL)



# TELOPHOTOGRAPHIA

*Curioso esforço da intelligencia humana que incessantemente procura recuar os limites que os sentidos lhe impõem: onde não alcança a vista, assesta-se o telescópio ou perscruta-se com o microscópio; onde o ouvido não recolhe som, vem o telephone trazel-o de distancia indefinida. E para que a vista se não illuda, ou o ouvido não transmude os sons, a telophotographia fixa-lhe a imagem, como a telegraphia lhe escreve a palavra.*

QUANTOS progressos a photographia tem realizado n'estes ultimos annos, são factos do conhecimento geral; e entre outros bastará recordar a maravilhosa descoberta dos raios x, permitindo a photographia através dos corpos opacos, d'onde se tem derivado tão proficuas applicações á medicina e á cirurgia. D'uma placa daguerreotypica, cuja visão nitida depende da posição perante os raios reflexos sobre a superficie sensibilizada, a uma moderna photographia binocular sobreposta, em que o relevo se accentua em illusão visual a esculpir quasi a imagem como se fôra em talha, a distancia percorrida em progresso sómente tem medida comprehensivel na aceleração assombrosa dos transportes actuaes ou da comunicação do pensamento. Se são rapidos, não são menos variados os progressos realizados. D'uma esplendida modalidade d'elles se faz aqui registo; referimo-nos á telophotographia, quer dizer, á photographia tirada a distancias taes que sobre a placa sensivel se vêem fixar objectos, que a vista não pode distinguir, reproduzidos com a minudencia e a precisão com que a nossa retina vê por meio do telescópio os longinquos planetas rolando nos silenciosos espaços estellares. Para o astrónomo a telophotographia era já um facto pratico, de applicação corrente, numerosas vezes utilizada na reproducção de trechos celestes. Conseguia-se o resultado desejado, collocando na parte posterior d'uma luneta astronomica um delicado aparelho photographico que retratava a imagem celeste. Generalizar este processo, tornando-o pratico e seguro, tem sido o trabalho esforçado dos principaes constructores de aparelhos photographicos nos ultimos tempos.

N'uma exposição da Real Sociedade Photographia de Londres foi apresentada uma maravilhosa photographia do Monte Branco, tirada pelo sr. Fred. Boissonnas, de Genebra. A particularidade notavel do quadro consistia em que o photographo estava á distancia de quasi cincoenta milhas ou noventa kilo-

metros, quando expoz as chapas; e todavia as minudencias na photographia das casas, das arvores, das geleiras, dos campos eram maravilhosas de nitidez. Este resultado era obtido com o auxilio das lentes telophotographicas, que são para a machina optica o que o telescópio é para os olhos. O inventor das lentes telo-photographicas é o sr. Dallmeyer, vice presidente da Real Sociedade Photographica, para os inglezes, como para os francezes é o sr. Jarret, n'aquella eterna disputa de primazias que divide profundamente, em todos os assumptos, aquellas duas nações poderosas.

Certo é, porém, que as lentes telophotes representaram um papel muito importante na guerra do Transvaal. Pouco depois de ter rebentado a guerra, a telophotographia foi oficialmente examinada e um official de engenharia foi nomeado telophotographo no exercito do Sul d'África, tendo partido de Southampton com o seu aparelho e o indispensavel bicycle. O aparelho póde ser collocado no bicycle n'um espaço relativamente pequeno.

Parece que as lentes da telophotographia, nas primeiras experiencias realizadas provaram valioso resultado em reconhecimentos pelo que se determinou fazer maior uso d'elles e n'esse intuito, foram enviadas para Africa novas equipas, de telophotographos militares.

O seu material consistiam principalmente n'uma grande lente photographica, de dimensão bastante para tirar clichés nitidos que abrangessem extensão de trez milhas, e uma porção de lentes mais pequenas para outros trabalhos, juntamente com um vagon de officina, comportando um quarto escuro e todas as soluções necessarias para revelar, fixar, e imprimir. Numerosos jornalistas correspondentes da guerra levaram tambem lentes telophotographicas.

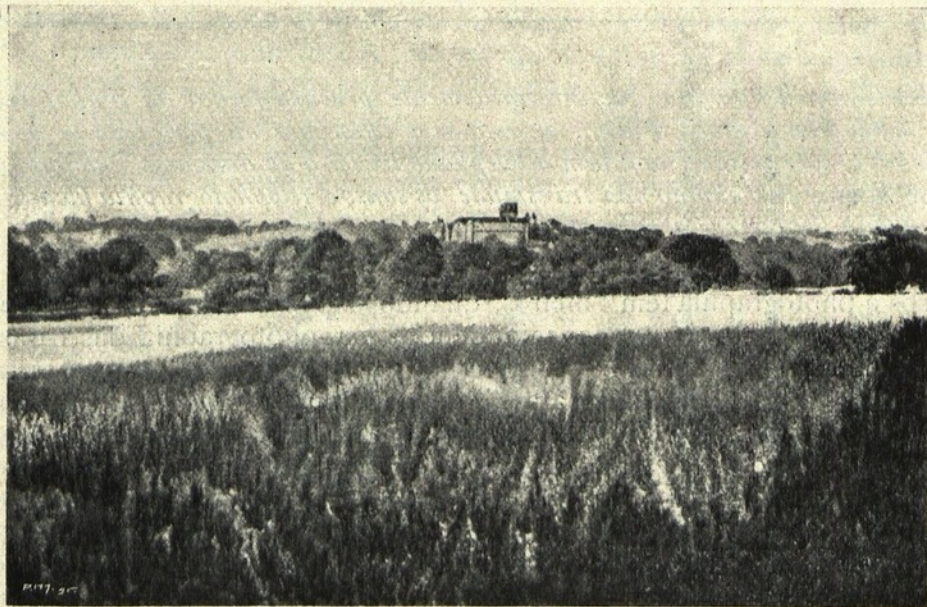
A utilização da telophotographia na guerra recommendava-se evidentemente. Em primeiro lugar é de immensa vantagem para o



photographo que pode tirar a vista d'uma batalha collocado a segura distancia do fogo do inimigo. Em segundo lugar a telophotographia tem utilidade para o general que

photographicas foram usadas pela primeira vez, em serviço militar, durante o conflicto do Japão com a China, pelo commando naval japonéz. As lentes deram então notaveis resultados, alguns dos quaes são hoje conhecidos.

Outra oportunidade do uso das lentes telophotographicas deu-se durante a guerra hispano-americana, quando o sr. Dwight L. Elmendorf, de Nova York, o qual se tem especializado n'este ramo de photographia, seguiu a campanha em Cuba, tanto no mar como em terra. Com o auxilio da sua machina telophotographica obteve algumas imagens das



A ABBADIA DE S. ALBANO  
*Vista tirada a 1.800 metros de distancia com objectiva ordinaria*

commanda porque assim pode reunir com antecedencia e socegradamente grande numero de informações documentadas dos movimentos dos inimigos, dos seus acampamentos, fortificações, entrincheiramentos, photographados a distancia de algumas milhas.

A telophotographia tem sido tambem muitas vezes utilizada em tempo de paz e em balão com optimos resultados, segundo se affirma, principalmente no exercito italiano. Por este meio os officiaes de engenharia italiana teem podido descobrir nos Alpes Francezes, fortificações e baterias que d'antes lhes eram totalmente desconhecidas, cuja construcção teem surpreendido e miudamente observado. Assim, diz-se que o capitão Mario Moris, do exercito italiano, tem tirado algumas photographias muito bôas com um instrumento telophote especialmente destinado a trabalhos em balão.

Os clichés, que deram excellentes particularidades, foram tirados da altura de 500, 800 e 900 metros; e aquelles que representam acampamentos e fortes são de interesse muito valioso sob o ponto de vista da defesa militar do paiz.

Dallmeyer informa que as suas lentes telo-

tropas em acção. Muitas d'ellas foram tiradas a grande distancia da scena, estando o operador em segurança relativa, emquanto trabalhava; de sorte que quem visse as photographias, desconhecendo o processo empregado, podia suppôr que o intrepido photographo corria eminente risco de vida.

Para retratar teem sido usados aparelhos



VISTA DE UMA CAPELLA  
*Tirada com objectiva vulgar; apenas se distingue um nicho externo*

de lentes telophotes com muito bom resultado, porque proporcionam a grande vantagem de se poder tirar retratos de maiores dimensões, conservando a perspectiva sob

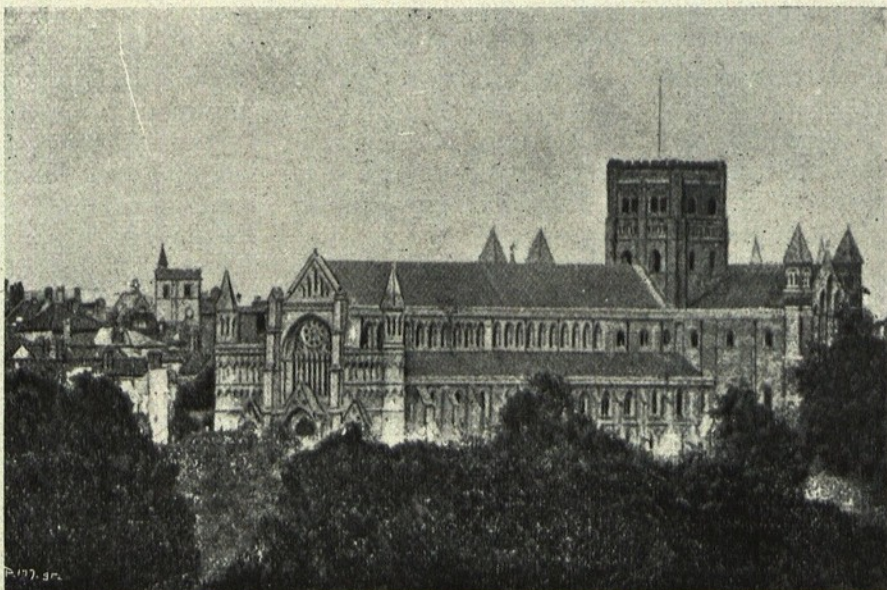


condições favoráveis. Ainda mais, a sua perspectiva é sempre melhor do que a que dá o systema ordinario da mesma distancia focal, devido á maior distancia que se póde interpôr entre o objecto e as lentes.

As lentes telophotes hão de ser largamente empregadas na medicina e na cirurgia. Até agora a applicação da photographia nas sciencias medicas e chirurgicas tem sido forçadamente limitada, pela necessidade, que ha, de ter as lentes muito proximas do objecto para obter imagens sufficientemente grandes afim de mostrar todos os promenores eminudencias. O doente poderá excitar-se ou tornar-se nervoso, ou respirar sobre as lentes; e os resultados então serão pouco satisfactorios, ou nullos.

O emprego da telophotographia torna possível o augmento da distancia entre o objecto e as lentes e, combinado com o aparelho cinematographico, habilita o cirurgião a obter provas das operações, nas suas diversas pha-

graphics hão-de proporcionar grandes serviços. N'um grupo de figuras, tirado pelo processo da photographia ordinaria, repara-se muitas vezes na rapida diminuição na escala



A ABBADIA DE S. ALBANO

*Vista tirada á mesma distancia de 1.800 metros com lentes telophotographicas*

das imagens das pessoas e na perspectiva dos planos, o que é facilmente remediado pelas lentes telophotes.

As machinas de mão d'este genero fornecem ao amador e ao profissional recursos bem mais vastos do que os aparelhos ordinarios. Tem-se procurado tornal-os commodos, e

portateis, e sem duvida muito valioso é conseguir obter-se imagens grandes em pequenas placas para estudos de animaes e de aves vivas, ou de scenario de montanhas distantes, emfim em todos os casos onde seja necessario retratar objectos além da perspectiva determinada pela camara optica ordinaria.

O sr. Elmendorf tirou uma famosa photographia do Jungfrau a uma distancia de deseseis milhas, cheia de promenores muito nitidos, e dando uma viva impressão das montanhas alcantiladas, o que raramente se obtem com as lentes ordinarias. O sr. Elmendorf photographou tambem o vulcão Popocatepest a trinta milhas de distancia.



VISTA DA MESMA CAPELLA

*Tirada com a objectiva telephote, onde se vê com nitidez e grandeza apreciavel o nicho do Christo crucificado*

ses ou de determinadas lesões em condições que out'ora era impossivel obter.

Na photographia de grupos e em trabalhos com machinas de mão, as lentes telophoto-

as lentes telophotes já tomaram definitivo lugar, e em outros ramos da sciencia é natural que venham a usar-se, como por exemplo, na geologia, na historia natural ou na botanica.



As lentes foram calorosamente recebidas pelos architectos e pelos archeologos, pois porções de entalhamentos e esculpturas em posições completamente inacessíveis podem ser photographadas em grande escala, ao mesmo tempo que as construcções podem ser tiradas á tal distancia que se traduzam sem deformações de perspectiva, mostrando as proporções relativas e verdadeiras e dando praticamente a suggestão do plano elevado. N'este ramo especial apontam-se como notaveis os trabalhos do sr. Ernesto Marriage, um emerito photographo premiado.

São egualmente importantes os resultados obtidos com lentes telophotographicas em estudos de historia natural. Na photographia da «vida animal em casa» é por certo essencial que o operador não denuncie a sua presença nem perturbe o animal, ou o passaro ou o insecto que deseja reproduzir. Utilizando as lentes telophotes, elle poderá esconder-se a necessaria distancia do objecto, e assim obter imagens que estariam longe do alcance das lentes ordinarias. Citam-se já entre photographos naturalistas que melhor proveito tem obtido do emprego das novas lentes os srs. Cherry Kearton, Lodge, e Lee.

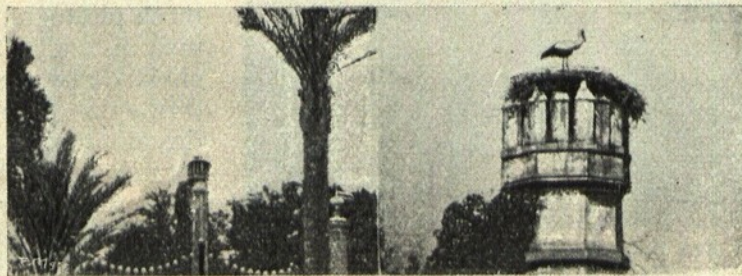
Poder-se-ha suppôr que se se fizesse uma grande ampliação de uma photographia, tirada com lentes ordinarias de machina collocada a distancia de duas milhas do objecto, o resultado seria identico ao obtido por photographia, tirada a egual distancia, pelas lentes telophotographicas. Não é assim. Explica-se o caso porque a suavidade ou dureza da imagem photographica põe limites, e bem restrictos, ao numero de vezes que possa ser ampliado um cliché com a graduacão necessaria para definição nitida do objecto. Quando por meio da lanterna se projecta uma imagem qualquer n'um transparente, a am-

pliação é consideravel e a uma pequena distancia a definição do objecto apparece muito boa. Comtudo, quando nos aproximamos do transparente, a definição delicada dos contornos desaparece e o que se nos apresenta á vista, apenas é uma imagem indecisa.

A ampliação, dada pelas lentes telophotes, é sempre de uma imagem formada *no ar*; e d'este facto conclue o sr. Dallmeyer a bondade das imagens por aquelle meio directamente ampliadas.

E' preciso maior tempo de exposiçãõ para as lentes telophotes do que para as lentes de construcção ordinaria, ainda mesmo nosapparelhos classificados como sendo para «photographias instantaneas». Excellentes quadros de animaes e de passaros nas suas guaridas naturaes e ninhos tem sido tiradas com exposições d'um oitavo de segundo.

Todavia os novos apparelhos inglezes, embora satisfaçam as muitas e indispensaveis condições, e resolvam numerosas difficuldades, estão soffrendo dia a dia as modificações que a experiencia aconselha e suggere. O tempo de *pose*, a estabilidade do tripé, a clareza das lentes, a sua conjugação, tem sido cuidadosamente estudados, para diminuir o primeiro, subtrahir o apparelho á nefasta influencia das trepidações ordinarias das ruas, tornal-o utilisavel em tempo nublado e em altitudes onde a pureza da atmosphaera está sempre inquinada de fumo e das poeiras levantadas pelo movimento das cidades. Da proficuidade dos resultados dá sobejo testemunho as photographias de Boissonas tiradas a noventa kilometros de distancia, alcance de vista photographica que nos assombraria, se o habito de acotovelar o maravilhoso não nos tivesse atenuado infelizmente esta bella e saudavel faculdade de admirar.



UMA CEGONHA EM SEVILHA

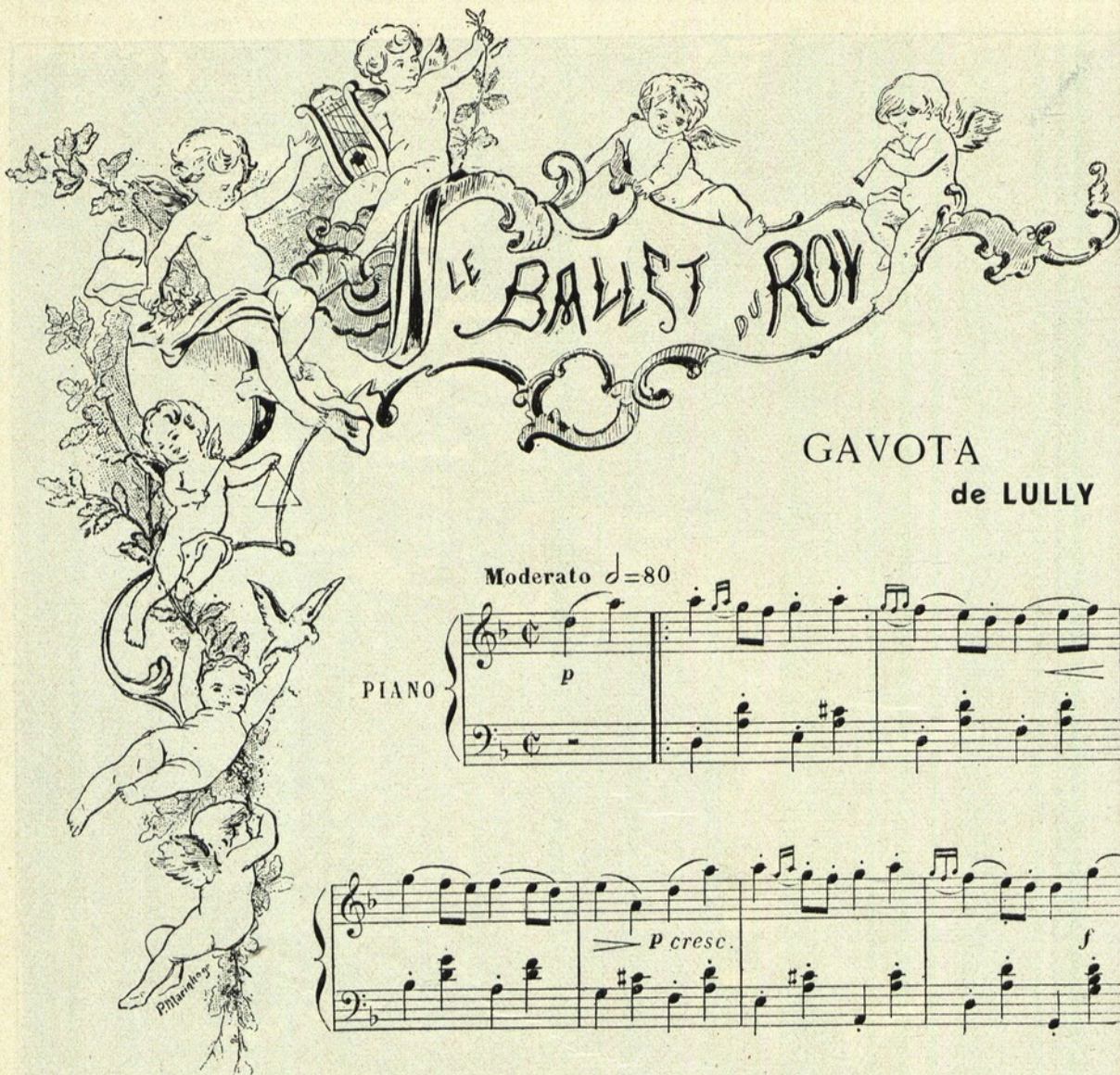
*Duas vistas tiradas á mesma distancia com os dois generos de lentes*





A KERMESSE — QUADRO DE TENIERS





GAVOTA  
de LULLY

Moderato  $\text{♩} = 80$

PIANO

Musical notation system 1: Treble and bass clefs, C major key signature, 2/4 time signature. The first measure is marked *p*. The bass line consists of a series of chords.

Musical notation system 2: Treble and bass clefs, C major key signature, 2/4 time signature. The first measure is marked *p cresc.*. The piece ends with a *f* (forte) dynamic.

Musical notation system 3: Treble and bass clefs, C major key signature, 2/4 time signature. It features two endings: "1<sup>a</sup>" and "2<sup>a</sup>", both marked *p*. The first ending leads to the second ending.

Musical notation system 4: Treble and bass clefs, C major key signature, 2/4 time signature. It includes a trill (*tr*) in the first measure, followed by a *p* dynamic, and ends with a *cresc* (crescendo) marking.



First system of musical notation. The treble staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, including a triplet of sixteenth notes marked with a '3' above it. The bass staff provides harmonic support with chords and single notes. Dynamics include *f* (forte).

Second system of musical notation. It features two first endings labeled '1<sup>a</sup>' and '2<sup>a</sup>'. The first ending leads to a second ending. A trill is indicated by 'tr' above a note. Dynamics include *f*, *p* (piano), *rit* (ritardando), and *sf* (sforzando).

a Tempo

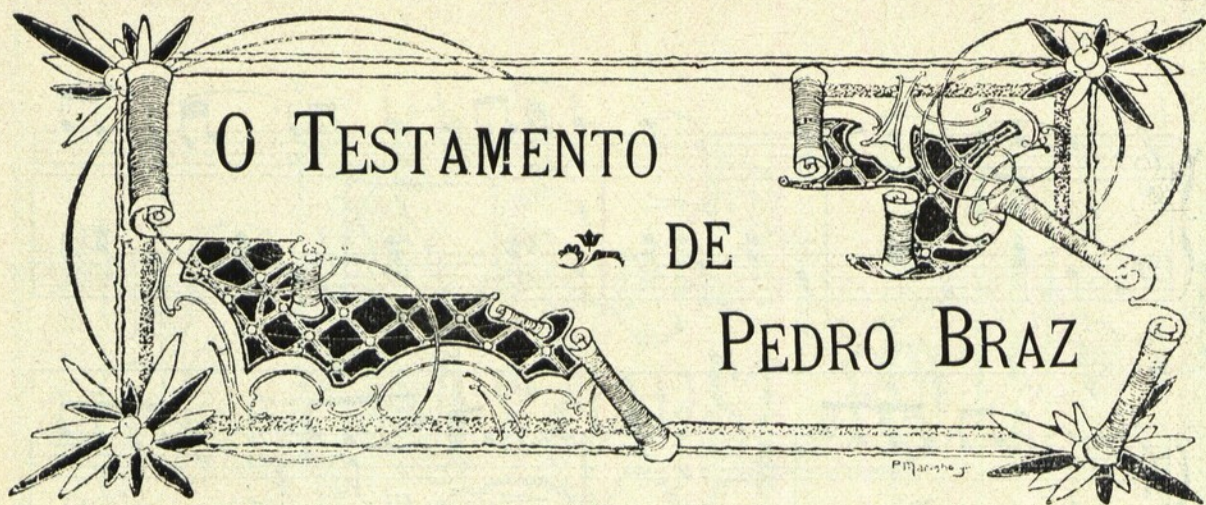
Third system of musical notation, marked 'a Tempo'. The treble staff has a complex melodic line with many sixteenth notes. The bass staff has a steady accompaniment. Dynamics include *sf* and *pp* (pianissimo).

Fourth system of musical notation, continuing the 'a Tempo' section. It features similar melodic and harmonic patterns to the previous system. Dynamics include *sf* and *pp*.

Fifth system of musical notation. The treble staff has a melodic line with slurs. The bass staff has a harmonic accompaniment. Dynamics include *sf*, *p*, and *cresc.* (crescendo).

Sixth system of musical notation, marked 'molto rit' (molto ritardando). It includes a trill and a final cadence. Dynamics include *f* and *sf*.





# O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ

## CAPITULO PRIMEIRO

*Em que se falla de Pedro Braz e se contam alguns successos dos ultimos mezes da sua vida*

PEDRO BRAZ morrera, afinal. Todos os que com elle haviam mantido relações, e não eram numerosos, ao saber a triste nova, admirados notaram o longo tempo que elle vivera. Com effeito, Pedro Braz era muito velho, e tanto que os velhos d'aquelle tempo lembravam-se de o têr já visto velho quando ainda eram moços. Ninguem conhecia particularidades da sua vida. Ninguem da colonia podia dizer-se amigo de Pedro Braz, porque elle tivera sempre o cuidado de não arranjar amigos e nunca fallava do tempo passado, além da ultima semana; qualquer acontecimento da quinzena anterior era para elle historia antiga, e esquecida.

A seu respeito dividiam-se as opiniões: se era natural d'alli, ou se viera de fóra, como degradado. A parte mais numerosa inclinava-se para esta ultima hypothese: — porque, diziam, se Pedro Braz tivesse alli nascido, encontrar-se-hia esse facto nos registos da colonia. Havia sem duvida ainda, n'essa época, população tão limitada que pela ordem natural das cousas saber-se-hia certamente a sua origem. Não — concluiam — positivamente Pedro Braz deveria ter apparecido na colonia como um degradado ou deportado. Alguns declaravam ainda que Pedro Braz affectava certo tom extranho na falla, mas nem isso se podia affirmar com afouteza, tendo por tantos annos fallado o menos possível e sempre baixo, n'um tom quasi de segredo, muito manso.

Que era muito velho, não podia haver duvida; e que vivia ha muito como moribundo, d'isso tambem não podia haver duvida.

Principiára de morrer em caminho de uma das suas fazendas. Fôra o caso que ti-

vera o insolito capricho de ir até a cidade, e começara de fazer apressados preparativos para a viagem. Toda a gente da Malugalala ficou assombrada de espanto quando André, um velho mulato, que, com seu amo, era o unico habitante da casa, annunciou a extranha deliberação. Pedro Braz, que se soubesse, nunca tinha sahido da localidade pelo menos durante os ultimos quarenta annos; portanto era natural o espanto de toda a vizinhança. Thomaz, chefe dos pastores (Pedro Braz não tinha administrador) veiu a casa em grande consternação. O que queria dizer aquella resolução? Quem iria com elle? André não lhe poderia ser util na viagem nem na cidade.

— Será verdade? — perguntou elle, parando na varanda, com os olhos immensamente abertos em ancioso espanto incredulo.

— E' verdade o quê? murmurava Pedro endireitando-se na sua cadeira de vime e agarrando-se aos braços recurvos d'ella.

— E' verdade o quê, homem? repetiu.

— O que diz André, senhor.

— Então o que diz elle?

— Que o senhor vae á cidade — respondeu hesitante.

— E depois?

— Certamente não vae.

— Porque não, Thomaz?

— Então o senhor . . . (achando-se em difficuldade de se expressar) — o senhor está muito . . . quero dizer achará a viagem muito incommoda, e tambem na sua idade. . .

— Queres dizer que sou muito velho para viajar, não é assim? Ora mette-te com as tuas obrigações. Se eu pensei em partir, não é da tua conta, não é verdade?

— Não, senhor, de certo que não — concluiu humilde, porém o pastor pensou para si que, se seu velho amo persistisse em fazer viagem, seria realmente rematada loucura.



O velho *buggy* foi rolado para fóra da cocheira e depois de devidamente examinado atrellaram-se-lhe os cavallos.

— Então eu não vou, *sinhor*? — lamentava-se tristemente o velho André. Desde longos annos, vivera sempre com seu amo, e estava agora verdadeiramente perturbado pela idéa de se separar d'elle.

— Para que has de vir? — disse Pedro Braz parando no estribo do vehiculo — Para que has de vir?

— Não sei para quê, *sinhor*, — foi a resposta pueril — mas o patrão ha-de precisar que eu leve a mala e que olhe por si.

— Olha pela casa até que eu volte, e já tens bastante que fazer, — replicou o velho alegremente, e tomou o seu lugar no *buggy*. — Levaria comtudo Bob comigo se elle estivesse aqui — e olhou em redor.

Entretanto André descia para abrir o portão do parque de veados, pertencente á casa, e seu amo acenava-lhe com a mão afavelmente. O Jorge, filho de Thomaz, conduzia os quatro esplendidos baios, pois o velho gostava do genero, e o Henrique ia com elle na almofada, presumindo ter de abrir as portas das pastagens, mas como todas as portas de Malugalala se abriam com um movimento automatico, invento privilegiado, e se fechavam depois de deixar passar os vehiculos o cocheiro do *buggy* tinha somente de conduzir os cavallos até a um poste, voltar uma manivella sem sahir da almofada, e abertas as portas, fechavam-se d'ahi a momento por si proprios, muito suavemente.

Era uma esplendida fazenda e moradia; as *pastagens* por muitos annos não tinham apparecido tão bonitas. Pedro Braz olhava em redor com satisfação, vendo que tudo estava tão lindo.

— Tornêa a encosta, disse em voz branda.

Jorge segredou ao seu companheiro:

— Eu bem te dizia. Esta é que ha-de ser a bella viagem á cidade. Elle nunca lá ha-de ir, não tenhas susto. — Como se fôra para provar a asserção, o carrinho cahiu subito n'uma sobreroda, o velho foi cuspidado ao chão. O Henrique saltou do *buggy* com grande susto.

— Voltemos para casa, — gritou elle, olhando para o corpo inanimado e hirto de Pedro Braz. Elle está morto, ou quebrou pela espinha.

— Enganas-te, meu pateta — exclamou o velho, revivendo repentinamente. — Deixa-te estar quieto e espera — continuou zangado.

Era encantador o sitio onde se deu o accidente. A porta por onde acabavam de passar estava a distancia de quinhentos metros atrás. O parque de caça tinha vinte milhas de ex-

tensão; era o segundo dos maiores nas cercanias. Tinham sido deixadas arvores de espaço em espaço para dar abrigo e sombra aos rebanhos. Um velho tronco, esquecido desde annos, enterrado no chão, aprobeceira. Foi na cova que produziu o cepo que as rodas do *buggy* se enterraram de subito, occasionando pelo empuchão a queda do velho. A relva ondeava ao sabor da branda viração; e Pedro Braz achava agradável estar alli deitado á sombra das suas arvores.

Por momentos elle esteve inclinado a abandonar o seu projecto de viagem. Malugalala era deveras lindo. Sydney, com o seu encantador porto, os seus esplendidos jardins, as suas ruas concorridas, as suas construcções apalaçadas não era para se comparar com este. Valeria a pena a viagem? Para que a ia elleprehender? Mandaria chamar alguem que fosse em seu lugar tratar do seu negocio? Prevalencia a vontade firme no velho espirito, embora estivesse sem o menor desejo de se pôr a caminho. — Assa a gallinha, Jorge — articulou afinal; e os dois rapazes puzeram-se a tratar do pique-nique improvisado. Pedro Braz recostou-se sobre a relva. Em volta tudo placido e tranquillo. Nenhum outro ruido alem do crepitar do fogo, onde se preparava a refeição; e o cheiro da madeira queimada misturava-se com o aroma acre e fresco dos eucalyptus. O calor do dia era deliciosamente suave.

Como movido de um repentino pensamento o velho levantou-se com energia decidida. Vendo-o de pé os criados admiravam aquella quasi resurreição de seu amo, elles que difficilmente se podiam convencer de que o patrão se levantasse outra vez. Sentia-se bem de todo. — Nenhum osso quebrado, — dizia para comsigo, mas não confessava que se sentia abalado, realmente muito abalado. Não, não queria confessar similhante idéa nem a elle proprio.

André era um genio na sua condição de criado, e tinha previdentemente empacotado um *lunch* muito appetitoso. Desapparelharam os cavallos e deram-lhe a ração; tanto os homens como os animaes estavam gosando do mais aprazivel e confortavel repouso.

Com certa reluctancia Pedro Braz ordenou que se aparelhassem de novo os cavallos, com tristeza passou a vista em redor e tomou outra vez lugar no carrinho. Os rapazes hesitaram, na duvida se iriam para diante, ou se regressariam a casa. Viam bem que o pobre velho estava muito abalado.

— Sigamos, para diante, disse: Vocês sabem ir a Talworth, sabem?

— Sim, senhor — respondeu Jorge, fustigando os cavallos, e partiram.



O tio Braz tinha o corpo muito magoado quando se apeou no hotel da *Corôa e Sceptro*, em Talworth, mas o espirito muito decidido. Como succede muitas vezes nas hospedarias de terras pequenas, não havia ninguem que olhasse pela bagagem dos passageiros; assim a de Pedro Braz ficou toda na varanda da entrada.

N'aquelle mesmo momento um mancebo

titude reverente, esperando ordens com o chapéo na mão.

• • •

— Póssio ser-lhe util por alguma forma? — disse João Millington, o rapaz trigueiro que attrahira a attenção dos espectadores.

— Onde está o proprietario do hotel? — respondeu-lhe Pedro Braz em vóz sumida.

— Não creio que elle esteja já de volta do tribunal. Mas eu vou vêr se ha alguém que lhe indique um quarto.

— Muito obrigado, eu não quero quarto. Vou para Sydney pelo primeiro comboio.

— Todavia, talvez de-seje descançar um pouco. O comboio não parte antes da madrugada—e reparando que o velho se mostrava contrariado, offereceu-lhe servir-se do seu quarto, em quanto o dono do hotel não voltasse. — E' justamente aqui no andar terreo — e dizendo abriu uma porta no fim da varanda, e levava para dentro o velho. — O jantar deverá ser muito tarde hoje, portanto terá bastante tempo para descançar antes de se apromptar — e fechou a porta atrás de si.

Quem é este homem velho? — perguntou João Millington a diversos, mas ninguem o



baixo, trigueiro, de apparencia viva, acabava de entrar tambem na hospedaria e deve confessar-se que o pequeno grupo de pessoas que enxameava á porta se interessava mais por elle do que pelo velho desconhecido que acabára de apparecer. Realmente, os proprios cavallos eram de mais interesse para elles do que o dono.

— Manda mais alguma cousa, senhor? perguntou Henrique, parado á porta, e entregando-lhe o rolo da manta de viagem.

— Não — replicou o velho. Dá algum descanço aos cavallos e depois volta para casa, ao luar; mas toma conta, poupa os animaes e acenou com a mão a Jorge, o cocheiro que estava de pé na almofada, inclinado em at-

conhecia. Além d'isso estavam avidos de felicitar o proprio Millington, e de se informarem de tudo quanto se déra no julgamento, para se interessarem com o recém-chegado.

João Millington era advogado em Sydney e tinha sido convidado a vir tratar de uma causa um tanto celebre. Elle era ainda novato na advocacia, mas já demonstrava ser pessoa de indubitavel habilidade, e muitos consideravam que elle viria a ser ainda afamado entre as principaes e mais legitimas intelligencias da colonia. A causa célebre que o trouxera a Talworth era assumpto obrigado das conversações em todo o districto, e o seu discurso ao jury n'aquelle dia tinha sido uma obra prima. Todos concluíram que a decisão



do veredicto, dada uma hora antes, era devida á sua habilitade forense. A sorte do reu parecia bem negra emquanto elle não pronunciou o seu admiravel discurso, apresentando a questão com toda a evidencia e considerando-a conjunctamente por differentes aspectos.

Recebera as felicitações de todos, e a admiração da multidão expressara-se em voz alta ou silenciosamente, com maneira decorosa e serena, um leve rubor nas faces, um lampejo no olhar. Pensava no seu intimo como ficaria satisfeita a familia com o seu exito; na alegria de sua mãe e de seu pae, no orgulho e no prazer das suas irmãs e irmão mais novo; como este rapazote no collegio se referiria ao caso com um certo ar de vaidade, e diria:—O advogado que ganhou a demanda de que fallam os jornaes, foi meu irmão.

N'este momento, havia á porta da hospedaria grande excitação provocada pela chegada do que fôra accusado e agora vinha pela rua acompanhado de sua mulher e de amigos, que se regosijavam pela sua absolvição. A mulher, reconhecendo a distancia o moço advogado, deixara o braço do marido e correndo para elle collocára-lhe sobre os hombros as mãos, exclamando—Quando poderemos agradecer a sua bondade? O senhor é o nosso salvador, o nosso melhor amigo — e olhava para elle com extrema gratidão.

Como todo o homem que tem horror a scenas, João Millington respondeu apressadamente:

— Sim, sim, está muito bem. Vá com seu marido e seus amigos, vá; e libertando-se serena e delicadamente refugiou-se no seu quarto.

Pedro Braz estava sentado na varanda e vira a scena toda. Altamente interessado, interrogára uns e outros com respeito ao moço advogado. Bem depressa soube todas as particularidades do processo e a sua sympathia pelo mancebo crescera rapidamente.

O jantar foi tarde na *Corôa e Sceptro* n'aquelle dia. Todo o estabelecimento parecia completamente desorganizado. O juiz, os advogados das duas partes, estavam todos presentes á meza. Pedro Braz tomou Millington pelo braço e disse-lhe — Permite que um velho se sente a seu lado?

— Certamente. O senhor não está interessado n'este caso, não é assim?

— Não, perfeitamente alheio — segredou o velho. Ouvi alguma cousa a esse respeito aos espectadores. O senhor livrou o homem, disseram-me.

— Não, não. O caso parecia muito obs-

curo, e complicado; era apenas isto. Quando foi apresentado com a devida clareza, o jury de homens intelligentes comprehendeu immediatamente.

— Sim, teria sido assim, mas a arte de apresentar propriamente a realidade é tudo. Quanta pobre gente tem soffrido por falta de um bom advogado. A mulher d'elle parecia muito agradecida.

— O senhor viu? Eu julguei que ella ia beijar-me e fazer uma scena. Seria terrivel, sabe.

Pedro Braz sorriu-se tristemente, mas não commentou. Pouco tempo depois do jantar sentiu-se muito fatigado e teve de se deitar.

— Cahi hoje do meu *buggy*, sinto-me moido da queda, disse.

— O quê? exclamou Millington. De certo não pensará em partir no comboio da madrugada?

— De certo que vou — replicou o velho resolutamente.

— Seria melhor descançar — objectou ainda o advogado.

— Meu caro senhor, faço o que me agrada — retorquiu Pedro Braz com aquella teimosa decisão de velho, pelo que o seu companheiro, abaixando a cabeça vencido, não proferiu mais nenhum conselho. Viajaram juntos até Sydney, e deve confessar-se que Pedro Braz cahira n'um profundo abatimento. A fadiga vencera afinal a dura energia do seu animo. Millington acompanhou-o ao hotel *Oxford*, e a pedido d'elle prometeu voltar n'aquella mesma noite.



Não obstante as naturaes commemorações da apregoada victoria forense, que lhe abria carreira, com a familia e com os amigos, o moço advogado voltou, conforme promettera, e encontrou o velho viajante melhor depois do descanço, comquanto ainda inhibido de sahir.

No dia seguinte achou se muito melhor, — quasi bom, declarava elle, e sahiu a vêr aspectos da cidade. Não quiz tomar carruagem — Oh não, podia ser cuspido outra vez. Portanto optou pelos tramways. Pela hora do *lunch* deteve-se no Parque Publico, a observar a variada população que alli encontrou.

O parque publico de Sydney, com as suas grandes e frondosas alamedas, estatuas e lagos, e seus massiços de verdura e bancos, sendo o ponto de reunião do mundo elegante, é tambem o habitual ajuntamento dos decahidos ou desempregados da colonia, dos pretendidos politicos ou philosophos da rua, emfim um lugar de encontro para os ociosos, forçados ou voluntarios. Alli lêem-se os jor-



naes, que passam por emprestimo de mão a mão, discutindo os negocios do dia com respeito á colonia, e ao mundo. Aquelle é o seu salão, a sua casa, a unica para alguns d'elles. Como conseguem viver é milagre ou mysterio, muitas vezes para elles proprios. Não se encontra em nenhuma outra colonia vida semelhante a esta do parque de Sydney. Alli encontram-se politicos como os não ha em qualquer outra parte. Parece até extranho que esta raça de genios de governo publico não tenha adquirido mais proeminencia, posto que se não deva esquecer que alguns d'estes reformadores do Parque tenham chegado, por um d'estes acasos de fortuna, que só as colonias fornecem, ás camaras fazendo as leis.

Quem visitar o Parque, a qualquer hora, encontrará sempre a população variada e os mais curiosos aspectos. Talvez de manhã cedo seja a hora mais triste para o visitar.

Veem-se ali os hospedes d'aquelle hotel a ceu aberto, deitados em todas as posições, em todas as attitudes; alguns na relva, outros nos bancos. Felizmente não se sente alli frio penetrante, aliás a miseria e a privação seriam tanto maiores e mais crueis. Quando o sol vae subindo, elles levantam-se dos seus duros leitos. Aquelle que é limpo por habito, os que teem maior respeito por si proprio, fazem uso das fontes da rua do Collegio, e d'outras avenidas transversaes para fazerem as suas lavagens e *toilette*. Veem-se de todo o genero, e idade, velhos e novos, corações tristes e vencidos nas luctas da vida, criminosos convictos, ou que só principiaram a realizar o mal. Este largo templo de Deus, com as suas naveas frondosas, é o abrigo de muitos cahidos na adversidade. Esmagados, nas luctas da sociedade, magoados, despedaçados, vão para alli descansar, pensar, resolver os mais duros problemas da existencia. Se aquellas arvores e aquelles bancos podessem fallar, que curiosas e tristes historias poderiam contar! Por entre a ramaria das arvores divisam-se as duas cupulas da Synagoga, as torres da Bolsa, e de muitos templos magestosos, como os de S. Philippe e de S. Jayme. Estas egrejas tambem podiam revelar muitos casos tristes. As torres das crueis egrejas — como lhes chamavam, construidas pelo trabalho dos forçados, elevam-se sobre o parque e ensombram-se reciprocamente. São egrejas de tristes, injustas e crueis recordações. Os suspiros, as pragas, a angustia da alma e do corpo, a amarga dôr entranhada n'aquellas paredes e n'aquelles campanarios, nunca serão sequer conhecidos. Supponha-se um homem de espirito forte, limpo de superstições, para quem seja gracioso fallar em almas

do outro mundo e que fique sósinho em S. Philippe ou em S. Jayme, alta noute, quando a cidade estiver silenciosa, e logo verá, em allucinação tremenda, reconstruindo historias lugubres os espiritos buliçosos e inultos que vagueiam alli dentro.

Pedro Braz passou pela ultima das duas egrejas quando se encaminhava para o parque pela rua do Rei. Olhando para ella, ameaçou-a de punhos cerrados. Conhecia-a. Tinha-a visto construir, e podia reconhecer alli dentro muitas almas penadas.

— Ah, Percy Craig, — segredou — Percy Craig, nunca serás vingado? — e olhava para uma parte das paredes, n'um olhar de desolada amargura. A commoção abalou-lhe vivamente o alquebrado corpo, mais do que podia supportar. Sentou-se n'um dos bancos do passeio do centro, a considerar por quê algumas das comunidades religiosas, bem numerosas na cidade, ou algumas pessoas caridosas não tomavam como preceito ir á aquelles ajuntamentos confortar tanta desventura, alegrar e ajudar tanta miseria e tanta afflicção.

Ainda não reparára n'uma senhora sentada no mesmo banco em que elle estava quando um suspiro meio abafado, lhe chamou a attenção, e, voltando-se, abservou-a com insistencia investigadora.

Era uma senhora alta, delgada, de apparencia distincta, cujos movimentos revelavam aquella impressão de graça desaffectedada que denuncia a bôa educação. Parecia afflicta. Os seus olhos pardos tinham a expressão de acerbo desespero. Luctara evidentemente com coragem, mas estava exhausta de soffrer. Chegára talvez ao ultimo extremo, como se em frente se lhe levantasse uma parede nua e lisa a embargar-lhe o caminho da vida. Não via meio algum de salvação; e perdera de todo a esperanza. Testemunhavam-lh'o os cabellos prematuramente brancos. Pedro Braz esqueceu-se do fatal fim da pessoa de quem ainda ha pouco se recordava, á vista d'aquella vida tormentosa. Mais uma vez ouviu um suspiro abafado, e viu reproduzido pela sombra alongada sobre a arêa da alameda o estremecimento nervoso que lhe percorrera o corpo alquebrado. Reparou no seu vestuario e não obstante estivesse posto graciosamente, era realmente muito gasto e pobre. Havia porem o quer que fosse de severo no seu ar e porte que dava ao aspecto do fato velho uma impressão de requinte.

Pedro Braz tossiu levemente para lhe chamar a attenção; e depois principiou a fallar do calor e do tempo como se dirigisse a invisivel interlocutor, opinando que semelhante calor tão intenso deveria provocar em breve



alguma tempestade. A principio ella não fez caso, mas elle tanto persistiu nos seus esforços para a attrahir, e iniciar conversação, que afinal ella voltou-se para elle affavelmente. A sua attitude desanimada era em extremo dolorosa. Não era a expressão do canção, mas o desgosto do desespero, o mais triste soffrimento que pode supportar a alma humana. O descanso do corpo póde remediar o soffrimento da fadiga; mas o que ha que possa mitigar o canção de uma alma em desespero? Só aquelle que disse: — Vinde a mim vós que trabalhais e estais carregados com pezo — o pezo das angustias do desespero da alma — e dar-vos-hei descanso — Elle só poderia prover de remedio áquella amargura.

Pedro Braz era um verdadeiro christão, a despeito do que alguns poderiam dizer, e conhecia melhor, e praticava-os mais frequentemente, os preceitos do Mestre do que muitos que faziam alarde profissional ou ostentação vaidosa.

Elle vira alli uma alma abatida pela lucta contra os revezes da vida e attrahira-lhe toda a sua compaixão. Também elle passara por aquella Gethsemania, e tentava consolar a pobre infeliz. Mansamente procurou conquistar-lhe a attenção e o interesse:

—A's vezes está-se desgostoso com tudo que se vê. Até o calor parece demasiado para viver, e decididamente é muito desagradavel. Tantos são os revezes e desgostos no mundo que parece não merecer a pena tentar a lucta.

— Realmente não merece, respondeu a desconhecida senhora.

— Assim o pensamos, porém quando depois se olha para trás, para o tempo que passou, vê-se que não é tão desesperado o caso como se julgava. Ha sempre um protector que nunca nos desampara.

— Também assim pensava, mas agora já perdi a fé.

— Isso é o que a senhora, pensa — retorquiu-lhe Pedro Braz. Não abandone a esperança. Quem sabe se esse protector me mandou vir ter comsigo?

Ella olhou para elle com ar perscrutador.

— Sim — continuou Pedro Braz — pode olhar-me surpreendida, mas é verdade. Vim todo o caminho de Talworth para a encontrar, e para cumprir algum secreto designio.



A pobre senhora imaginou que elle estava doido, como não raro supomos do nosso melhor e mais verdadeiro amigo. Depois Pedro Braz contou-lhe como tinha emprehendido esta viagem, depois de tanto tempo de reclusão em casa, sem saber o motivo que o levára áquella deliberação.

— Agora começo de vêr a razão d'ella — continuou. Tenho de retirar breve para a minha casa, e tenho ainda uma ou duas coisas a fazer antes de partir. Conte-me tudo quanto lhe diga respeito e que a afflige. Não tenha receio. Sou tão velho que poderia ser seu bisavô,—e ria-se para disfarçar bondosamente a sua intenção generosa.



Ella contou-lhe as suas circumstancias presentes, mas do passado não disse palavra. No entanto Pedro Braz julgou adivinhar maliciosamente aquelle passado occulto pelo que ella relatára. Quando terminou a narrativa, disse-lhe:

— Sim vejo que foi governante de um cavalheiro, que se retirou para a metropole e desejaria ter uma outra casa, se fosse possível. Onde está agora?

Ella disse-lhe.

— Bem a senhora terá noticias minhas amanhã por estas horas. Confie sempre em Deus. E despediu-se apertando-lhe affectuosamente a mão.

N'essa noite encontrou-se com João Millington e contou-lhe a aventura.

— Creio que conheço a pessoa de quem está fallando—disse o moço advogado quando o velho acabou de fallar.

— Conhece! Como assim?

— Deixe-me descrevel-a, e depois dir-mha se acertei. E' alta, uma senhora distincta como se pôde vêr logo á primeira vista. Os cabellos estão branqueando; tem a phisionomia simples e bondosa. O vestuario, embora russo e velho, tem um aspecto serio e grave. A voz branda e agradável, a expressão bondosa. Ella é, como já disse, uma senhora.

— Descreveu-a, na verdade, Quem é? Como se chama?

— Deve ser a senhora Moss, uma senhora pelo nascimento e pela educação — e João Millington contou tudo quanto sabia a respeito d'ella.

O velho viajante passou a occupar-se de diversos negocios, visitando ao mesmo tempo todos os pontos da cidade. Procurou alguns dos seus agentes que na sua maioria o conheciam apenas de nome e dia a dia se foi tornando amigo do moço advogado, que por habito ia visitar ao escriptorio. Cumpriu a promessa que fez á senhora Moss, obtendo-lhe um lugar de dama de companhia da mulher de um respeitavel professor. Porém não lhe disse que tinha ficado responsavel pelo seu salario, não permitindo os meios do professor semelhante despeza.

Assim esteve seis mezes na cidade quando n'uma manhã accordou muito incommodado. Mandou chamar immediatamente João Millington e a senhora Moss. Ficaram extremamente penalizados de o verem tão doente, pois já lhe tinham grande estima. Viam n'elle á parte algumas excentricidades e particularidades, que eram inoffensivas, um character bom e generoso. Pedro Braz disse-lhes com serenidade que sabia ter recebido ordem de marcha, e estava prompto para partir. Fez-lhes generoso presente de todo o seu

mobiliario em Malugalala, e disse-lhes que, tendo sobrevivido a todos os seus parentes, lhes deixava, com excepção de um ou dois legados aos seus velhos e antigos criados, o remanescente de seus bens para ser dividido igualmente entre os dois. — São merecedores, aliás não o teriam obtido — segredou — e sei que d'elles farão bom uso.

Ficaram ambos admirados, como se pôde suppôr; porém como ignoravam completamente a situação dos negocios do seu velho amigo não podiam avaliar da somma total dos seus bens.

A senhora Moss acompanhou-o attentamente, tratando-o com o maior carinho; e ou fosse pelo bom tratamento, ou pela extraordinaria constituição robusta, ou por ambos os motivos conjunctamente, em menos de quinze dias já podia outra vez andar por toda a parte. Entretanto todos podiam perceber que era um homem quasi sem vida, prestes a extinguir-se, como uma luz que se apaga por falta de alimento. Fez pintar o seu retrato com o aspecto mais velho e sujo possivel, e mettu-o n'uma moldura, a mais velha e suja que poude comprar. Todos se admiravam da vida que ainda o animava. Quando annunciou a sua tenção de voltar para casa, tanto a senhora Moss como João Millington, offereceram-se para ir com elle; mas só lhes permittiu que fossem despedir-se á estação!

— Mandar-vos-hei chamar se precisar de vós — disse e encostou-se para traz nos cochins da carruagem do comboio.



Mais morto do que vivo chegou a Talworth. Jorge Geo difficilmente esperou trazer-o vivo para casa, e lembrou-lhe que seria melhor ficar alli e chamar um medico.

— Ha luar, e vocês podem vêr bem o caminho — replicou, com aquella mesma energia indomavel.

Em Malugalala esperava-se em grande animação o regresso de Pedro Braz. A sua partida tinha causado espanto, mas a sua volta causou consternação.

— Vem para casa morrer! — lamentava o velho André.

Todavia ainda uma vez o velho poude levantar-se e sahir.

— Elle lucha com a morte, — disse uma tarde a mulher de Geo ao marido, quando este voltava do seu trabalho diario.

— Comtudo, é muito velho—replicou Thomaz Geo, que era homem de poucas palavras.

— Completou cem annos, ouvi dizer. Não teria ainda feito testamento?

— Não pensaria em dizer-m'ô.



— Podes contar que foi o que o decidiu a ir a Sydney, — continuava a senhora Geo, que era mulher difficil de callar o que sentia. Tens estado ha tanto tempo a seu serviço, que devia lembrar-se de ti.

— Pagou-me sempre bem. Entretanto alguém ha-de entrar na posse de todos estes bens — replicou o marido reflectindo. — Deixa-me vêr; ha isto aqui, depois ha a fazenda de Bendermeer em Queensland. . .

— E' onde foste quando Jorge era ainda creança, não é assim?

— Sim, ha talvez vinte annos. Já era então uma bella propriedade, e está agora muito augmentada.

— E elle tem ainda outras propriedades, não é assim? perguntou Jorge, que se occupava em concertar umas correias de estribo, e tinha a sella no chão em frente.

— Tem sim, Jorge. Ha o Hillgrove, perto de Yarrangobilly; Golgolgoa na Riverina; e a Yanderbilly na costa Victorvana. D'outros nada sei. Terá alguns parentes? Nunca fallou d'elles. Em todos estes annos que tenho estado a seu serviço, nunca me nomeou alguém que lhe pertencesse.

— Tem estado com elle ha muito tempo não é assim? — E Jorge ia ajustando as correias e as fivellas.

— Tenho estado com elle toda a minha vida. Eu nasci no sitio de Bendermeer em Queensland. Meu pae era o seu chefe de pastagens alli, e o velho trouxe-o para aqui ha quarenta e seis annos e deu-me o emprego quando meu pae morreu. E tem sido muito bom para mim. Quando me lembro d'esse tempo. . . Pedro Braz parecia ha quarenta e seis annos tão velho como agora. Não tem feito mudança alguma, apenas costumava dar uma volta pelas propriedades regularmente, e agora deixou passar quarenta annos sem se mecher d'aqui, senão no dia em que fez a jornada a Sydney. Todavia sabe como tudo corre em todas as fazendas. Elle reconhece até um carneiro que seja seu. E' esperto e vivo, mas desejava que os seus herdeiros, quem quer que fossem, estivessem aqui. Acaso fallou em alguém, Jorge?

— Nem uma palavra. Realmente julguei que estava morto quando o vi no carro. Tinha a apparencia de quem ia morrer, mas evidentemente tem um folego excepcional.

Com effeito Pedro Braz estivera para morrer a todo o momento nos doze mezes que se seguiram, e os pensamentos que expressara Thomaz perpassaram-lhe tambem pela mente, porque no dia seguinte escreveu á senhora Moss e ao joven advogado, pedindo-lhes que viessem sem demora. A' sua chegada ficaram muito consternados com o as-

pecto do velho, comtudo nada lhe disseram. A presença dos dois reanimou-o. Tomou desusado interesse pela tosquia dos rebanhos d'aquelle anno e conservava-se todo o dia á sombra dos arvoredos. Todos se admiravam de que elle ainda conseguisse viver. Percorreu toda a propriedade com os seus dois amigos, apontando-lhes os diversos pontos de interesse.

— Qual dos dois lhes parece que ficará possuidor de Malugalala? — disse-lhes um dia, quando estavam sentados na varanda. Ambos menearam a cabeça, n'aquelle sabido movimento que pretende significar indifferença do assumpto, ao mesmo tempo que a senhora Moss lhe expressava a esperanza de que elle ainda havia de occupar por muito tempo aquella casa e fazenda.

— Não — replicou, — não ha de ser por muito tempo mais. Vivi além de tempo destinado, e não terei pena de partir. Tenho muitos amigos no outro mundo a quem de-sejo encontrar. Estámos separados ha tanto tempo — continuou suavemente. Ha um ponto n'esta propriedade que ainda vos não mostrei. Foi n'esse sitio que cahi do *buggy* quando parti para Sydney e onde desejaria ser enterrado.

Foram-se passando os dias, e não obstante parecesse que tinham percorrido toda a propriedade, elle não designára ainda o lugar de que fallára. A senhora Moss tinha ficado em Malugalala durante uns seis mezes, porque Pedro Braz manifestara o desejo de que ella o não deixasse. João Millington voltara para os seus processos, fazendo lá algumas fugidas, quantas podia.



Era um domingo á noite. Um missionario dos que percorrem os mattos em evangelisação errante chegara na noite antecedente. A pedido de Pedro Braz officiou de manhã á sombra das arvores. Toda a gente do sitio se reuniu alli, compondo um grande e silencioso grupo, de effeito pittoresco e emocionante na sua devoção ingenua. Os officios da tarde fizeram-se na capella, estando presentes apenas as familias da vizinhança mais proxima. Uma cerimonia que a senhora Moss nunca esqueceu. O sacerdote tomou para assumpto da sua pratica o texto que diz — acabei a minha carreira — e fallou com persuasiva eloquencia na tranquillidade de consciencia que pacifica a alma, no fim da vida, apoz o dever cumprido. Depois de terminada a cerimonia os poucos residentes da casa sentaram-se e conversaram serenamente ainda por curto espaço.

— Tenho de continuar a minha jornada



de manhã cedo—disse o missionario, levantando-se para se retirar para o seu quarto.

— Não poderia ficar um ou dois dias mais? — replicou Pedro Braz, levantando-se tambem.—Alguns dos seus ouvintes de ha pouco gostarão de lhe comprar livros, e eu desejo contribuir com uma offerta para os fundos da sua congregação.

— Pois bem, ficarei ainda todo o dia d'amanhã, e agradeço-lhe a hospitalidade. Depois tenho de partir infallivelmente para a minha viagem.

— Está concordado. Hei-de ir mostrar-lhes aquelle lugar de que lhes fallei, havemos de lá ir amanhã, acrescentou voltando-se para João Millington, que tinha chegado na vespera, e para a senhora Moss.

No dia seguinte, denunciava uma extranha inquietação. Andou pela casa toda e em volta do jardim. Não podia conformar-se com a proxima partida do moço advogado, e ao percorrer os jardins e as dependencias, ia dizendo adeus a todos que encontrava, os quaes se quedavam admirados, procurando atinar com o sitio para onde elle iria. O velho André andava atrás d'elle muito perturbado, e Roberto Hawber, um corredor de cavallos da visinhança que viera tentar negocios com elle, acompanhava-o com bondoso e afflictivo interesse.

Depois do *lunch* mandou pôr o *buggy* e pediu a Hawber que tomasse as guias n'um passeio pelas pastagens. Elle estava muito fraco e parecia que hia perdendo forças á medida que se prolongava o passeio. A senhora Moss pediu-lhe que voltasse para casa; o missionario reforçou o pedido com os seus rogos; mas elle abanava a cabeça e fazia signal para que continuassem. Por fim chegaram ao ponto onde tinha occorrido o accidente.

— Deixem-me sahir aqui — disse mansamente—e os trez homens com muito cuidado levantaram-o e collocaram-o sobre uma manta que a senhora Moss tinha estendido sobre a relva humida. Deitou-se mui socegadamen-

te, com os olhos fechados. O sol no poente alongava as sombras sobre a planicie, e uma ligeira viração sopra branda e serena. Havia no ambiente uma grande tranquillidade. Desapparelharam os cavallos, e os trez companheiros de Pedro Braz sentaram-se n'um cepo de arvore cortada emquanto que a senhora se sentára na relva e deixava repousar a cabeça do velho Braz sobre o regaço. Assim permaneceram em silencio por algum tempo. Havia tanta serenidade que não convidava á conversa. De repente Pedro Braz abriu os olhos como se acordasse d'um sonho, olhando em redor, e socegradamente agradeceu á senhora Moss as suas bondosas attenções.

— Amigos — disse com voz amortecida — vim aqui para morrer. Sempre desejei acabar aqui os meus dias, e n'este ponto serei enterrado. E' um lugar sagrado para mim. Aqui repousam os meus queridos. Aqui encontrei o meu amigo de mocidade, o mal julgado Percy Craig. Era um convicto fugido, e depois de o ter escondido durante oito annos, enterrei-o alli com as minhas proprias mãos— e apontáva para um sitio perto onde a relva parecia mais alta do que em redor. Ninguém me ajudou. Enterrei-o sósinho. Era um bom homem — e sumiu-se-lhe a voz.

Esperaram, depois o missionario inclinouse sobre elle e perguntou-lhe se queria rezar com elle. Com alguma cousa ainda do seu velho espirito o moribundo respondeu — Se isso me fizesse algum bem, se me desse alguma vida!...

Minutos depois cahia em inconsciencia, e n'aquelle estado esvaiu-se-lhe serenamente o espirito — Pedro Braz estava morto. Todos ficaram contristados quando souberam o passamento do velho e todavia todos exclamaram—Morreu afinal!

Enterraram-o no lugar que elle tinha indicado, e o missionario addiou a sua partida mais um dia para rezar sobre a sepultura.

Quem eram os seus herdeiros?

Era a pergunta anciosa e interesseira que todos faziam.

(Continua).

(Adaptado do inglez).





# MODAS

É CERTO que a moda, de sua essência caprichosa e variavel, muda de aspecto a todos os momentos, mas deve confessar-se que desenvolvendo-se ella da pequenina semente de vaidade, que germina em toda a alma humana, a dos dois sexos; aquella variabilidade é ainda impulsionada pelo desejo insaciavel de distincção, de separação de classes e de usos. Desde que se generaliza um aspecto de moda, pode contar-se-lhe uma duração ephemera. Este facto dá-se principalmente na combinação de côres ou na especialidade dos enfeites e adornos. Os feitos popularizam-se e resistem ás comparações; esses distinguem-se sempre no primor do córte e na excellencia dos tecidos; mas as côres ferem mais vivamente os olhos delicados e sensiveis aos effeitos egualitarios. Por isso as damas verdadeiramente elegantes, as que se sabem vestir, as que se distinguem pela nobreza do porte e pelo respeito da sua propria personalidade, as que se afastam cautelosamente d'aquelle mundo mesclado e extravagante que com recursos faceis passam vida tambem facil, as que são verdadeiras senhoras, na accepção da palavra, evitam adoptar desde logo côres caprichosamente combinadas ou formas de adornos muito especiaes. Se as indicamos por vezes aqui, é para sacrificar á actualidade; porém damos sempre preferencia a modelos e a indicações que satisfaçam melhor áquella principal qualidade d'uma *toilette* distincta, a simplicidade aparente, bem mais difficil de conseguir do que a complexidade espaventosa. Não é nosso intuito exclusivo dar aqui noticia de modas; procuramos modestamente educar o gosto das leitoras intelligentes pela preferencia do que se usa nos bons circulos da sociedade.

Continuam-se a empregar abundantemente cassas e gazes de seda e algodão, sedas *pom-*

*padour*, cambraias de linho estampadas, *foulards* mesclados muito flexiveis, fazendas de linho em tecido novo com bordados; mas todos estes tecidos diferentes são ornamentados de flores onde predominam as rosas pequeninas ou onde se destacam molhos de violetas, sobre fundos claros e apropriados á estação, muito alegres, muito leves, de sorte que, no dizer dos que teem assistido ás reuniões mundanas dos grandes centros da moda, nas *garden-parties*, nos recintos das corridas, o grupo animado e palreador das damas gen-

tis dá a impressão d'uma grande *corbeille* de flores, movediça sobre o extenso relvado dos parques e dos jardins. São os chapéus que ferem a maior viveza de côres, sendo abundantemente enfeitados de flores em que o fabrico moderno põe tal perfeição que illudem verdadeiras pela exactidão, suavidade e macieza de tons. Nem o perfume lhes falta, que a moda continua a ordenar o uso prodigo das essencias finas, de campezina suggestão, como o extracto de feno e outras delicadas composições da arte de perfumista.

Os ornatos e os desenhos das fazendas modernas pres-tam-se ao emprego das preguinhas, augmentando-se o effeito extranho, de sorte que nas blusas se utilizam com muita frequencia, sobretudo quando são confeccionadas em sedas da India, dos mais variados tons que apparecem agora no mercado. Usam-se muito tambem blusas de cambraia de linho bordado com applicações de renda irlandeza ou *valencienne*, segundo o gosto. A renda applica-se agora mais em ornatos separados, compondo florões completos ou medalhões, ou losangos, como mostra a primeira das nossas illustrações. Estes medalhões ou quadros são cortados em rendas cujo desenho é feito para poder ser separado em figuras de ornato. Empregam-se estas applicações tambem como enfeite de saias. Apparecem *gui-*





*pures* em tons diversos, feitos de fios torcidos em creme e preto, que teem um aspecto attra-hente pela novidade. Deixam-se de fazer tanto em tufos de renda os abafos e empregam-se mais as romeiras em renascimento de velha moda, todavia bem gentil, porque não occulta a curva graciosa dos bustos, ao contrario acentua-a e define-a n'uma roupagem solta de esculptura, em artistica attitude. Fazem-se todas em renda ou em setins muito leves com orlas de largas rendas; como tambem se compõem mais modestamente, pregando rendas de Alençou sobre um lenço de finissima cambraia, desorte a aproveitar-lhe as pontas para fecho elegante sobre o seio. Teem apparecido algumas d'estas romeiras simplesmente imaginadas, sobre as quaes se valorisam as antigas rendas dos mais trabalhados pontos.

A nossa segunda illustração mostra uma elegante *toilette* de fazenda lisa cuja ornamentação principal consiste no emprego de renda applicada, tanto na saia, como no corpo, toda segura por presilhas de fita de veludo terminada por botões, como se fôra na verdade abotoada, dando na saia a illusão de que segura a serie de quatro pregas e finge no corpo que o fecho sobre o peitilho de seda, como mostra a figura.

O pescoço tem o decote que se vê, fechado depois pela mesma renda do enfeite em um tufo ao

lado, similhando uma veste inrerna que subisse até o pescoço pelo interior do vestido; as hombreias e as mangas apresentam novidade de forma e nos punhos e no braço se vê de novo apparecer em applicações de renda aquella mesma fingida vestia interna que vimos fechar o decote. A nossa terceira illustração reproduz uma *toilette* em linho azul

muito pallido que acentua o genero de *toilettes* para passeio ao campo, tendo o corpo a forma de jaqueta aberta na frente para deixar ver uma blusa interna de seda ou de cambraia que reaparece tambem nos punhos para foasra de mangas largas.

Chegada a época de partida para o campo e para as viagens mais ao menos longas conforme a distancia a que se acham as propriedades, a moda determina agora o genero de *toilette* e variam naturalmente os modelos segundo a exuberancia do busto, vendo-se nos grandes armazens de venda numerosos *paletots-sac* de forma absolutamente vi-

ga, mangas amplas prestando-se sem revelações indiscretas ao repouso negligente, á vontade, como se diz, durante os longos percursos em caminho de ferro, visto que facultam o uso d'uma simples camiseta de seda interna, larga, fluctuante. Veem-se tambem modelos justos, embora colleantes, que se apropriam á flexibilidade delgada de formas. Empregam-se para estes costumes de viagem os *cheviotes* cinzentos, de mesclas muito finas, os *homespun* e os *covercoat*; e para ornato em geral simples botões. Os chapéus de forma *marquis* tem sido por emquanto preferidos para completar o costume, visto que recobrem bastante os cabellos. Ha agora veus bastantes espessos que defendem pratica e efficazmente os rostos cujo mimo e frescura soffrem com o ar saturado de pó de carvão, o qual acompanha e envolve constantemente os comboios. Não são em mousseline de seda, mas n'uma especie de taffetas, especialmente tecido

para o effeito, que de preferencia se compoem as guarnições ou enfeites dos chapéus de viagem, a fim de resistirem á acção da poeira. As saias d'estes costumes usam-se curtas, o que é logico e commodo, para facilitar os movimentos no embarque e desembarque de comboios.

Como se vê da forma geral dos modelos





apresentados, cantinua a vigorar o vestuario ajustado sobre a cintura e ancas, e em virtude d'isto, as casas que fornecem saias de baixo apresentam agora uma variedade notavel de generos, todos tendentes pelo corte, ajustamento em laçadas, emprego de botões de pressão, e diferentes outros meios, a conseguir uma quasi adherencia sobre o corpo. A seda realisa o maior numero de condições necessarias; e, desde que a industria moderna a fabrica, verdadeira ou artificialmente, por preços accomodados á maioria dos recursos, é o material escolhido de preferencia, pela sua leveza, pela sua flexibilidade e pela sua duracão. Cada vez se é mais exigente na feitura d'este indispensavel complemento de vestuario, sem o qual nenhum vestido, por melhor corte e por mais elegante forma que tenha, sobrees devidamente. A saia interna e o collete são dois elementos fundamentaes do vestuario; e todo o cuidado e todo o escrupulo na sua escolha é sempre menor ao exigido; para que não possa ter-se a sensação desagradavel, a quem na rua vê passar um elegante, de marcar com a vista a linha que termina o collete e quasi lhe desenha as barbas, ou o bambolearmento torcido que tomam as saias quando não assentam sobre um *dessous* apropriado.

Tendo-nos referido a campo e casas de campo, lembramos registrar o uso cada vez mais apreciado de empregar para as mezas, mas exclusivamente aos almoços ou aos *lunchs*, toalhas e guardanapos de phantasia e de cores, em cujo tecido a arte nova desenha os mais caprichosos arabescos, com barras aber-

tas. Os tecidos não tem avesso; collocam-se indistinctamente d'um lado ou d'outro, e assim obtem-se o effeito de destacar ornatos brancos ou cremes sobre um fundo em rosa velha ou ao contrario os florões em côr sobre o fundo creme. Fabricam-se tambem em

azul pallido e creme, em amarello de ouro e creme. Os desenhos, por vezes, affectam o estylo Luiz XV no proprio tecido ou bordados. Repetimos, porem, a toalha do jantar continua a ser inteiramente branca; somente a moderna industria tem chegado a produzir o adamacado tão brilhante que semelha seda e tão distincto que parece resaltar em relevo. Como phantasia para mezas de *lunchs* ou de serviços de refrescos em elegantes

*garden-parties*, mezas que por vezes são collocadas sob os alpendres dos terraços ou em fechados caramanchões de trepadeiras que a moda, tambem soberana no arranjo dos grandes jardins, tem recentemente renovado da velha maneira do seculo XVIII, usam-se toalhas com barras e desenhos abertos no genero italiano, arrendadas e assentes sobre setins de côres claras para fazer sobresahir na transparencia os desenhos decorativos. Comprehende-se o emprego d'estas toalhas phantasistas para condizer com as louças modernas de feitios caprichosos e irregulares, coloridas fortemente ou plenas de desenhos ornamentaes excentricos que o esthetismo pretencioso e avido de originalidade tem posto em pratica, com excellente



exito muitas vezes, deve dizer-se para ser justo. Para acompanhar as boas porcellanas douradas ou para os serviços luxuosos da India e da China, só o fundo branco das toalhas lhe faz realce ao valor, como tambem ás pratas lavradas e cinzeladas das boas



épocas da ourivesaria. E para voltar ás mesas postas ao ar livre de que principiamos a fallar, registe-se igualmente que não é tido como nota de bom gosto pôr flores na decoração d'ellas; as flores, dizem, servem-lhe de moldura nos *parterres* que as cercam, nos vasos que ornamentam os terraços. Na ornação d'estas mesas, sempre pequenas, embora tenham de se multiplicar, prefere-se o uso e mesmo o abuso dos *crystaes*, dispen-

sando as peças de baixella luxuosa: admitem-se os vidros coloridos, mas a grande moda são os *crystaes* dourados, vidros da Bohemia, que a industria moderna imita do artigo na forma e no ornato. Ha sem duvida em todos os dominios da arte applicada um renascimento que procura ser uma renovação, mas em verdade os velhos modelos obtêm ainda uma decedida preferencia, quando não são os proprios objectos colleccionados.

---



---

## SCENA DE SALÃO



AMAVEL VISITA. — QUADRO DE GEORGES CAIN

*A encantadora scena, que o quadro representa, traduz na decoração do salão, na luminosa disposição dos personagens, na naturalidade das attitudes, na minuciosidade dos adornos, na impressão de vida real, uma fidelissima lembrança d'aquelles tempos desaparecidos, e todavia bem proximos, em que a amenidade delicada do convivio social primava nos costumes, como ainda hoje se encontra em raros salões, menos buliçosos e mais severos do que aquelles onde predomina o modernismo insignificativo. São suggestivamente educativos do bom gosto e das boas maneiras estes quadros flagrantemente de verdade simples, e acariciadores de gentilezas mundanas. E' com effeito uma visita amavel; sem duvida é um «gentleman» quem entretem aquellas damas n'uma conversação interessante, alguma curiosa narrativa de casos da sociedade que lhes prende a attenção.*



METEOROLOGIA

Observatorio do Infante D. Luiz

Junho	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Graus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	762,5	756,9	18,1	13,3	20,4	15,5	16,2	9,5	0,2	3,8	3,0	0,2
2	761,6	761,0	18,8	15,8	22,3	17,4	14,9	12,8	0,5	0,4	6,5	8,5
3	763,4	766,0	19,5	16,5	24,0	18,5	14,8	14,6	0,0	0,2	5,5	9,5
4	763,1	766,8	20,2	17,2	28,5	19,8	15,0	12,8	0,0	0,1	4,3	7,5
5	761,9	763,6	22,7	20,0	29,7	26,8	17,8	13,0	0,2	0,0	3,7	7,5
6	762,0	761,6	21,2	23,5	25,7	29,6	16,5	17,9	0,0	0,0	5,8	5,0
7	759,0	761,2	20,0	23,4	23,5	29,7	15,9	19,4	0,0	0,0	5,5	5,0
8	759,6	760,3	18,9	20,7	22,9	22,5	14,9	13,9	0,0	0,0	4,3	5,5
9	762,4	758,4	18,8	17,0	21,2	18,7	15,8	14,8	0,0	0,0	5,3	8,0
10	765,7	759,0	19,8	14,7	23,1	16,8	15,9	12,4	0,0	0,7	6,5	7,5
11	765,0	761,1	21,8	16,3	27,1	18,7	15,9	12,9	0,0	0,0	7,2	8,0
12	759,6	760,7	22,0	16,6	24,7	18,0	16,0	14,2	0,0	0,1	4,5	8,5
13	756,5	766,2	17,3	16,5	19,7	18,4	16,6	12,7	0,0	2,5	5,0	5,5
14	755,0	765,8	17,8	16,4	21,9	19,6	15,8	12,4	0,4	0,0	8,5	4,5
15	762,5	763,2	16,4	16,4	20,5	10,2	15,4	12,8	0,1	0,0	6,3	1,8
16	768,0	763,2	20,7	18,5	25,8	23,3	15,8	12,5	0,0	0,0	7,2	4,7
17	768,5	765,0	19,3	19,0	23,3	24,7	15,0	13,7	0,0	0,0	8,0	4,0
18	766,0	762,0	22,6	21,3	27,0	23,9	16,3	15,0	0,0	0,0	4,5	5,0
19	765,8	758,4	22,8	16,1	30,2	18,3	16,0	14,6	0,0	10,2	4,3	6,2
20	763,8	760,5	25,1	16,4	3,2	17,5	19,9	15,4	0,0	12,7	3,5	3,0
21	763,0	765,1	22,5	18,3	26,0	24,0	16,4	16,5	0,0	8,8	6,5	0,0
22	764,3	765,4	18,1	20,0	24,2	25,1	15,9	16,1	0,0	0,0	7,5	4,8
23	764,8	764,7	19,0	21,5	23,7	28,2	15,9	16,1	0,0	0,0	7,0	3,0
24	762,5	762,9	21,9	24,3	30,0	31,2	15,5	15,7	0,0	0,0	4,7	3,5
25	763,3	760,7	25,9	17,3	30,0	21,3	22,8	15,9	0,0	0,0	5,5	7,2
26	763,0	761,4	24,5	10,0	27,9	21,5	17,1	15,9	0,0	0,0	5,0	0,5
27	762,5	761,2	21,5	18,3	22,7	20,7	16,3	15,1	0,0	0,0	8,3	6,5
28	762,3	762,3	19,7	17,4	22,5	20,0	15,7	14,5	3,0	0,0	8,5	6,0
29	761,9	761,3	20,0	17,2	23,7	25,4	16,5	15,7	6,7	0,0	7,2	8,5
30	767,0	762,2	19,0	19,5	21,2	20,9	15,8	16,0	0,0	0,0	4,8	7,5



# VARIEDADES

## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

**ABRIL.**—**26 Portugal**—E' approvedo na camara dos deputados por 97 votos contra 42, o projecto do convenio com os credores externos.—*Hespanha*—O conselho de ministros approva os orçamentos parciaes de 1903.

**27 Italia**—Por causa do desaccordo nas manifestações a Gloilitti no senado, demitte-se o ministro da guerra.—*Suecia*—Umas 40.000 pessoas fazem em Stokolmo ruidosas manifestações a favor do suffragio universal.—*China*—Os rebeldes chinezes bombardeam, durante 3 horas, Nag-Foo, empregando os canhões modernos, matando 400 moradores e ferindo 2 oco.

**28 Italia**—O general conde Ponza de San Martino dá a sua demissão de ministro da guerra. *Republica Dominicana*—O sr. Horacio Vasques, vice-presidente da Republica proclama a revolução na região de Cibrao contra o presidente Jimenez.—*Inglaterra*—O tribunal de primeira instancia recusando ordenar a expulsão dos jesuitas.—*Filippinas*—O cabecilha Rufó submete-se na ilha dos Negros, com 158 partidarios, 12 canhões e 140 bolos.—*Africa*—Produzem-se varias manifestações anti semiticas em Constantina, travando-se algumas de-sordens.

**29 Allemanha**—A commissão da nova pauta aduaneira accorda em fixar em 48 marcos o direito de importação sobre cada cem litros de vinho.—*Italia*—A camara dos deputados approva o projecto de lei para a creação d'um novo titulo consolidado de 3 1/2 0/0.

**30 Portugal**—E' affixado um edital na reitoria da Uniyersidade de Coimbra, suspendendo até nova ordem, os exercicios escolares de todas as faculdades.—*Estados-Unidos*—O presidente Roosevelt nomeia secretario de estado para a marinha o sr. William Moody, de Massachussets, em substituição do sr. Long. *Republica Dominicana*—O governo da ilha faz bancarrota manifestando-se sem força para combater a insurreição.—*Russia*—O ministro da guerra dá a sua demissão por motivo de ataques opposicionistas.

**MAIO.**—**1 Russia**—O coronel Grimm é condemnado a 12 annos de trabalhos forçados.—O conselho de guerra condemna á morte o assassino do ministro Spiaguini.—*Marrocos*—O sultão Muley Abd-el-Aziz notifica ás potencias que, em consequencia da abundancia das colheitas, reduz um terço no direito da exportação do trigo durante o corrente anno.

**2 Calcutta**—Um violento cyclone devasta Dacca e as povoações visinhas, matando 416 pessoas.

**3 Turquia**—E' descoberto no palacio de Constantinopla uma conspiração contra a vida do Sultão, sendo desterrados muitos dos principaes servidores e varios ennuchos.—*Rio de Janeiro*—O presidente da Republica do Brazil, Campos Salles, envia ao parlamento a sua mensagem de despedida.—*Martinica*—O vulcão do Monte Pelado volta a estar em actividade cobrindo a cidade de S. Pedro de uma camada de cinza.—*Egypto*—Um terrivel incendio destroe a cidade de Mitgazne, causando 50 mortes, e ficando reduzidos a cinzas 200 armazens e milhares de casas, sendo os préjuizos de muitos milhões de francos. Ficaram sem abrigo 6.000 pessoas.

**4 Belgica**—Effectuam-se com resultado satisfatorio as experiencias do telephone submarino entre Bruxellas e Londres.—*Inglaterra*—Mais de 900 casas commerciaes inglezas importantes apresentam ao governo e ao parlamento uma reclamação contra o projectado augmento de sello sobre os cheques.—*Italia*—A princeza Beatriz, esposa do principe Maximo e filha de D. Carlos Bourbon, tenta suicidar-se arrojando-se ao Tibre.—Em Trieste, Trento e Milão celebram-se comicios para protestar contra a renovação da triplice.—*Turquia*—Ossoldados turcosatacam os religiosos francezes dos arredores de Soutari.—*França*—A maioria dos maires das regiões industriaes pronuncia-se contra o projecto de lei que augmenta o limite de idade para a admissão dos trabalhadores nas minas.

**5 Hespanha**—Sente-se um violento tremor de terra em Murcia, tendo abatido algumas



casas nas povoações de Alberca e Alcantarilla — *Haiti* Santo Domingo rende-se aos insurrectos, tendo o presidente Jimenez de se refugiar no consulado francez. — *China* — Um edito imperial ordena o castigo dos culpados nos recentes assassinos dos missionarios.

**6 França** — Sente-se um tremor de terra em Bordeaux que dura 15 segundos, não occorrendo desastre algum. — Egualmente se sentiram abalos em Bayonna, Barcelona, Saragoça e Tafalla. — Descarrilla perto de Moyenneville, um comboio procedente de Moseron, Belgica, conduzindo 350 peregrinos que se destinavam a Lourdes, morrendo 9 pessoas e ficando feridas 56. — *Russia* — O Diario da legislação, publica um decreto imperial proclamando o estado de sitio em cinco districtos do governo de Pultawa. — Os camponeses assaltam e saqueam o castello historico do principe de Oldemburgo em S Petersburgo.

**7 Inglaterra** — A Liga internacional da Paz publica um manifesto protestando contra os actos de barbarismo dos americanos nas Filipinas; dos inglezes no Transvaal; dos turcos na Armenia; dos russos na Finlandia; e de todas as nações na China. A imprensa liberal approva o manifesto. — *Austria* — Em consequencia da agitação anti-semita, resolvem abandonar o paiz umas 4:000 familias judias, projectando estabelecer se nos Estados Unidos, principalmente em Nova-York. — *Hespanha* — O congresso approva por unanimidade o projecto de lei creando um instituto de trabalho. — *Republica Dominicana* — E' constituido o governo provisorio que conservará o poder até se effectuarem as novas eleições presidenciaes. — *Hungria* — Abertura solemne do Reichsrat, em Buda-Pest.

**8 Hespanha** — Inaugura-se em Madrid um theatro lyrico exclusivamente destinado a opera hespanhola, estreando se a opera *Circe* do maestro Chapi. — *Russia* — Metade de um batalhão de infantaria recusa-se a disparar contra os camponeses revoltosos da provincia de Pultawa. — *Haiti* — Rebenta a revolução. O general Simon Sam dá a sua demissão de presidente da republica. — *Italia* — O ministro dos negocios estrangeiros annuncia á camara dos deputados que o *statu quo* commercial entre a Italia e o Brazil é mantido até 31 de Dezembro. — E' solemneamente inaugurado em Turim, no topo da collina de Superga, o monumento commemorativo do rei Humberto. — *Grecia*. — Uma quadrilha de ladrões assalta e saquea o palacio da familia real em Dekalla, levando grande quantidade de objectos de valor e merito artistico.

**9 França** — Caem abundantes nevadas em todas as regiões da França, temendo-se em muitos pontos a perda das colheitas. — *Hespanha* — A minoria do congresso declara officialmente a ruptura com os deputados republicanos por meio de um manifesto á opinião democratica.

**10 Portugal** — E' approvedo por 43 votos contra 35, na camara dos pares o projecto de convenio com os credores exernos. — *Estados Unidos* — A camara dos representantes

approva o projecto de lei declarando incorporados nos Estados Unidos os territorios do Arizona, New-Mejico e Oklaoma. — *Hespanha* — O senado vota definitivamente o projecto de lei reduzindo a circulação fiduciaria. — *America Central* — Os governamentaes atacam Curupano por terra e por mar; mas os revolucionarios repellem-os, inflingindo-lhes grandes perdas. — *Italia* — A Italia e Guatemala decidem submeter a questão dos interesses italianos n'aquella republica á arbitragem do presidente da republica franceza, o qual accetou o encargo. — Uma terrivel tempestade arremessa para os rochedos de Civita Vecchia, 10 navios de vela abandonados pelas suas tripulações. — *Alsacia Lorena* — O imperador Guilherme n'um rescripto, dirigido ao governo da Alsacia Lorena, declara que, confiando na fidelidade e lealdade dos alsacianos-lorenos para com o imperio, auctorisa o governador a entender-se com o chanceller imperial para a suppressão do artigo dictatorial.

**11 Hespanha** — Em resultado de divergencia de criterio entre os ministros acerca da questão religiosa, o sr. Canalejas, ministro da agricultura dá a sua demissão. — Em signal de protesto contra a prisão de 36 operarios, reu-nem se varios companheiros das officinas de Barcelona, declarando-se em greve. — *França*

Os nacionalistas são derrotados nas eleições a que se procedeu em Paris e na Provença.

**12 França** — Realisa se em Paris a ascensão do balão *Pax* do inventor brasileiro Augusto Severo, dando-se uma explosão no motor do que resultou o incendio do balão, cahindo desastrosamente de uma altura de 300.<sup>m</sup>, Augusto Severo e o seu ajudante Saché, ficando horrosamente mutilados. — *Hespanha* — Realisa-se sob a presidencia da rainha, o ultimo conselho de ministros da regencia. — *Africa Austral* — Dá-se uma violenta explosão n'um wagon de petroleo da companhia do caminho de ferro de Panhandle, incendiando os comboios tambem carregados de petroleo, e ficando feridas 200 pessoas, das quaes 150 mortalmente. — *Alexandria* — São destruidas pelas chamas varias povoações do interior, e as officinas do caminho de ferro do Cairo. — *Russia* — O assassino do ministro Sipiaguine é condemnado a morrer na forca, não tendo porém o czar confirmado a sentença.

**13 Haiti** — Os revolucionarios apossam-se do governo depois de uma hora de combate ficando 2 homens mortos e 3 feridos. O sr. Beironcanal assume a presidencia do governo provisorio. — *Pensylvania* — Cento e cincoenta mil mineiros proclamam a greve geral. — *Hespanha* — Inauguração das festas officiaes da maioridade do rei Affonso XIII. Os jornaes carlistas publicam um energico protesto do pretendente D. Carlos contra a proclamação de Affonso XIII. — *Inglaterra* — A camara dos commons regeita por 296 votos contra 188, uma emenda proposta por sir William Vernon Harcourt contra o imposto sobre os principaes artigos de alimentação do povo.

**14 Estados-Unidos** — O presidente Roosevelt renuncia ao projecto de mandar um ma-



nuscripto especial ao Vaticano para resolver directamente com o papa a questão religiosa das Filipinas, em vista do movimento iniciado pela maioria do povo americano. As negociações indispensáveis far-se hão em Washington com os delegados do papa. — *Brazil* — E' inaugurado no Rio de Janeiro o monumento ao barão do Rio Branco, a quem se deve a resolução a favor da republica brasileira da secular questão entre o Brazil e a França sobre os territorios do Yapock, na Guyana. — *Hespanha* — Realisa-se a cerimonia do juramento do rei Affonso XIII.

**15** *Hespanha* — Desmorona-se a casa da Academia de San Luis em Lerida, ficando sepultados nos escombros muitos alumnos e o director da academia.

**16** *Russia* — E' enforcado Belmaschefe o assassino do ministro Sipiaguine. — *Estados-Unidos* — Produzem-se manifestações populares, especialmente nos bairros judeus, por causa da elevação do preço da carne, sendo saqueados os talhos e astendas e apedrejada a policia, ficando feridas numerosas pessoas. — *Suecia* — Rebenta a greve geral. Em Stockolmo estão em greve 25.000 operarios. A greve é determinada por ter sido dissolvido o parlamento por causa da lei eleitoral.

**17** *Suecia* — A Junta operaria de Stockolmo resolve cessar a greve geral.

**18** *Guatemala* — Um forte terramoto destroe a cidade de Menzaltenzanco, que contava 25 000 habitantes, ficando convertida em um montão de ruínas e contando-se as victimas por milhares. O terramoto alcançou outras povoações que tambem quasi desapareceram completamente. — *Cuba* — O presidente Estrada Palma organisa o seguinte ministerio: Diejo Tamayo, nacionalista, secretario d'estado, encarregado da guarda rural, hygiene, correios e telegraphos; Zaldo, republicano, secretario dos estrangeiros e justiça; Ferry, independente, agricultura; Diaz, nacionalista, da instrucção; Montez, republicano, finanças.

— *Russia* — O governador tenente general Wahl, é victima de um attentado em S. Petersburgo, recebendo dois tiros de revolver. — *Martinica* — Dá-se uma nova erupção na Sulphureira.

**19** *Tennessee* — Dá-se uma explosão de grisú nas hulheiras de Coal Creek em Knoxville, morrendo 150 mineiros. — *Martinica* — Em Basse-Pointe são arrebatados varios predios de casas pela subita cheia do rio, ficando cheias de lôdo mais de 56.

**20** *Allemanha* — Na estação de Neus, perto de Berlim, chocam-se dois comboios ficando um homem morto e 48 feridos. — *Martinica* — A maré destroe parte da aldeia de Carbet.

**21** *Russia* — Chegada do presidente da Republica Franceza a S. Petersburgo — Produzem-se sérias desordens entre os operarios de Moscow. — *Italia* — Visita do shah da Persia a Roma. — *Cuba* — O congresso reunido promulga a constituição.

**22** *Portugal* — Reabre a Universidade de Coimbra, recomeçando aulas em todas as faculdades.

**23** *Portugal* — Visita do Principe herdeiro de Sião a Suas Majestades os Reis de Portugal. — *Hespanha* — O rei assigna um decreto creando a ordem de Affonso XIII para premiar o merito dos homens de sciencia, letras e artes. — *Colombia ingleza* — Produz se uma explosão de grisú nas hulheiras de Crow's Nest, perto de Fernie, soterrando 130 mineiros dos quaes se salvaram apenas 26.

**24** *França* — O celebre poeta François Coppée dá a sua demissão de director da *Patria Franceza*. — *Roma* — O shah da Persia renuncia visitar o papa por este se recusar recebê-lo no Vaticano. — *Estados-Unidos* — Realiza se em Washington a inauguração da estatua de Rochambeau, um dos heroes da independencia norte-americana, desabando uma tribuna, ficando 1 pessoa morta e 30 feridas.

**25** *Inglaterra* — O municipio de Barstea, districto democratico do condado de Londres, nega-se por 25 votos contra 24 a tomar parte nas festas da coroação de Eduardo VII. — *Allemanha* — Funda-se em Berlim uma importante sociedade para promover a abolição de propinas escolares. — A estação central do telegrapho de Berlim experimenta um novo aparelho que transmite até 14.000 palavras por hora.

**27** *Portugal* — Cae um faisca electrica na ermida de N. S. da Consolação da Aguvalva, arruinando-a.

**28** *Hespanha* — Os ministros Canalejas e Moret pedem a sua demissão.

**29** *Portugal* — Inauguram-se no Porto as festas em homenagem a Almeida Garrett. — *Haiti* — O corpo diplomatico reconhece o novo governo da republica — *Venezuela* — Os rebeldes venezuelanos apoderam-se de Parana-guá, Cumarebo e varias cidades pequenas. — *França* — Um violento cyclone devasta a região de Listrac no Medoc, ficando bastantes casas inundadas, desabando numerosos muros e destruindo as vinhas.

**30** *Republica Argentina* — O governo argentino communica á legação de Madrid que se assignaram os convenios de arbitragem geral de limites, de armamentos navaes e de demarcação de fronteiras. — *Hespanha* — O rei Affonso XIII é investido no cargo de grão-mestre de todas as ordens militares. — *Portugal* — Batem-se em duello ao sabre, os escriptores Eduardo Schwalbach e Abel Botelho, ficando ferido o segundo. — *Africa do Sul* — O governo inglez indemnisa com 15.000 libras os subditos austriacos residentes no Transvaal cujas propriedades lhes foram destruídas.

**31** *Brazil* — Realiza-se a collocação da primeira pedra na nova escola de Bellas Artes no Rio de Janeiro. — *Hespanha* — E' nomeado ministro da agricultura o sr. Felice Suarez Inclan que era o primeiro vice-presidente do congresso, em substituição do ministro demissionario Canalejas. — *França* — O presidente Loubet indulta 200 condemnados por delictos contra o direito commum por motivo da sua viagem á Russia. — *China* — Os ministros plenipotenciarios estrangeiros chegam a accordo



sobre a retrocessão de Tien-Tsin aos chinezes. — *Africa do Sul* — E' assignado em Pretoria por todos os delegados boers, pelo generalissimo lord Kitchener e por lord Milner, o documento que contém as condições de rendição dos boers, concedidas pelo governo britannico.

**JUNHO — 1 França** — E' eleito presidente da camara dos deputados, o sr. Léon Bourgeois, republicano radical, obtendo 303 contra 267 dados ao sr. Deschanel. — *Hespanha* — Os operarios de Badajoz declararam-se em greve promovendo disturbios. — O congresso operario de Malaga nomeia uma commissão para que visite as principaes povoações da Andaluzia com o fim de expôr aos patrões a pretensão de diminuir o dia de trabalho e de augmentar os salarios. — *Italia* — O papa preside á inauguração da gruta Lourdes, nos jardins do Vaticano em Roma.

**2 Hespanha** — Badajoz é declarado em estado de sitio. — *Italia* — Em todas as cidades italianas é commemorado o anniversario da morte de Garibaldi. — *Estados Unidos* — Os armadores de Boston, Liverpool, Quebec, Buenos Ayres e Rio de Janeiro accordam em organizar um *trust* para competir com o do sr. Morgan. — *Turquia* — Em consequencia de um temporal no Mar Negro, naufragam trinta navios, perecendo 200 tripulantes.

**3 França** — O sr. Waldeck-Rousseau apresenta, em conselho de ministros, ao presidente da Republica a demissão do gabinete. — Um individuo de nacionalidade russa, dispara um tiro de revolver contra o consul da Russia em Nice, ferindo-o n'uma das mãos. — *Hespanha* — Declaram-se em greve os carroceiros de Barcelona. — *Austria* — O presidente do conselho de ministros é assaltado em Bucharest por um individuo de nome Petroviev, que tenta ferir-o no peito. — *Estados Unidos* — O senado approva por 48 votos contra 30 o projecto de lei relativo ao governo das ilhas Filipinas. — *Chile* — Manifesta-se uma erupção vulcanica no territorio do Chaco, destruindo duas aldeias e matando 75 pessoas.

**4 Estados Unidos** — Em presenca da resistencia do publico em comprar a carne pelos novos preços do *trust*, declara-se este vencido. — *Hespanha* — Declaram-se em greve os descarregadores do caminho de ferro em Barcelona.

**5 Inglaterra** — O rei Eduardo VII assigna um decreto promovendo lord Kitchener a capitão-general votando-lhe o parlamento uma gratificação de 50.000 libras. A camara dos communs approva por 216 votos contra 49 o projecto de lei relativo ao emprestimo de guerra, e approva por 382 votos contra 42 uma moção de agradecimento ás tropas e de condolencias ás familias dos mortos na guerra sul-africana. — *Hespanha* — O conselho de ministros, sob a presidencia do rei, firma um decreto auctorisando o ministro da fazenda a contractar um emprestimo de 338 milhões de pesetas a 5% de juro, amortisavel. — O rei, acompanhado da familia real inaugura em Madrid os monumentos a Quevedo, Lope de Vega, Goya

Arguelles, Bravo, Murillo e ao heroe de Cuba, Gonzallo Garcia. — *Venezuela* — Os revolucionarios derrotam em Puerto-Espana, o exercito fiel, tomando-lhe 2000 espingardas e grande quantidade de munições.

**6 Marrocos** — Rebenta uma grande insurreição em Taflete — *Russia* — São presos 32 officiaes do exercito russo, por suspeitos de filiações no nihilismo. — *França* — A camara dos deputados procede á eleição definitiva da sua meza, ficando eleitos: presidente o sr. Léon Bourgeois, e vice presidentes os srs. Etienne, Maurice Faure, Trouillot e Guillain. — *Inglaterra* — Produz-se um violento incendio no arsenal de Chatam, no condado de Kent, destruindo todos os modelos e desenhos de navios em construcção. Os prejuizos excedem a milhares de libras.

**7 França** — E' constituído o novo gabinete ficando: Presidente do conselho e ministro do interior e dos cultos o sr. Combes; ministro da justiça, o sr. Vallé; ministro dos negocios estrangeiros, o sr. Delcassé; ministro da guerra, o general André; ministro da marinha, o sr. Pelletan; ministro das obras publicas, o sr. Maruejoulo; ministro de instrucção publica, o sr. Chamié; ministro das colonias, o sr. Doumergue; ministro do commercio, o sr. Trouillot; ministro da agricultura, o sr. Mongeot; e ministro da fazenda, o sr. Rouvier. O sr. Bernard é nomeado sub-secretario de estado dos correios e telegraphos. — *Marrocos* — Verifica-se uma manifestação operaria para protestar contra a missão catholica que impõe nove horas de trabalho. — *Guatemala* — Produz-se uma erupção no Tocano, destruindo metade da cidade de Retalkulen, fazendo mil victimas. — *Pensylvania* — Um violento incendio, ateado pelas faúlhas de uma locomotiva, destróe quasi completamente a cidade Hammondstown. — *Portugal* — Commemora-se no theatro de D. Maria, em Lisboa, o 4.º centenario da fundação do theatro por Gil Vicente. — *Allemanha* — O *Reichstag* approva o projecto de lei concernente á abolição do artigo dictatorial relativo á Alsacia-Lorena.

**8 Belgica** — Inaugura-se em Bruxellas o congresso annual das sociedades livres-pensadores belgas.

**9 Italia** — Em consequencia de um incidente parlamentar batem-se á espada o deputado Franchetti e o ministro dos negocios estrangeiros, Prinetti, ficando o primeiro levemente ferido. — Em consequencia de uma altercação violenta batem-se em duello, em Sturdza, os principes Jorge e Hellio de Talleyrand. — *Estados Unidos* — Um incendio destróe em Chicago um sanatorio contra a embriaguez, morrendo 10 pessoas e ficando 30 mortalmente feridas. — *Inglaterra* — Manifesta-se um violento incendio no palacio do lord mayor de Londres resultando 19 mortos e varios ferimentos, sendo enormes as perdas materiaes.

**10 França** — Termina a greve dos operarios das fabricas de tabacos, por effeito do ministro da fazenda satisfazer as pretensões dos grevistas. — O balão do parque aerostatico de marinha em Toulon, tripulado pelo capitão de



fragata Baudie, cahe ao mar, desaparecendo o areonauta. — *Estados Unidos*— Os grévistas mineiros obteem o apoio de todos os syndicatos de operarios na região das minas de anthracite.

11 *Tunisia* — Mahomed-el-Hadi filho do fallecido Ali-bey, bey de Tunis é proclamado successor de seu pae — *Minesotta* — Um violento cyclone destroe em Lakepart uma igreja, nove quintas e occasiona a morte a 10 pessoas.

— *Turquia* — Uma caravana de negociantes, escravos e camellos é assassinada entre Balhorah e Shibi ficando mortos mais de 500 homens, levando os bandidos todas as riquissimas mercadorias. — *Italia* — O salteador Musolino é condemnado a detenção perpetua e oito annos de prisão cellular. — *Venezuela* — Uns 1000 revolucionarios venezuelanos apoderam-se do porto de la Vela de Coro, matando 27 governantaes e ferindo 128.

12 *Portugal* — São publicados no Diario do Governo dois decretos regulando os serviços de cabotagem nos portos do continente, ilhas e nas provincias ultramarinas. — *Estados Unidos* — E' assignado pelos secretario e ministro da Dinamarca, o tratado de cedencia das Antilhas dinamarquezas aos Estados Unidos.

13 *Estados Unidos* — Constitue-se em New York um novo trust, para as construcções maritimas com o capital de 20 milhões de dollars, comprehendendo 16 milhões em obrigações. — Todas as *trades-unions* americanas resolvem apoiar moral e materialmente os mineiros da Pensylvania. — *Allemanha* — O Reichstag approva a suppressão dos premios da exportação dos assucares. Por motivo de edade avançada, o sr. Thieteu demitte-se do cargo de ministro das obras publicas.

14 *Portugal* — E' agraciada com o gráu de cavalleiro da Ordem de S. Thiago a actriz Virginia Dias da Silva, do Theatro D. Maria. — *Estados Unidos* — Um violento incendio destroe uma fabrica de passamanaria em Philadelphia, ficando muitas mulheres mortas e feridas. — *Russia* — O tribunal militar condemna o coronel Grimm á privação de todos os seus direitos civis e politicos, e a 12 annos de trabalhos forçados.

15 *Estados Unidos* — O senador Elkins apresenta um projecto para que se proclame a annexação de Cuba aos Estados Unidos. —

*Russia* — Agentes revolucionarios percorrem as provincias do sul excitando os camponezes a revoltarem-se contra os proprietarios.

16 *Cuba* — O presidente Estrada Palma notifica ao governo hespanhol a constituição da republica de Cuba, solicitando que o rei a reconheça.

17 *Hollanda* — O governo hollandez regeita o projecto da Allemauha relativo á união postal com a Hollanda.

18 *Hespanha* — O conselho de ministros resolve communicar ao capitão general que auctorisa a celebração em Barcelona de *meetings* de propaganda da politica de Canalejas. — *Inglaterra* — A camara dos commons regeita a proposta do sr. Morley, deputado liberal para a suppressão do imposto sobre os cereaes. — *Prussia* — E' inaugurado em Dusseldorf o congresso internacional dos seguros operarios.

19 *Inglaterra* — A camara dos commons approva definitivamente, por 227 votos contra 40, a doação de cincoenta mil libras a lord Kitchener. — *França* — O generalissimo Yamont, o ex-ministro da guerra general Gallifet e o general Voissin declaram-se contrarios ao projecto que reduz a dois annos o serviço militar, considerando esta reforma como a morte do exercito francez. *Hespanha* — O rei assigna a nova carta endereçada a Estrada Palma, presidente da republica de Cuba, na qual reconhece a constituição d'aquelle novo estado. — O rei firma um decreto, creando uma medalha commemorativa da sua maioridade. — Os operarios da provincia de Cadiz, incluindo os de Jerez, assentam secretamente na gréve geral. — *Pensylvania* — Depois de uma reunião geral em Patterson (New-Jersey), a favor da gréve geral, as fabricas são apedrejadas e os operarios obrigados a largar o trabalho. — *Portugal* — Sae pela primeira vez do reino Sua Alteza o Principe Real D. Luiz Filippe, a bordo do cruzador D. Carlos, em direcção a Londres, afim de assistir á coroação do rei Eduardo VII de Inglaterra.

20 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o regulamento para o serviço dos correios, approvado por decreto de 14 do corrente. — *Estados Unidos* — Desaba a ponte do caminho de ferro nas proximidades de Shelby ao passar um comboio, cahindo á agua 2 wagons e afogando-se 10 pessoas.



## NECROLOGIA

ABRIL 27 — CARDEAL RIBOLDI, em Roma, arcebispo de Pavia.

28 — CONDE DE RESTELLO, 66 annos em Lisboa, ex-presidente da Camara Municipal de Lisboa e antigo deputado.

MAIO 2 — PRINCIPE JORGE DA PRUSSIA, em Berlim, 76 annos.

3 — XAVIER DE MONTÉPIN, em Paris, 79 annos, notavel romancista universalmente conhecido.

5 — DR. ALCORTA, em Buenos Ayres, ministro dos negocios estrangeiros da Republica Argentina.

6 — ALMIRANTE SAMPSON, em Whashington. Foi o commandante da esquadra americana por occasião da guerra com a Hespanha, fazendo destruir a esquadra de Cervera.

26 — MADAME DURAND, 60 annos, em Paris, notavel novellista que firmava as suas obras com o pseudonymo de *Henry Greville*.



27 — PRINCIPE ALBERTO DE SAXE-ALTENBURGO, 59 annos, em Berlim.

27 — BENJAMIN CONSTANT, 57 annos, em Paris, conhecido pintor, auctor dos quadros *Samsão e Dalila*, *Muito tarde*, *Hamlet e o rei*, *Favorita do emir*, *Mahomed II* e outros.

JUNHO 10 — JACINTHO VERDAGUER, em Bar-

celona, auctor de poemas, entre estes a *Atlantida* e de idyllos mysticos.

10 — SIDI ALI, bey de Tunis, 35 annos.

JUNHO 19 — REI ALBERTO DE SAXE, em Sibyl lenort.

19 — LUIZ ACTON, em Londres, historiador inglez.



## THEATROS

*Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de abril e maio*

MAIO 31 — *Primeira nuvem*, peça original em 1 acto do sr. Conde de Arnozo (Theatro D. Amelia).

31 — *D. Beltrão de Figueirôa*, comedia ao gosto do seculo xvii em 1 acto, original

do sr. Julio Dantas (Theatro D. Amelia)

JUNHO 4 — *O Cutileiro de Guimarães*, drama extrahido pelo sr. Eça Leal do romance de Camillo Castello Branco, o *Regicida* (Theatro do Principe Real).

## LEIS DE NOBREZA EM PORTUGAL

Como curioso agrupamento de leis, e para satisfazer um desejo manifestado por um dos nossos leitores, transcrevemos d'uma antiga revista portugueza o seguinte apanhado de legislação concernente a nobreza :

a) Nobre é pessoa, que tem distincção politica procedente de emprego, que confere nobreza, ou de alguma das honras do reino. *L. de 29 de novembro de 1775 § 3. Alv. de 16 de março de 1757. L. de 3 de janeiro de 1611. Regim. nov. dos dezembarg. do paço. § 118. Ord. l. 5 t. 92, pr.*

b) Os empregos, que conferem nobreza, são :

1. Os que por si só têm essa faculdade dada expressamente pela lei *L. de 29 de novembro de 1775 § 3.*

2. É os a que por lei ou estilo anda inherente mercê de alguma das honras do reino. *L. de 3 de janeiro de 1611.*

c) Honras do reino são vantagens na estimação creadas em o reino. *D. de 10 de junho de 1649.*

d) Debaixo da generica denominação de honras do reino comprehendem-se :

1. O titulo de principe. *C. de 27 de outubro de 1645. Alv. de 9 de janeiro de 1817. C. R. de 17 de dezembro de 1734.*

2. O titulo de infante. *L. de 16 de setembro de 1597.*

3. A grandeza. *L. de 29 de janeiro de 1734.*

4. Os titulos. *Ord. l. 2 t. 45 § 53. L. de 16 de setembro de 1597, e de 23 de janeiro de 1739.*

5. O titulo do Conselho. *Ord. l. 1 t. 1 § 13.*

6. O senhorio de terra. *Regim. de d'El-rei, 11 de abril de 1661.*

7. A alcaidaria mor de castello. *Regim. de 11 de abril de 1661.*

8. Os foros de filhamento. *Regim. de 3 de junho de 1572.*

9. A fidalguia concedida por especial mercê regia. *Ord. l. 5. t. 92 § 6.*

10. A fidalguia *Ord. l. 5. t. 92 § 6.*

11. A fidalguia de linhagem. *Ord. l. 4 t. 104 § 5.*

12. A cavallaria confirmada. *Ord. l. 2. t. 60.*

13. A cavallaria de linhagem. *Ord. l. 5. 138.*

*pr.*

14. O titulo de escudeiro dado por carta ou alvará regio. *Ord. l. 2 t. 45 § 39.*

15. A escudeirice de linhagem. *Ord. l. 1. t. 66. § 42.*

16. O dom. *Ord. l. 5. t. 92. § 7.*

17. O blasão d'armas. *Ord. l. 5. t. 92 pr.*

18. O habito de ordem militar. *P. r. de 25 de abril de 1641.*

19. Os tratamentos. *LL. de 16 de setembro de 1597, e de 29 de janeiro de 1739.*

20. O titulo de parente da casa real. *Regim. de 11 de abril de 1661.*

21. O titulo do desembargo d'el-rei. *Ord. l. 2. t. 45. § 4.*

22. Os grãos de letras. *L. de 16 de setembro de 1597.*

e) As honras do reino entram em o numero dos bens denominados outr'ora da corôa e hoje nacionaes. *Ord. l. 2 t. 26. § 33.*

f) O fim de sua instituição é o nobilitar. *Ord. l. 5. t. 92. pr.*

g) Os empregos, que só por si conferem nobreza, nobilitam :

1. Ou somente a pessoa, que tem algum d'elles, como o de negociante de grosso trato. *L. de 23 de novembro de 1775 § 3.*

2. Ou não só a dita pessoa, senão tambem os seus filhos legitimos ou legitimados, como o de sargento mor ou major de tropa de primeira linha. *Alv. de 16 de março de 1757 e Regim. nov. dos dezembarg. do paço § 118.*

h) As honras do reino nobilitam :

1. A pessoa, que tem alguma d'ellas *Ord. l. 5. t. 92. pr.*

2. Os filhos legitimos, ou legitimados, d'esta pessoa. *Regim. nov. dos dezembarg. do paço § 118.*



3. E os netos legitimos ou legitimados, da dita pessoa. *Alv. de 24 de janeiro de 1771. Regim. nov. dos dezembarg do paç. § 118.*<sup>1</sup>

i) Os empregos, que conferem nobreza, e as honras do reino, nobilitam as mulheres legitimadas das pessoas referidas no paragrafo primeiro e segundo da alinea g), e no paragrafo primeiro, segundo, e terceiro da alinea h), em quanto com ellas forem casadas, ou estiverem viúvas honestas. *Ord. l. 5. t. 120. pr.*

j) A qualidade de nobre adquire-se :

1. Pela aquisição de qualquer dos ditos empregos ou honras, como se disse no paragrafo primeiro da alinea g), e no paragrafo primeiro da alinea h).

2. Pelo nascimento sendo legitimo, ou legitimado, como se expendeo no paragrafo segundo da alinea g), e no paragrafo segundo, e terceiro da alinea h).

3. E pela celebração do matrimonio legitimo, com homem nobre, como se refere no artigo i).

k) A qualidade de nobre perde-se :

1. Pela falta do emprego ou honra do reino, do que procedia a nobreza, que se tinha, *Alv. de 24 de novembro de 1764, Ord. l. 5. t. 92. pr.*  
2. Pela imposição da pena de infamia. *Ord. l. 5. t. 6. § 13.*

3. Pela perda da qualidade de nobre sofrida pela pessoa, de quem se houve por nascimento ou matrimonio, *Ord. l. 5. t. 6. § 13.*

4. Pela mudança de estado de viuvez para o de casada, havendo-se adquirido pela celebração de matrimonio legitimo com homem nobre, *Ord. l. 5. t. 120. pr.*

5. E pelo exercicio publico de officio mechnico, *D. de 10 de junho de 1649.*

<sup>1</sup> O Alvará de 24 de janeiro de 1771, dizendo que, chegando as familias a alliar-se com outras já illustres, ainda que no seu principio fossem escuras, ficam gosando das mesmas honras, declara que as honras do reino nobilitam os netos dos que as têm.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

*Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.*

**A photographia dos cavallos**

A parte mais importante n'este genero de photographia, consiste na maneira de focar.

Se o animal está muito distante da objectiva, a cabeça e o pescoço ficarão muito pequenos em relação á garupa. Se está muito proximo, a cabeça e o pescoço serão muito grandes em relação ao resto do corpo. Colloque-se o cavallo a photographar n'um terreno um pouco inclinado de maneira que as mãos fiquem um pouco mais acima do que os pés, ficando portanto a cabeça um pouco levantada. Faça-se um ruido qualquer e o cavallo levantará as orelhas; é este o momento opportuno de o photographar.

Se o cavallo estiver arreado, deveremos photographal-o n'um terreno liso.

Agite-se um objecto qualquer, por exemplo um chapéu, afim de attrahir a attenção do animal e na occasião em que elle olhar para nós deveremos então abrir o obturador.

Para photographar cavallos em movimento deve-se collocar a camara tão perto do solo quanto possivel. Assim teremos a certeza de apanhar as evoluções das patas.

Por esta mesma forma se photographará um cavallo nos saltos e com este pequeno *truc* parecer-no-ha depois no negativo que o salto foi dado bastante mais alto.

E' por este processo que alguns jornaes de especialidade photographica nos apresentam muitas vezes o cavalleiro sobre o seu cavallo n'uma posição quasi vertical.

**Restauração dos negativos sulfurados**

O *Photo Chronich* indica o seguinte processo, formulas do sr. W. Crookes, para a restauração dos negativos amarellecidos por insufficiencia de lavagem :

Preparam se em primeiro logar as soluções contendo:

A—Agua.....	300 cc
Metabisulfito de soda.....	6 gr.
Acido pyrogalico.....	6 »
B—Agua.....	300 cc.
Carbonato de soda ....	72 gr.
Sulfito de soda.....	24 »

Emprega-se, misturando as soluções A e B em partes eguaes e mergulhando-se n'este banho o cliché a restaurar, préviamente passado por uma tina com agua pura, durante um quarto de hora na obscuridade.

Lava-se em seguida e passa-se a nova solução composta de:

Agua.....	300 cc.
Hyposulfito de soda .. .	45 gr.
onde repousará durante meia hora. Lava-se novamente em agua corrente (1 a 2 horas), e para o aclarar, mergulha-se no banho seguinte:	
Agua.....	300 cc.
Alumem.....	15 gr.
Acido citrico.....	15 »
Sulfato de ferro .....	45 »

deixando-o ahi durante 10 minutos, findos os quaes torna-se a lavar e passa-se finalmente para um banho de ouro preparado como se gue:



A—Agua..... 150 cc.  
 Sulfocyaneto d'ammonia ... 3 gr.  
 B—Agua..... 150 cc.  
 Chloreto de ouro ..... 0,3 gr.  
 ou 30 cc. de uma solução a 1 0/0 de chloreto de ouro.

Para estas soluções misturam-se A e B em partes eguaes.

O negativo torna-se negro n'este banho onde permanecerá 20 minutos.

Esta serie de operações terminam-se com uma boa lavagem em agua corrente.

PACIENCIAS

As Amazonas

(Um jogo de piquet — ennaixado)

Tiram-se do baralho os quatro reis que não entram n'esta paciencia.

Misturam-se e cortam-se as cartas, collocando-se quatro sobre a meza, umas ao lado das outras.

Se apparecer um *az* colloca-se sobre a primeira carta da esquerda, continuando sempre a collocar sobre as quatro todas as outras do baralho, havendo sempre o cuidado de logo que appareçam os outros *azes* de os collocar ao lado do primeiro. Collocam-se depois sobre os *azes* á medida que appareçam, os *sete*, os *oito*, os *nove*, os *dez*, os *valetes* e as *damas* da mesma côr, afim de formar série de cartas a começar em *az* e terminando em *dama*, não sendo permittido collocar as senão quando appareçam destinadas ao monte da mesma linha vertical.

Logo que todas as cartas estejam distribuidas sobre os quatro montes retomam-se co-

meçando pela primeira da esquerda tendo o cuidado de não inverter a ordem em que se encontram, recomeçando novamente a collocar-as sobre os quatro montes e continuando assim até que todas as cartas do baralho se possam reunir á sua familia.

Deve-se ter cuidado que logo que haja uma carta a collocar sobre o monte, de ter em vista o logar que ella deveria occupar e não collocar a carta que apparecer depois no logar da anterior mas sim no monte immediato. Logo que se apresente uma carta que pelo seu ponto favoravel se possa collocar no monte e estiver na mesma linha, pode se collocar immediatamente.

Quando se terminar uma série por *dama* levanta-se e só se distribuem as cartas em tres montes e assim successivamente até que a paciencia tenha chegado ao fim, o que se realiza quando os montes superiores que começaram em *azes* terminem em *damas*.

Se passadas duas vezes as cartas, não se conseguir este resultado, a paciencia não se considera feita.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

- N.º 31 — Em 5 combinações.
- N.º 32 — De 704 982 460 000 maneiras.
- N.º 32 — E' o numero 67
- N.º 34 — Xadrez:

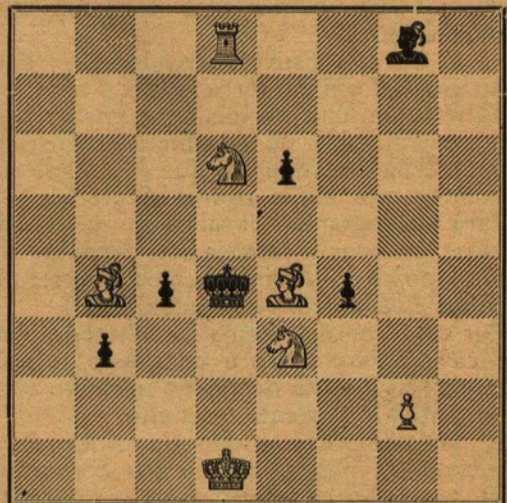
BRANCOS	PRETOS
1 — C. para 5 B. Ra.	1 — T. tira T.
2 — Ra. tira T.	2 — Qualquer,
3 — Ra. xeque e mate.	

N.º 35.

Sendo, como é sabido, a entensidade da attracção exercida pelos corpos celestes proporcional ás massas e na razão inversa do quadrado das distancias, pergunta-se a que distancia do centro da terra está o ponto em que a attracção da lua e a da terra são eguaes; tomando a massa da lua como 1, a da terra é 88; a distancia do centro do nosso satellite ao centro da terra é de 96:000 leguas kilometricas

XADREZ

Num. 36      PRETOS (6 peças)



BRANCOS (7 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lances



